

ÍNDICE

Preâmbulo	7
Introdução	11
Nota de leitura	15
Capítulo 1	21
Natureza e meio circundante – uma relação privilegiada	35
Tecnologia e sociedade	36
A ameaça nuclear	38
A questão metafísica-religiosa	39
Outros traços de personalidade	40
Capítulo 2	43
Fascínio e condenação	43
“X”, a incógnita do conflito económico, a geração sem sombra de ideologia	45
“X”, a geração sem ideologia	47
O conflito de gerações sem causa externa	49
A relação de (des)continuidade presente-passado-futuro	52
As “bedtime stories”, o imperativo mimético da interacção social efabulatória	56
O imperativo mimético	58
Final ‘ascendente’ – magia e reconciliação	64
Silêncio, aporia, realidade virtual	64
Capítulo 3	71
A multiplicidade do eu	71
O jogo de personagens	74
Nomes e identidade	77
Percepção panóptica	81

Relevância ostensiva	82
A sociedade do espectáculo	85
Capítulo 4	95
Coupland e as novas formas de expressão do “real”	95
As novas formas possibilitadas pelas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) – Skaz	98
O texto como organização	100
O texto como acontecimento – a multiplicidade de sentidos	102
Texto literário e não-literário	104
A comunicação como acto performativo centrado no leitor	105
Actos deliberativos e comunidades interpretativas	106
A leitura como actividade não inocente de expansão social do ‘eu’	108
Dialogismo	109
O texto como produto	111
Intertextualidade	111
Contexto	112
Tecnologia do texto e algumas das suas implicações	113
Hipertexto	116
Capítulo 5	123
<i>Technenchantment – Technofobia</i> : os dois pólos da questão tecnológica	123
CMC – Comunicação Mediatizada por Computador	126
Incidências de utilização	128
Dificuldades de uma visão objectiva	130
Interrelações: media – indivíduos/sociedade	130
O conceito de comunidade	133
Comunidade(s) pós-modernas – a metáfora da oscilação	133
Desalojamento filosófico	133
A hermenêutica da oscilação	135
Qualquer espécie de ser (<i>Qualunque</i>)	138
A descoberta da pertença como revelação da noção de ‘ <i>Qualunque</i> ’	143
A metáfora da oscilação	144
Reflexão final	147
Referências bibliográficas	151

PREÂMBULO ¹

Porto, 1998

Creio que prolongar por antecipação um trabalho, que deve valer por si, com um longo preâmbulo é, de algum modo, desmerecer a inteireza do seu possível alcance. No entanto, parece-me imprescindível alinhar algumas notas prévias que possam estabelecer uma transição de leitura entre o título que se anuncia e a reflexão, tal como toma corpo no texto da dissertação.

A necessidade de circunstanciar afinidades electivas, escolhas e critérios em momento anterior ao texto, advém do facto de tanto o nome/figura de Douglas Coupland, como *Generation X* serem textos públicos e fenómenos mediáticos que, como tal, exercem um poderoso controle sobre o meu texto. Antes de mais porque na comunidade académica em que submeto esta dissertação a exame, o nome e a reputação do autor não emprestam a autoridade intertextual que nomes canonizados garantem e como tal comandam, à partida, a necessidade de subverter a noção de autoridade autorial, como premissa para, de algum modo, validar as relações intertextuais desta proposta.

Reflectir e subsequentemente propor e escrever este trabalho foi uma quase imposição de circunstâncias pessoais, que não mergulham as suas raízes em particular atracção pessoal pela cultura popular subjacente aos fenómenos que invoco. Daí que não procure enfeudar a minha análise em parâmetros de cultura popular e de massas.

De facto, pegar no primeiro livro de Douglas Coupland que vi numa livraria, foi acto quase instintivo e embrenhar-me no entendimento do fenómeno foi acto contínuo. Esta evidência subjectiva relaciona-se com o

1 Nota do editor – Conforme o original da Tese de Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesa, pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, defendida pela autora em Maio de 1998.

processo de reflexão alargada inerente aos vários papéis que desempenho na vida profissional: o papel pedagógico que assumo enquanto professora e educadora, o papel de crítica metodológica que exerço, enquanto orientadora de estágios para desenvolvimento de produtos multimédia, o papel de interlocutora em grupos de produção multimédia, o papel de cidadania que cabe a cada um de nós e que me conduz, inexoravelmente, à equação da relação entre tecnologias e sua utilização entre desenvolvimento científico/tecnológico e humanidades.

O conceito moderno de humanidades tem origem no Grego, *paideia*, conceito educativo dos sofistas (século V, AC), orientado para uma cidadania activa na *polis* e na *humanitas* de Cícero, apresentada em *De Oratore* (55 AC). Ambos os conceitos foram adaptados por St^o. Agostinho, tendo sido retomados pela Renascença. O termo *studia humanitatis* era usado no século XV por humanistas italianos para denotar estudos seculares de teor literário e intelectual considerados essencialmente 'humanos'. Três séculos mais tarde, Diderot e os Enciclopedistas franceses censuravam os *studia humanitatis* por terem tomado como objectivo exclusivo o estudo de textos gregos e latinos. No século XIX, com a expansão e alargamento dos sistemas de valor(es) auto-referenciados, as humanidades tomaram finalmente como objectivo o sentido e significado do Homem. Wilhelm Dilthey, por exemplo, definiu humanidades como "as ciências espirituais" e "as ciências humanas", descrevendo-as simplesmente como as áreas do conhecimento para além do âmbito das ciências físicas. Depois de estabelecida a independência das humanidades em relação ao positivismo de outras ciências, o neo-kantiano Heinrich Rickert, já no virar do século, apresentou o argumento metodológico. Rickert argumenta que enquanto as ciências físicas têm como objectivo o movimento de instâncias particulares para leis gerais, as ciências humanas são "ideográficas", isto é, debruçam-se sobre a unicidade, sobre o valor do particular considerado nos seus contextos culturais e humanos próprios e não procuram chegar a generalizações com o valor de lei. Daí que não seja o objecto, mas sim a metodologia da investigação que caracteriza, por excelência, as humanidades.

A identificação das origens da tecnologia confunde-se com a história da própria espécie humana, uma vez que o que distingue os graus de aproximação ao *Homo sapiens* do Cro-Magnon (circa 35,000 AC), são precisamente os graus de especialização no fabrico e utilização de ferramentas.

Com a excepção dos últimos 10 000 anos, o Homem viveu quase exclusivamente em pequenas comunidades nómadas, dependendo das suas capacidades mecânicas para garantia da sobrevivência. Reconhece-se, portanto, claramente que a vida em sociedade sempre dependeu de interações com uma tecnologia (mais ou menos incipiente) e que essa inter-relação é necessariamente complexa. Qualquer estímulo de teor tecnológico pode desencadear uma enorme variedade de respostas sociais, dependendo de variáveis tão imprevisíveis quanto a própria natureza humana.

Se alguma lição há a retirar da história da tecnologia, é precisamente a de que não apresenta indicadores prospectivos. Em suma, a complexidade da sociedade humana não se pode resumir a uma simples identificação de relações causa-efeito e, portanto, qualquer tentativa de identificação da tecnologia como agente do processo de orientação do *continuum* histórico, numa direcção ou noutra, é inaceitável.

É incontestável que a moderna tecnologia confronta a sociedade com um sem número de problemas imediatos, muitos dos quais assumem a estrutura formal de condenação a uma escolha viciada: escolher entre os vários males possíveis. Constitui-se, assim, o "dilema tecnológico", ou seja o dilema entre, por um lado, a excessiva dependência de tecnologias que caracteriza a vida nos países ditos avançados e, por outro lado, a ameaça de que essa mesma tecnologia venha a destruir a qualidade de vida e colocar em perigo a própria sociedade. A tecnologia acaba por ser o móbil da confrontação da civilização ocidental com o imperativo da escolha e a urgência de toda uma série de decisões quanto à utilização das ferramentas ao dispor da sociedade.

Nas palavras de Lynn White, Jr., "Technology opens doors; it does not compel man to enter." ou, segundo o adágio tradicional saxónico, "it is a poor craftsman who blames his tools". De facto pretendemos adiantar como premissa que a tecnologia, em si e por si, é perfeitamente neutra e passiva.

Ao optimismo científico do século passado, terá porventura sucedido o deslumbramento tecnológico dos anos 60, deste século. Contudo, se ao olhar desiludido deste final de milénio parecer ingénuo o optimismo de imaginar que a ciência e a tecnologia trariam a aproximação do paraíso à Terra, também não deixará de ser simplista a corrente pessimista que tende a culpabilizar a tecnologia, atribuindo-lhe as insuficiências e incapacidades que apenas poderemos atribuir à própria humanidade.

C. P. SNOW, no ensaio *The Two Cultures* (1959) identificou a dicotomia entre cientistas e técnicos por um lado e humanistas e artistas por outro, como a diferença entre os que compreendem e os que não compreendem a segunda lei da termodinâmica: $(T_1 - T_2)/T_1$.

Declaro desde já que não compreendo a segunda lei da termodinâmica, nem farei disso meu mister de aprendizagem, mas tendo um percurso de prática e experiência profissional longos anos ligado à exploração de tecnologias de informação e comunicação no domínio das humanidades, nomeadamente em tecnologias educativas, com particular incidência em projectos para utilização exploratória e criativa de hipertexto, hipermédia e multimédia, é com particular empenhamento que abordo áreas de intersecção humanidades – tecnologias.

Isolado, num ambiente tecnológico que domina sem compreender, o homem (pós)moderno é frequentemente apodado de "novo iletrado" ou de "bárbaro urbano". Contudo, o crescimento de tecnologias de "caixa-negra",

cuja operacionalidade só está ao alcance dos raros especialistas que dialogam com o interior intrincadamente complexo de qualquer equipamento electrónico, torna esta nova "barbárie urbana" uma condenação para a maioria dos mortais. Nestas circunstâncias, parece-nos indispensável desenvolver e promover o maior número possível de ligações interdisciplinares e de pontes entre as várias áreas do conhecimento, do saber e do saber-fazer.

Defendo, assim, que a simbiose entre humanidades e tecnologias se manifesta indispensável e que é mister e matéria das artes, das letras, da filosofia, do pensamento de um modo geral, fazer convergir a sua capacidade crítica e a sua imaginação criadora à utilização de tecnologias. É no sentido desta convergência que tento uma contribuição com a presente dissertação.

Porto, Maio de 1998

Maria Teresa Tudela

INTRODUÇÃO

Tema, objectivos e perspectivas de abordagem

Esta dissertação propõe uma abordagem inicial e um levantamento de hipóteses de leitura do texto *Generation X*, de Douglas Coupland, entendido a vários níveis e âmbitos de significação.

Do conjunto da obra do autor, publicada ou difundida electronicamente até à data, isolámos o seu primeiro livro, *Generation X*, como objecto de análise, por se constituir em representação simbólica que nos pareceu particularmente significativa e fértil como foco inspiracional difusor.

Assim, o percurso da análise exploratória empreendida conduziu à interpelação de múltiplas áreas do conhecimento e do saber, nomeadamente da psicologia, da psicanálise, da sociologia, da filosofia e das tecnologias de informação e comunicação. Tendo os caminhos desta pesquisa comandado incursões por áreas interdisciplinares de leque tão vasto, conduziram a argumentação, inexoravelmente, a reflexões alargadas sobre as implicações da escrita enquanto comunicação mediatizada por computador e à consequente necessidade de colocar em evidência os valores humanísticos que lhe estão subjacentes.

Não deixamos de estar conscientes da excessiva ambição do empreendimento que intentamos e das eventuais fragilidades que poderá provocar no texto. Ao propôr mais do que um pólo de atenção para este trabalho, sem deixar de atender à necessária tentativa de equilíbrio entre as suas partes e ao constrangimento do âmbito que lhe é próprio, incorremos no risco de ter que sacrificar algum do desenvolvimento que gostaríamos de expandir mais circunstanciadamente.

Em defesa de uma opção inicial questionável, invocamos as palavras de Richard Rorty – apesar da longa dedicação a tecnologias de comunicação não estamos “immune to romantic enthusiasm” (Rorty, 1996: 8) e acreditamos na utilidade de tentar contribuir para perspectivar “visions of a better future.” (Rorty, 1996: 9).

É sob estas linhas de orientação que nos propomos interrogar formas de entendimento do “estar-no-presente”, tal como se inscrevem no horizonte cultural contemporâneo. Tomam-se, num primeiro momento, como testemunhos a obra *Generation X*, o fenómeno mediático de que foi instrumental e o construto social “geração X”, que servirão de pretexto para um segundo momento de contextualização mais alargada, para a interrogação de um presente informado por novas tecnologias de comunicação e novas formas de organização grupal ou comunitária.

Estruturação e organização

Estruturamos a dissertação em duas partes e cinco capítulos, dos quais o terceiro anuncia a transição entre a abordagem a *Generation X* que, sem se perder de vista, se constituirá como pré-texto para os alargamentos intertextuais da segunda parte.

Numa perspectiva performativa da comunicação toma-se o conjunto da obra publicada por Douglas Coupland como acto comunicativo, abordando-se segundo as seguintes perspectivas:

Macro

- visão de conjunto da totalidade dos significantes e expressões do ‘eu’ – livros, artigos, contos, publicações electrónicas, depoimentos em entrevistas, transcrições de intervenções em sessões públicas presenciais, conferências electrónicas, correspondência electrónica.
- recolha, considerada significativa, das interacções decorrentes do(s) texto(s)
 - recensões e críticas;
 - o fenómeno receptivo em relação à obra: sites WWW, ‘páginas’ Coupland, opiniões do público na Internet;
- contributos para uma análise do “caso” Coupland.

Micro

- o universo *Generation X*:
 - vertentes de leitura,
 - estratégias narrativas,
 - formas de registo e implicações da especificidade do *layout* gráfico.

Relacional

- o texto como processo e o(s) texto(s) como produto:
 - a transparência de uma estrutura hipertextual no(s) texto(s),

- a natureza dialógica da obra em relação a algum do pensamento dominante actual,
- a natureza interactiva do texto em relação às opções de mediatização potenciadas pela tecnologia.

Decorrente da especificidade do objecto de estudo e das formas de actuação para o seu prosseguimento, importante se torna alinhar reflexões breves sobre a problemática com que nos deparámos. Assim, alguns momentos da dissertação serão dedicados a uma reflexão sobre algumas implicações da comunicação mediatizada por computador (CMC) para:

- a metodologia da investigação;
- o processamento de meios;
- o registo de referências;
- a problematização de critérios meta-discursivos.

Estas reflexões têm como objectivo contribuir para a actual discussão sobre as mudanças em curso de formas e funções epistemológicas do conhecimento e do saber, nomeadamente em âmbitos que envolvem conceitos como o de pósmodernidade, ou indagações como o papel das tecnologias de informação e as decorrentes implicações da mediatização da informação e da comunicação no seu relacionamento com o discurso tanto académico como literário.

NOTA DE LEITURA ¹

Este capítulo 1 reflecte o trabalho de compilação efectuado a partir de fontes de natureza múltipla e tem por objectivo oferecer uma visão simultaneamente panorâmica e de teor monográfico, que se organiza segundo a estrutura seguinte:

Assunto

Objectivos do enunciado e caracterização de conteúdo

1. Reunir dados biográficos de Douglas Coupland de modo a:
 - 1.1. salientar dados contributivos para a definição do 'fenómeno' Coupland;
 - 1.2. pôr em evidência o construto "Generation X";
 - 1.3. evidenciar a especificidade do "caso" Coupland;
 - 1.4. traçar uma breve diacronia da evolução temática do autor, com base nos livros publicados até à data.
2. Discutir a construção social da realidade, implícita em atributivos como *best-seller*, *hype*, "guru", "arauto" ou "porta-voz de uma geração":
 - 2.1. a "celebridade" e a relação real – virtual;
 - 2.2. Coupland por Coupland: a sala de espelhos – afirmações sobre identidade pessoal produzidas pelo próprio autor, em entrevistas.

1 Nota do editor – No texto apresentado para defesa de Mestrado, esta "Nota de Leitura" fazia parte integrante do primeiro capítulo. Por uma questão de arranjo gráfico e de facilidade de leitura, entendeu-se, nesta versão para edição, autonomizar este texto.

3. Tentar identificar denominadores comuns entre traços biográficos e obra:
 - 3.1. a relação privilegiada com a Natureza e o meio circundante;
 - 3.2. tecnologia e sociedade;
 - 3.3. a ameaça nuclear;
 - 3.4. a questão metafísica-religiosa;
 - 3.5. outros traços de personalidade.

Metodologia

1. Foi o ponto de partida para recolha de informação numa altura em que Coupland não era ainda assunto de notícia na imprensa com reconhecimento canónico.
2. Como acontece com os novíssimos tópicos de interesse para determinados universos socio-culturais da comunicação mediatizada por computador, a informação e discussão circula em interacção “fechada” no seio dessas comunidades específicas, sem transpirar para um exterior mais alargado ou diversificado, durante períodos de tempo consideráveis.
3. Coupland insere com frequência artigos e participações na Internet que:
 - 3.1. apenas têm existência física electrónica, ou em suporte-bites;
 - 3.2. começam por ter existência física em suporte-bites e são posteriormente “transportados” para suporte-papel, em forma de contos ou artigos publicados por jornais ou revistas como a *Wired* (de que é colaborador habitual);
 - 3.3. coexistem em suporte-bites e suporte-átomos (usamos para a distinção a formulação proposta por Negroponte (1996: 11-20):
 - 3.3.1. exemplificamos retomando o exemplo da *Wired*, por ser paradigmático no caso presentemente discutido (é editora simultânea de publicações periódicas electrónicas e tradicionais com conteúdos parcialmente coincidentes),
 - 3.3.2. Coupland faz processamento em espiral de textos, ou seja, começa por construir um texto em ambiente CMC, alarga-o para edição em publicação periódica e posteriormente expande-o de novo para versão romance ou colectânea de segmentos narrativos.

4. Dada a peculiaridade de estratégias comunicativas do autor, parece evidente o interesse de abordar o conceito de texto não apenas como produto, numa postura canónica de teorização e crítica literária, mas também como processo, numa perspectiva semiótica, cognitivista e/ou construtivista de escrita como processo e de texto como ferramenta de estruturação organizativa de pensamento e de discurso.
5. A metodologia de recolha, selecção, cruzamento e registo operacional de informação e fontes foi processada como segue:
 - 5.1. consulta sistemática de sites WWW sobre e/ou relacionados com o objecto deste estudo;
 - 5.2. verificação da fiabilidade de acesso a esses sites;
 - 5.3. verificação da regularidade de revisão/actualização dos sites referidos no ponto anterior;
 - 5.4. esta actuação foi levada a cabo durante um período de dois anos, com a seguinte incidência:
 - 5.4.1. acesso e consulta prospectiva regular, não sistemática durante o primeiro ano;
 - 5.4.2. impressão sistemática de *corpus/corpora* de informação considerado(s) relevante(s), com registo de:
 - 5.4.2.1. endereço electrónico,
 - 5.4.2.2. autoria de páginas WWW ou site,
 - 5.4.2.3. data de impressão (ano, mês, dia e hora),
 - 5.4.2.4. verificação do universo informativo de cada fonte, ou seja da quantidade de informação contida ou '*linkada*' em cada ocorrência de acesso;
 - 5.5. consulta diária, de duração aleatória, durante os primeiros seis meses do segundo ano;
 - 5.6. consulta diária, com duração sistemática de duas horas, nos últimos seis meses do segundo ano, até ao início da elaboração da versão final do presente texto.
6. Verificação da fiabilidade dos textos electrónicos:
 - 6.1. definição de um universo de amostra, considerado um mínimo razoável para um modelo de investigação informal ou investigação-acção;
 - 6.2. comparação, na Biblioteca da Universidade de Londres, de impressões directas (*printouts*) de textos electrónicos com

exemplares impressos e distribuídos a público, segundo métodos tradicionais.

Registo da bibliografia específica deste capítulo

1. Ao tentar dar conta das dificuldades encontradas e dos raciocínios subjacentes a decisões tomadas e critérios escolhidos (enunciados no ponto seguinte), é nossa intenção contribuir para uma reflexão decerto inovadora, dadas as características comunicativas da WWW e da gestão de informação na Internet. A inclusão de endereços electrónicos (*sites* e páginas) numa bibliografia académica, tradicionalmente torna-se objecto de dúvida e ponderação pelas seguintes razões teóricas essenciais:
 - 1.1. a estruturação rizomática da informação;
 - 1.2. o tipo de “navegação” oferecida (interfaces, ligações, motores de pesquisa);
 - 1.3. as estratégias comunicativas individuais que determinam essa “navegação”;
 - 1.4. o maior ou menor grau de previsíveis garantias de manutenção regular, que cada *node* ou segmento de informação oferece;
 - 1.5. o maior ou menor grau aparente de idoneidade dos autores:
 - 1.5.1. em primeiro lugar dos próprios *sites* ou páginas,
 - 1.5.2. depois, das contribuições individuais incluídas ou ligadas (artigos, ensaios, entrevistas, intervenções em forums de discussão);
 - 1.6. Não consideramos factores igualmente importantes, de ordem prática, como a capacidade e velocidade de acesso, por parte do utilizador, por serem considerados fora do âmbito de abordagem desta reflexão.
2. No sentido de manter critérios de coesão e coerência na notação e registo das fontes, referências e outros dados electrónicos, indispensáveis a um utilizador desta bibliografia, interessado em recolher ou explorar informação nas fontes indicadas, usando a mesma mediatização de comunicação (WWW, World Wide Web) e as mesmas ferramentas de acesso (motores de procura ou “standard browsers”, via Netscape Navigator ou Microsoft Network), adoptaram-se os seguintes critérios:

- 2.1. indicação de autor/a – sempre que identificado/a por nome próprio e não por utilização de pseudónimo (hábito comum entre os *Netizens*);
- 2.2. indicação de título – sempre que existente (em muitos casos um título, identificável como tal, não existe, porque o ponto de partida para o texto é um “botão” ou “hot word” de características icónicas);
 - 2.2.1. a notação usada segue os critérios para indicação de capítulo de livro, ensaio, ou artigo de publicação periódica;
- 2.3. quando se trata de ensaios ou artigos que fazem parte do corpo inicial da página ou *site*, utiliza-se a notação ‘*in*’;
- 2.4. a indicação de data é incluída quando corresponde a data de *copyright*, ou data de elaboração do documento, apresentada como tal pelo/a autor/a do documento, *site*, ou página, em questão;
 - 2.4.1. usa-se, nestes casos, a mesma notação da usada para datas de informação em formato papel;
 - 2.4.2. a data é omitida sempre que considerada não fiável ou duradoura;
- 2.5. considerando que a indicação completa de endereço URL só é útil sendo registada *sic*, ou seja, com observação rigorosa de maiúsculas, minúsculas, pontuação e sem espaços ou quebra;; optou-se pela introdução de parágrafo, nas situações em que a formatação justificada de texto iria translinear uma parte do endereço, com introdução de espaços entre caracteres, susceptíveis de interpretação enganadora;
- 2.6. sempre que o documento electrónico referido está *linkado* (ligado) a mais do que um *site*, ou página WWW, podendo por isso ser acedido por várias vias de navegação na Net, optou-se por dar a indicação de “acessível online”, com registo de um dos endereços possíveis;
 - 2.6.1. notação: *access. online* – escolheu-se ‘access’, como abreviatura, por ser uma indicação com a valência multilingue que uma bibliografia, especialmente desta natureza, deve ter.
 - 2.6.2. notação: *doc. elec.* – optou-se por explicitar a natureza electrónica de uma fonte de citação, mesmo quando o confronto com a respectiva bibliografia o denota, para clarificar a razão da ausência de registo de número de página nesses casos.

3. No registo de endereços e/ou localizações electrónicas adoptam-se critérios de coerência de sistematização na notação, em todos os casos em que os marcadores tradicionais não entram em conflito com as convenções de código para indicação de endereços electrónicos. Assim, a utilização da alternância maiúsculas/minúsculas e a pontuação apresentam os desvios normativos indispensáveis à correcta utilização dos referidos endereços. Do mesmo modo se abdica da utilização normativa do ponto final, uma vez que se pretende evitar a eventual transliteração por parte de utilizadores não familiarizados com as regras lexicais/semânticas em causa – a utilização de ponto (*dot*), no final do endereço levaria a disfunção na utilização prática.

capítulo 1

Tomando como fonte empírica a nossa experiência da vertente de pesquisa assente sobre documentos electrónicos, acedidos por computador e veiculados por redes de informação e comunicação, pensamos que poderá ser de alguma utilidade alinhar, neste momento, algumas reflexões de teor avaliativo sobre as ferramentas e mediatização CMC.

Parece, assim, importante sublinhar que, apesar das dificuldades e relativos inconvenientes que a pesquisa electrónica pode representar, em termos de apresentação e/ou consulta por parte de terceiros, da respectiva bibliografia, este capítulo também pretende provar, *per se*, que ela é vantajosa e, em certos casos, indispensável.

Consideramos, portanto, que se trata de uma fonte de informação e pesquisa não negligenciável em trabalhos desta natureza, dado o seu elevado grau de utilidade, fiabilidade e eficácia na relação tempo – resposta, quer encarada sob o ponto de vista de economia de meios e/ou recursos, quer encarada sob um ponto de vista relacional, ou seja, tendo em consideração os elementos potenciadores de alargamento e enriquecimento cultural.

Parece ainda digna de referência a possibilidade oferecida ao investigador de comunicar com outras pessoas interessadas nos mesmos assuntos, em qualquer local do planeta, sem sair do seu posto habitual de trabalho. Sendo que todo o investimento em pesquisa acaba por se transformar num trabalho bastante solitário e que contactos e troca de ideias significam, geralmente, dispêndios económicos e de tempo dificilmente suportáveis com alguma regularidade, as novas formas de comunicação abertas pela utilização de *e-mail*, *newsgroups*, *newsletters*, e *chat rooms* alargam de forma inusitada as possibilidades deste tipo de comunicação e contacto.

"Suddenly out of nowhere came a young writer, who, with the elegance of a poet, said the things I was feeling. I don't know if Coupland was the first author

..., who said these things, but he surely was the first to get my full attention.”
(Mortensen, 1992: URL cit.)

O que este testemunho, em uníssonos com centenas de outros do mesmo teor, que se podem recolher na Internet e na World Wide Web, demonstra é a importância que leitores da geração dos, denominados, “Xers” atribui a uma voz que, pela primeira vez, os faz sentir, de algum modo, reconhecidos como grupo social específico.

“Suddenly we had a person, who said important and ground breaking things, which the “establishment” and, most important of them all, the press and the media were listening to.” (Mortensen, 1992: URL cit.)

Douglas Coupland é o terceiro de quatro filhos de Douglas Charles Thomas (médico) e de C. Janet Coupland. Nasceu a 30 de Dezembro de 1961, numa base canadiana da NATO em Baden-Söllingen, onde viveu os primeiros quatro anos da sua vida.

Em 1965, a família regressou a Vancouver, no Canadá, onde Coupland cresceu e onde, tanto ele como os seus pais, ainda residem. De facto, os pais habitam a mesma casa para onde mudaram quando regressaram ao Canadá, vindos da Alemanha, pormenor eventualmente demonstrativo do tipo de estabilidade de *background* social e familiar que Coupland contrasta com a sociedade norte americana,

My experience was more unusual than most people in North America. I began kindergarten and finished high school with the exact same group of people. My parents aren't divorced. It was very stable: the community was incredibly intact. [...] At the time, it was an amazing uniformity of view. It was literally the last suburb.

Douglas Coupland completou os seus estudos de nível secundário em 1979, na Sentinel Secondary School em West Vancouver. Tendo primeiro frequentado um malogrado curso de Ciências, diplomou-se pelo Emily Carr College of Art & Design, igualmente em Vancouver, em 1984. A partir daí viajou para o Hawaii, Milão e Sapporo no Japão, onde, em 1986, completou um curso de dois anos em Ciências Empresariais. Recebeu um “business degree” pelo Japan-America Institute of Management Science in Honolulu, uma variante na sua carreira que, de acordo com o *Financial Post* (McQueen, 1992), ainda hoje em dia acha difícil de explicar.

De regresso ao Canadá, dedicou-se à escultura com algum sucesso imediato, tendo realizado uma exposição individual na Vancouver Art Gallery. Ganhou entretanto dois *Canadian National Awards* para Excelência em Design Industrial.

Presentemente divide o seu tempo um pouco por vários sítios, L. A., Escócia, Milão. Recusa-se a possuir mobília, coleciona meteoritos, objectos de arte e cartas, que guarda num cofre em Vancouver. Cultiva uma aparência pouco tratada, de abandono e descuido ("slacker"), tem uma voz densa, ligeiramente nasálada, mono-tonal e fala quase sem marcas de regionalização ("from 'nowhere'", diz).

É especialmente dotado para fazer descrições, sintetizar e inventar neologismos e tem verdadeiro fascínio pelo detalhe. Ian Verchere, programador de jogos de vídeo e seu amigo de longa data, afirma, por exemplo, que Coupland "is always in detail-gathering mode, like a sponge. If he were at dinner with you, he'd be soaking it all in." Quando preparavam a 1ª edição do seu terceiro livro, *Life After God*, Coupland exigiu que o livro tivesse uma dimensão menor do que o habitual e que na badana posterior constasse: "Please remove cover jacket flap before reading.", explicando: "So the book won't be judged by its cover, and so readers will be aware that they are holding this oddly retro little zero-tech paper-and-word object called a book.". Quando preparava o conto para a *Wired* sobre jovens empregados na Microsoft, Coupland foi viver com alguns deles durante um período: "I Gorillas-in-the-Mist-ed with all these people." Enunciados deste teor são constantes e característicos de Coupland, tanto em registo oral, como na sua escrita.

A sua personalidade deveras original chamou a atenção de Malcolm Parry (editor de um pequeno jornal local) que lhe encomendou um artigo sobre um negociante de Arte de L.A.. (Parry achou muito divertido um postal que Douglas Coupland escrevera, durante a sua estadia no Japão). A este primeiro escrito, Douglas Coupland chamou um 'bottom-of-the-food-chain-piece'.

Coupland afirma ter começado a escrever para pagar as contas do seu estúdio de escultura. Nos anos 80 considerava-se ainda um escultor, no entanto, rapidamente entendeu que havia um numeroso público para a sua aguda sensibilidade, estilo original e saber eclético.

O embrião da obra que o tornaria famoso nasceu em 1988, como resultado de um artigo que Coupland escreveu para uma revista da sua terra natal, tendo como tema a geração "post-baby-boomer", que Coupland apelidou "Generation X". O projecto foi continuado em equipa com o ilustrador Paul Rivoche¹, com quem Coupland criou uma banda desenhada para a extinta *Vista* (Toronto), na altura, uma revista recente, publicada por Frank Stronach, o magnata de peças e acessórios para automóveis.

1 Também indicado como Leroche, noutros periódicos. Adoptou-se o registo de maior ocorrência, Rivoche.

A banda desenhada seguia as carreiras de Brad (jovem ansioso por sucesso pessoal), John Boomer (um vencedor nato) e o resto dos "young and restless workforce", reclamando escritórios com paredes e tectos verdadeiros. Coupland costumava chegar todos os dias aos escritórios da *Vista*, para trabalhar no seu cubículo, que designava "veal-fattening pen," definição que fará parte das notas/definições/grafismos de margem do seu primeiro livro, *Generation X, Tales For An Accelerated Culture* (1991).

Fervilhando de ideias, amontoando livros e revistas pouco conhecidos e faxes de celebridades tão variadas como a estrela de rock, Bryan Adams, ou o *chef*, Wolfgang Puck, demonstrava um cérebro inquieto e enigmático, invulgarmente dotado.

O seu agente literário, Peter Livingston, reconheceu o talento de Coupland para estabelecer relações e ligações originais e inusitadas e extrair novos sentido do, aparentemente, insignificante. Contudo, a proposta de publicação de um livro sobre a 'Geração X', foi rejeitada por cerca de duas dúzias de editores canadianos e americanos, até ser finalmente aceite pela St. Martin's Press, em Nova York.

Coupland recebeu uma quantia modesta para escrever uma espécie de manual *pop*, mas decidiu enveredar por caminhos mais arriscados. Como declarou ao *Financial Post*: "If I had to pay the advance back, it'd be like a student loan, so I made the book hugely personal. ... I was inventing something that didn't exist. There just was no consciousness of the twentysomething generation." (McQueen, 1992)

Mudou-se para Palm Springs, na Califórnia e aí escreveu o livro. O resultado, foi demasiado 'diferente' do que se esperava em St. Martin's, mas a obra obteve a aceitação retumbante dos elementos mais novos do pessoal da firma que conseguiram fazer levar por diante uma pequena edição experimental. Publicada nos Estados Unidos, pela St. Martin's Press em 1991 e na Grã-Bretanha, pela Abacus, em 1992, teve re-impressões imediatas. Em 1992, tinham-se já vendido cerca de 200 000 exemplares em 12 línguas, confirmando o impressionante sucesso de vendas, que se mantém até hoje.

Apesar do vasto reconhecimento do livro e de se ter tornado, de um momento para o outro, um fenómeno de popularidade, Coupland sempre se recusou a ser considerado um arauto da sua geração. Tem repetidamente afirmado, em sessões públicas, em entrevistas na rádio e na Internet: "I speak for myself, not for a generation. I never have." acentuando, "I seem to travel through life with that one disclaimer." Apesar de não pretender assumir o papel de "the spokes' person for his generation", a sua fama internacional tem crescido numa progressão espantosa, a maior parte das vezes referenciando-o, *malgré soi*, como o 'guru' de uma geração, claramente problemática, aos olhos do Sistema.

Alguns críticos aproximaram, de imediato, *Generation X* a *The Catcher in the Rye*, no entanto, a comparação parece excessivamente canónica e

formal se a compararmos com a recepção do seu público em primeira instância. Ruth Coughlin (1994) exemplifica:

"(...) once he's finished reading, this crowd stands in a snaking line, eager to shake his hand, even more eager for him to autograph their books. I don't know, says a 14-year-old with a diamond stud in her right nostril. Like, I just like the vocabulary. It's, like, just interesting to read."

A segunda obra de Coupland, *Shampoo Planet*, publicada em Agosto de 1992, teve uma notável primeira edição de 50 000 exemplares. Manteve-se em listas canadianas de *best-sellers* durante nove semanas, apareceu em listas do *Boston Globe*, *San Francisco Chronicle*, e do *Village Voice Literary Supplement*. A *Newsweek* pôs o livro na sua lista "hottest of the hot". Contudo, a recepção a este livro, por parte de alguma da crítica de publicações periódicas, foi muito menos efusiva do que o entusiasmo dos seus admiradores.

Douglas Coupland continuava a ser "um caso" a nível mundial e um caso irremediavelmente controverso.

Shampoo Planet analisa os "global teens," os que cresceram imediatamente atrás dos "twenty-somethings" da Geração X, sob a égide da MTV e do consumismo feroz. Tyler Johnson, o protagonista de 20 anos de idade, está dividido entre o desejo de pertencer à sociedade afluyente, e aquilo que considera ser seu dever individual e responsabilidade pessoal – salvar o meio ambiente e fazer do mundo um lugar melhor. Simboliza as incertezas, idiosincrasias e ansiedades de jovens da sua idade nos anos 90. Preocupa-se muito com a identidade, particularmente centrada sobre o aspecto físico e encontra-se em ruptura com uma família em disfunção e figuras parentais transviadas pela 'cultura da droga' dos anos 60.

"Earth to Mother" é a expressão recorrente paradigmática do chamamento do realismo de uma geração ao idealismo/alheamento de outra. Apesar da sua inserção social, retratada como adversa, o protagonista é motivado por um grau positivo de ambição e por um optimismo, ainda que peculiar, bastante contrário ao tom depressivo generalizado, em *Generation X*.

Shampoo Planet dá, pois, voz à *generation gap* entre a geração de 90 e a geração de 60. Os valores, que a geração de pais, antigos hippies dos anos 60, tenta manter, são desarticulados pelo discurso e o olhar cortante e irónico de Coupland. A nova geração é tratada com um pouco mais de comiseração, na sua tentativa de ultrapassar os conflitos próprios do crescimento e do confronto com uma realidade que traz consigo toda uma série de privações.

Em *Life After God* (1994), uma colectânea de contos, Coupland regressa aos "the twenty-somethings". Aborda novamente uma temática de teor social, como o divórcio, a aniquilação nuclear, ou a dor provocada pelo amor romântico, mas neste volume, ocupa-se primordialmente com a vertente

espiritual e religiosa, de uma geração que caracteriza, em epígrafe: "You are the first generation raised without religion". (1995: 161)

O conto "1,000 Years (Life after God)," (1995: 269) que fecha o livro, centra-se num personagem que decide abandonar a medicação receitada para a crise depressiva que atravessa e conclui, partilhando 'um segredo': "My secret is that I need God – that I am sick and can no longer make it alone. I need God to help me give, because I no longer seem capable of giving; ... to help me love, as I seem beyond being able to love." (1995: 359)

As obras anteriores tinham já denotado um final em ascendência, presumivelmente numa tentativa de deixar um testemunho de esperança, ainda que vago e ténue, a uma geração reconhecidamente a braços com crises várias de valores. No entanto, a intenção pedagógica, não abrevia o traço auto-biográfico da ausência de qualquer sinal de Deus ou religião, amplamente referido por Coupland em entrevistas. Na sua família havia uma recusa total de abordar assuntos religiosos, não celebrando sequer datas festivas com conotações religiosas, como o Natal ou a Páscoa.

Numa série de programas na MTV, transmitidos em conjugação com o lançamento de *Life After God*, Coupland comenta, "I'm creating and giving vent to different personas, or sort of sub-Dougs that live inside of me".

Esta espécie de nostalgia do Desconhecido, esta súbita viragem para um movimento ascendente, buscador de espiritualidade e novos/renovados sentidos para a Vida acrescentam uma faceta porventura, algo inesperada, à perspicácia acutilante de Coupland em relação ao que significa ser humano numa era voraz de desenvolvimento científico, técnico e tecnológico.

O seu livro seguinte, *Microserfs* (1995) marca uma viragem radical para esse mesmo universo da tecnologia.

Tal como *Generation X*, *Microserfs* é o resultado de uma expansão de um conto que, neste caso, Coupland escreveu para o número de Janeiro de 1994 da revista *Wired*. A narrativa centra-se num grupo de empregados da Microsoft que, imersos no ambiente completamente absorvente da empresa, procuram um significado e uma finalidade para a vida. Esse conto, (também acessível online no site AOL da *Wired*), serve agora de primeiro capítulo na versão-livro.

Microserfs (em qualquer uma das suas versões), resulta de repetidas instâncias feitas a Coupland para que escrevesse sobre Bill Gates. Coupland comenta, em entrevista:

A lot of other magazines wanted me to write about Microsoft, but what they actually really wanted was a piece about Bill Gates, like it hasn't already been done. The magazines would say "We're looking forward to your Microsoft article." They really just wanted me to spy on Bill Gates and write about that. I told them "I'm not spying on anyone. You don't want a Microsoft piece, you want a Bill Gates piece, right?" And I said that I wouldn't do it. ... I got *Wired*

and John Battelle to write it into the contract that I was to write a piece about Microsoft and not Bill Gates.

Contudo Bill Gates parece-nos uma 'condenação' inevitável para um autor já transformado em figura de culto e retratista-intérprete privilegiado de fenómenos sociais. O carismático 'dono do mundo', tecnológico pelo menos, parece-nos, também, representar facilmente uma escolha pessoal, no mínimo sedutora, para um jovem adulto, que na casa dos trinta, inicia uma crise metafísica-existencial, como a de *Life After God*. Para alguém que absorve avidamente o mundo que o rodeia e se declara desconhecedor e inexperiente em aspectos espirituais e/ou religiosos, a passagem da invocação de um Deus Desconhecido para a contemplação interpretativa de um deus visível e presente, parece oferecer um *topos* ideal que Coupland dificilmente poderia recusar.

Mantém-se, porém, extremamente cauteloso. Numa perfeita imitação dos adoradores do sol, desvia a sua objectiva da contemplação directa de Gates. Define o território por parâmetros palpáveis, ou seja, pelos seus limites: os génios informáticos que circulam na órbita do cerne da Microsoft.

Enquanto que *Generation X* dá voz a jovens sem território, sem lema, sem noção de escolha ou pertença; *Microserfs* providencia "workaholic computer geeks" com o seu 'momento-templo', na ribalta breve, fluída e cambiante da cultura popular de massas do pós-modernismo e do fim de século.

Microsoft employees really tend to focus their ambitions, talents, drives and financial cravings through the psychic lens of 'Bill', afirma Coupland, em entrevista telefónica a Martin Wolk. "Humans, in spite of technology, are still all too human when it comes to charisma.

Coupland sabe do que fala. Antes de escrever *Microserfs*, o conto, esteve seis semanas no interior do complexo da Microsoft em Redmond, Washington (o "campus" da narrativa) e quatro meses em Palo Alto (conhecido como "Silicon Valley") entrevistando programadores, técnicos de software, conceptores de aplicações informáticas, e "bug busters" (especialistas no despiste de problemas em programas novos).

O seu objecto de estudo – Gates, o gigante da informática, foi observado a partir do interior, a partir do quotidiano – uma residência partilhada, cheia de programadores de computador. Por definição convencional, são aborrecidos, monótonos, 'cinzentos' – usam todos as mesmas roupas, falam sempre dos mesmos programas de televisão e, acima de tudo, trabalham todos as mesmas horas infundáveis no espaço da empresa, com o aspecto artificial de "landscape trees ... seemingly clicked into place with a mouse".

Coupland oferece aos leitores um olhar intimista e rigoroso, mas simultaneamente paródico e cómico de um modo de vida, que ameaça tornar-se rapidamente neste '*brave new world*'.

Desenvolvendo um estilo *quasi-jornalístico*, Coupland captou as suas 'personagens' com olhar sagaz e arguto, "You see yourself in his writing," diz John Battelle, editor da *Wired*.

Numa entrevista publicada na *Wired*, e amplamente citada na imprensa e na Web, o presidente da Microsoft, Bill Gates, apresentou como único descontentamento o facto de o conto não ter sido expressamente classificado como 'ficção'. "They are eager to make a clear distinction between reality and fiction. But overall, MSFTers who have read the book tend to agree 95% that it's a valid and (eerily) accurate depiction of MSFT life."

Para Daniel Underwood, um programador de 26 anos e para o seu círculo de amigos, a comunicação com o mundo exterior ao seu trabalho processa-se apenas via *e-mail*, e no caminho entre as instalações antisépticas da Microsoft e a sua casa a vida não acontece, "I think we'd order our lives via 1-800 numbers if we could," diz Daniel. Um retrato realista das tendências para o futuro próximo? As opiniões dividem-se. Entretanto, Coupland oferece-nos novamente, uma amenização final da narrativa. Acalma os receios de que a tecnologia venha a (tele)comandar as nossas vidas: "Machines can only be products of our being, and as such, windows to our souls," escreve. "By monitoring the machines we build, and the sorts of things we put into them, we have this amazingly direct litmus as to how we are evolving."

"Spain had Hemingway. Paris had Proust. Los Angeles had Chandler. Now Silicon Valley has ... Douglas Coupland. That's progress of a sort, if only because so much of the literature out of this region so far has been computer manuals." ironiza o autor do artigo 'Gorillas in the Smog' (anon.).

Microserfs, na versão-livro, partilha indubitavelmente com os manuais de computador um *layout* expressionista de *desktop publishing*, ou seja, a sua apresentação gráfica, a utilização icónica de formatações e grafismos a interacção intra - e inter-textual.

O seu último livro publicado, *Polaroids From the Dead* (1996), é uma nova compilação de contos e 'instantâneos' do passado recente, num estilo Coupland, que dirige, agora, o talento e a acutilância do seu poder de observador em nova direcção – literalmente a vida e a morte nos Estados Unidos da América. Desde o retrato arrebatador do culto Grateful Dead, à morte de Marilyn Monroe, ou Kurt Cobain, Coupland colecciona um amplo leque de histórias e "postcards" pessoais acerca de personalidades e/ou locais *pivot* para a definição da vida pós-moderna.

Polaroids From the Dead é uma combinação hábil de histórias, factos e ficção – a Princesa Diana, Nicole Brown Simpson e Madonna são alguns dos objectos do escrutínio, que provoca uma autêntica explosão do passado recente duma sociedade obcecada com celebridade, crime, sexo e morte.

Com a avidez e sentido de oportunidade que já lhe são conhecidos, 'salta' novamente em cima do *momentum*.

Na própria semana em que a imprensa de todo o mundo dedica extensos artigos à brilhante e inquietante descoberta científica do embriologista escocês, Ian Wilmut, o número de 10 de Março de 1997 da revista *Time*, dedicado, ele também, à novíssima problemática do "cloning" de mamíferos, anuncia em caixa especial, na capa, um "fiction bonus": "Clone on the Range" (*sic*)² by Douglas Coupland".

O que estas três linhas, em contrastantes maiúsculas amarelas sobre faixa azul, denunciam, para além do óbvio conteúdo informativo, é uma clara atribuição, a esta participação literária, de efeitos apelativos (de *marketing*) para um público tão vasto e diferenciado como o da *Time*. Ou, numa perspectiva ideologicamente mais optimista, critérios de reconhecimento do talento deste autor para identificar, em cima do acontecimento, com cortante perspicácia, os indicadores do hiato histórico presente e dos factores constitutivos do *Zeitgeist*, como pode parecer-nos que se anuncia.

A primeira página deste artigo refere e anuncia o último romance de Douglas Coupland, *Girlfriend in a Coma*, com publicação prevista para o próximo Outono (1997). Conhecedores de um título que, imediatamente, acorda ecos de afirmações em entrevistas, resta-nos esperar.

"Doug is an incredibly creative guy," explica o seu amigo Jacob Weisberg. "He is overflowing with creativity in 300 directions, and he will seize any opportunity to try something new, whether it's painting or movies, film or writing." (cit. in Jon, *doc. elec.*, 1995). Jane Pratt, igualmente sua amiga e editora da revista *Sassy*, concorda: "He has the energy level of a twelve year old boy, and he's constantly looking for outlets." (cit. in Jon, *doc. elec.*, 1995).

Coupland, que parece sistematicamente tentar resistir aos efeitos mediáticos (McLuhan, 1964) construídos e projectados à volta da sua pessoa, é frequentemente citado em afirmações de simplicidade de estratégias estilísticas e reiteraões de transparência intelectual, e. g. "I can't just engineer a weird aesthetic. This is the way my head works."

Usando alternadamente um sentido do cómico, que lembra Woody Allen, nos seus momentos mais criativos; uma ironia crua, amarga, ou mesmo selvática e demolidora; um processo de indagação também pungente e estranhamente solidário com as fragilidades humanas, Coupland atrai centenas de admiradores em qualquer aparição pública, é assunto de vários *sites* regularmente actualizados e objecto de vários grupos de discussão, animadamente participados, na World Wide Web.

2 O título anunciado na capa não coincide exactamente com o título na página 48 (registado na bibliografia).

É também alvo das mais duras críticas. Nas páginas da Internet, que lhe são dedicadas e oferecem acesso a correio electrónico, podem-se ler *e-mails* provenientes de todo o mundo, de pessoas que pensam por exemplo, que só alguém muito estúpido, preguiçoso ou mesmo anti-social, pode concordar com qualquer coisa que este criminoso diga!

Os extremos de opinião abundam e sucedem-se, aparentemente com um único denominador comum, mesmo quando reflectem reacções e sentimentos mistos – não há opiniões desapaixonadas ou neutras.

"I read *Life After God* in a day, pausing only to put the book down and go on long, dazed walks along Lake Washington. It just blew me away. *Life After God* is not as good a book as either of his two previous books, but there are points in it which are better than either," apesar de tudo concluindo, "great moments don't make a great book." (Milhous, 1995)

"In the Desert" é a parte do livro unanimemente reconhecida como a melhor pela crítica, aparentemente pelas razões apontadas pela romancista canadiana, Katherine Govier, "(h)e's in a new group of young Canadian writers who have thumbed their noses at traditional Canadian fiction about landscape." Acrescentando, "Coupland seems to have put his finger on something. *Generation X* has now come into the vernacular and that's a real stroke. It's a North American phenomenon." (*in* McQueen, 1992: *doc. elec.*)

A ideia de 'fenómeno' é confirmada sem cessar em entrevistas e publicações periódicas. Mas Coupland detesta entrevistas. De qualquer espécie, presenciais, telefónicas, via *e-mail*, conferência electrónica e, até, a chuva de perguntas que lhe são dirigidas durante sessões de apresentação de livros, de autógrafos ou de leituras.

Pressente-se, por vezes, nas suas respostas uma atitude aproximada do 'birrento-à-Coupland' ou insidiosamente de *enfant méchant*. Uma *naughtiness* culta, rápida em perspicácia, atenta ao pormenor, usada para 'desarmar' o/a interlocutor/a. O efeito geral é, no mínimo, desconcertante. Coupland trai as expectativas de lógica discursiva do receptor a cada momento. Fã-lo segundo uma estratégia de comunicação muito própria, numa mescla de aturdimento pelo aqui-e-agora, informado pela cultura pop de que é admirador, mas também por referentes culturais e intelectuais mais vastos e ortodoxos, sob um ponto de vista da *intelligentsia* ou mesmo da academia.

"The problems started when trendmeisters everywhere began isolating small elements of my characters' lives and blew them up to represent an entire generation," Coupland wrote. "Then the marketing began. ... This demographic pornography was probably what young people resented the most about the whole X explosion. I mean, sure, other fringe movements of the past-the '20s

expats in Paris, the '50s beats, '60s hippies, '70s punks-all got marketed in the end, but X got hypermarketed right from the start, which was harsh."

"A scion of Madison Avenue." "A symbol of generational marketing." Para o autor torna-se insuportável e absurdo. Insiste e persevera, escreve, quase de rajada, quatro "solid and oddly comforting tales of good people caught in the cacophony of our times." Debalde. Quatro livros e quatro anos mais tarde, os entrevistadores e editores ainda perguntam sobre a tal "Gen X' thing..." Da popularidade instantânea, da celebridade gratificante e inicialmente fruída em pleno; "X", como epíteto para tudo, desde o nome, às 'colagens' nas capas dos livros seguintes, a todas as apresentações da totalidade pública do seu estar, transformaram a '*catch-line*' publicitária em autêntica perseguição e anátema.

Coupland confia a Ty Wenger, "Well, back during the more hysterical years of X-mania, which mercifully have passed, you know, all these corporations, car companies included, were all saying, "Please, we'll pay you any amount of money to tell us what these young people are thinking."» (*in Link*, 1995, *in* Schuman Chung, *access.online*).

Explodiu no terraço do Park Plaza, aparentemente a propósito de nada, "People think I know... I mean, I don't know anything about the way I affect people, I can't read people." (Marchand, 1995, *doc. elec.*)

Jacob Weisberg, um dos editores de Coupland no *The New Republic*, onde colabora ocasionalmente com peças humorísticas comenta: "I can understand why he bristles at being seen as a symbol," concluindo, "No writer aspires to speak for a generation; they aspire to write good books." (*doc. elec.*). Outros são menos cordiais: "Doug tries to say, 'I'm not a spokesperson,'" afirma Jason Cohen, que, com Michael Krugman, escreveu o ensaio paródico '*Generation Ecch!* "But he's allowed himself to become one, which keeps him from being taken seriously as an artist." (Jon, *doc. elec.*). Esta acusação de 'oportunismo intelectual' não é um caso isolado, é um dos argumentos debatidos pelos seus detractores. Outros, porém ponderam assim a questão: "It's revealing that Coupland and the authors of *Generation Ecch!* share a publishing house (Simon & Schuster)" (*in jon@gas.uug.arizona.edu*). A alusão é clara, ao facto inegável de ser comercialmente tão rentável promover Coupland, como esmagá-lo.

"Celebrity itself is thus commodified; notoriety becomes a type of capital. Famous people are widely referred to within the entertainment industry simply as 'names'..." (Gamson, 1994: 62) Coupland é o primeiro a ter consciência deste problema de 'imagem de culto' e 'símbolo', bem como da fácil e rentável manipulação a que, enquanto 'celebridade', está sujeito. Daí, provavelmente, que contactos com os media, ou campanhas promocionais o ponham nervoso e tente exercer um controle, tão absoluto quanto possível, dessas situações.

Aqueles que constituem “... support industries around the development of celebrity products: personal publicists and public-relations firms handle the garnering of media coverage and help manage the packaging of celebrity ..., affecting the pricing and distribution of celebrity.” (Gamson, 1994: 62). A este grupo pertencem também os jornalistas, completamente assimilados pela máquina publicitária, quando não peça potenciadora do próprio motor. (Refiram-se, para encurtar razões, os *paparazzi*).³

Diremos que Coupland não é tão ingênuo que não tenha rapidamente interiorizado a ameaça que a sua celebridade representa(va) – móbil e (re)pasto da estrutura capitalista que simultaneamente ‘constrói’ e ‘destroi’ as ‘imagens’, (ao pé da letra: realidade projectada, virtual) que fabrica, para delas parasiticamente se sustentar (Gamson, 1994).

O que para além da análise de Joshua Gamson (1994) se deverá acrescentar, no caso de Coupland, é o que Deena Weinstein enuncia no seu ensaio crítico ‘Celebrity As Simulacrum’:

Celebrity exists as a product of the media-net to seduce bodies into the Net. The celebrity is the way that cyber-space invades perceptual space: the celebrity's body is the media body, cloned in every possible way (tv, photo, radio, *ad nauseum*). And then in “personal” appearances the image is made flesh, invades the ‘field of perception as a living hologram, becomes virtual. [...]

“Celebrities, those known for “well-knownness,” are walking commercials, advertisements for their selves/*personae* and for any product to which they are (via agents) connected.” (1996: *doc.elec.*)

Weinstein expande a ideia até à última consequência: “Celebrity has become the currency within all areas of society ... a fully generalized medium of exchange, comparable to money...” (1996: *doc. elec.*).

Seguindo esta linha de raciocínio, teremos a dupla ‘Coupland – GenX’ como um caso ‘n²’ – um perfeito exemplo do sistema a funcionar e a potenciar a operação pelo seguro. Ou seja, e segundo o aforismo popular, a ‘matar dois coelhos de uma cajadada’ – parafraseando o aforismo, no caso pendente: ‘como fulminar criador e criação numa só operação de *marketing*.’

Não admira, pois, que Coupland se tenha ‘fechado’ a contactos com os *media*. Não exercendo uma recusa total (comercialmente suicida), de acompanhamento presencial, durante as campanhas de promoção dos seus livros, tem tentado progressivamente ‘virar a arma contra o caçador’ (continuando a explorar a metáfora venatória).

3 Termo cunhado a partir do filme de Federico Fellini, *La dolce vita* (1959).

A interpretação que pretendo adiantar baseia-se em atitudes tomadas por Coupland em intervenções públicas mais recentes como, por exemplo, a de substituição de leituras e intervenções 'ao vivo' por um vídeo, durante a campanha de lançamento de *Microserfs*, facto muito criticado e/ou ironizado pela imprensa e por outros media.

Contrariamente a leituras apresentadas pela imprensa, defendo que não terá sido comodismo, exotismo ou atitude premeditada para contribuir para a geração do 'mito'. Defendo que terá sido estratégia sim, mas funcionando em sentido inverso – precisamente com o intuito de não pactuar com a mistificação. Ou seja, em vez de um Coupland-pessoa-holograma em palco, Coupland preferiu fornecer um Coupland-imagem-vídeo, projectado, de facto, em écran e reservar a intervenção pessoal para inconfundíveis contactos humanos/corpóreos, como os tradicionais autógrafos. Ele, Coupland, em carne e osso, a assinar o seu nome, nos seus livros e fazendo afáveis comentários pessoais, directamente dirigidos a um público-somatório-de-pessoas (e não um público-massa-indistinta).

Pretendo, assim, atribuir a Coupland a coerência da invulgar perspicácia que lhe é reconhecida.

Gamson afirma que "[i]n the early modern era fame was 'deserved' and earned." (1994: 17). Sendo a celebridade, nesta era pós-moderna, primordialmente uma forma (para qualquer sapato), "...people known for themselves rather than for their achievements are more commercially useful because they can be attached to any number of products." (Gamson, 1994: 78). Estabelecendo com este texto uma relação dialógica, pretendo reconhecer em Coupland a capacidade de argúcia para entender, ou intuir, o risco de se tornar um significante flutuante nas mãos dos media, e daí infirir a sua recusa de redução do seu nome à função de signo/símbolo auto-referencial/referenciado.

Reforçando o argumento anterior, propomos uma interpretação para a necessidade espantosa de criação artística. Produzir, produzir 'desvairadamente' (Florbela Espanca) não parece ser apenas um "12-year-old outlet", é, também, uma estratégia para 'ancorar' (no sentido cognitivista, mais do que como metáfora náutica) o seu nome/*persona* à existência real de uma criação literária, corporizando a sua fama, ou seja, fazendo-a decorrer de um *corpus* transitivo – do resultado, com existência física palpável, de uma actuação com sujeito: nome-próprio.

"I don't know that I'm a cult figure," clama. "I just write books. It's a good job description. I'm glad there's been success, otherwise I'd be a Century 21 salesman." (McQueen, 1992: *in* Shumann Chung, *access.online*).

A outra face mostrada por Coupland em entrevistas é, eventualmente, a de um 'eu' mais terreno. Responde com aparente despojo de máscaras. É descrito como caloroso, afável e sincero. A perguntas como: "Is your writing a tool to make a greater sense out of the world?", responde: "Yes. That's the only reason. This accountant, Wayne, up in Vancouver, asks me "Doug, why can't you write books

that people can buy in airports, with car chases and stuff?" I said, "Well Wayne, that's not the way I write." It would be lovely if it was magic and I could crank out something in 18 months, and make zillions of dollars. That's not the way it works." (Laurence, 1994: *in* Shumann Chung, *access.online*)

Ty Wenger propôs-lhe um exercício radiofônico de associação livre, uma espécie de teste de Rorschach verbal acerca do futuro como construto. A sequência estímulo-resposta é sintetizada e ordenada no quadro abaixo:

Ready? Okay.	
In the future,	
careers will be:	Aaahhh... stints?
..., personal computers will be:	Hmmmm... invisible.
..., history will be:	A sentimental luxury.
..., ideology will be:	A plaything of the rich.
..., the approach of the millenium will be:	An anti-climax.
..., politics will be:	Charisma based.
..., the future will be:	An ideology.

(O entrevistador ri.) "Hah. Good. I'm sorry to put you through that. It's kind of like, 'Oh, I have Douglas Coupland, I'm going to use him as a verbal plaything right now.' (*in Link*, 1995: *doc. elec.*).

A tentação de usar Coupland como "verbal plaything" será inevitável, uma vez que ele próprio se define como definidor, através das famosas tabelas e listagens de epigramas com que participa frequentemente em publicações periódicas e na Web; no entanto, contrasta com exclamações, como esta, a propósito da fachada de um prédio dos anos 60: "[...] I feel about it like the way a J. D. Salinger character feels about something a child says. It's so... never to be repeated." (Marchand, 1995: *doc. elec.*).

Sabendo-se que a aproximação e análise comparativa entre *Generation X* e *Catcher in the Rye* surgem em recensões e críticas, desde a primeira hora, interrogamo-nos sobre o verdadeiro alcance deste comentário sobre o carácter de exceção das verdades fundamentais e da não-replicabilidade do que nos toca a sensibilidade como algo de fundamental e por isso único.

Algumas possíveis interpretações a dar a este comentário serão: (a) resulta de um reconhecimento sincero da acuidade dessa análise comparativa entre a sua obra e a de J. D. Salinger(?); (b) é novamente um jogo de arremesso, um devolver de imagens à procedência da fonte mediática(?); (c) é a alimentação, um tanto cínica, do simulacro(?); (d) ou terá sido simplesmente a primeira coisa que lhe veio à cabeça, sem mais *ado*?

Pensamos que, apesar da abundância de ocorrências e diversidade de fontes de registos sobre o 'fenómeno' Coupland, o lapso de tempo a que esta recolha se reporta é relativamente curto para possibilitar tentativas substanciais de interpretação, num sentido de enquadramento algo mais do que prospectivo e precário.

Tentativas de atribuição de coesão significante-significado, ou seja, autor/pessoa – narrador – obra – construção/representação mediática – público (fenómeno social) – leitor/a (entidade individual), ou de procura de estabelecimento de uma qualquer coerência nesta relação polissémica e heteroglótica serão, porventura, prematuras tornando-se, por isso, o exercício excessivamente especulativo.

Daí, optarmos agora por recolher instantâneos da sua voz, tal como é filtrada pelos media, com o objectivo de identificar alguns parâmetros da *mimesis* operada na sua narrativa. Como indicado na nota preambular deste capítulo, organizaremos a recolha numa perspectiva de agrupamento temático.

Natureza e meio circundante: uma relação privilegiada

"... Coupland's particular natural gift – the reason he's able to connect with his readers – is his voracious appetite, and boundless love, for the world that surrounds him, junk and all." afirma o entrevistador Scott Lawrence, baseando-se em afirmações como: " ... So I'm not so down on this world: it's like I made this wish and now I'm here. I do look at all the stuff we've got like fax machines, and even the scary stuff like toxic waste, but still there's a wonder to it all." (Scott Lawrence, 1992)

A sua ligação primordial à natureza, característica, aliás, bem canadiana, é amplamente reconhecida e circunstanciada, ainda que, por vezes, de formas bem peculiares: "Whenever I smoked pot in high school it was always around nature." (Laurence, 1994: doc. elec.). Entretanto afirma não ter dependências pessoais.

I quit drinking and smoking five years ago. I've never done coke, acid, or ecstasy. I smoked some pot in high school. Vancouver is one big drug cesspool. Ecstasy must have some evil side effects? Like you lose 3 million brain cells. That's how a Canadian thinks. (Alexander Laurence, 1994: *in* Shumann Chung *access.online*).

Revela preocupações de preservação ambiental e ecológica consistentes. Insistiu, por exemplo, em que fosse usado papel especialmente fino para a

edição de *Microserfs*, "You save the lives of twice as many trees by printing on the thinner paper stock, which is actually really cool," explica. (Seiler, 1995: *doc. elec.*).

Paz, sossego e tranquilidade são indispensáveis a Coupland, que necessita de contacto com a natureza para o seu equilíbrio emocional, "I have to be near trees all the time. In cities, I start losing it. That's how I ground myself." De facto, em entrevista concedida imediatamente após uma longa digressão de apresentação de livros, por várias cidades americanas, confidencia: "Life is nice and quiet for once. Wish I could thrill you there, but I'm happy to have a nice quiet routine for the first time since high school." (Steve Bróck, 1996).

No entanto, como em quase todos os aspectos da sua personalidade, também a rotina do quotidiano, que tanta falta lhe faz, é algo original. Inquirido acerca do assunto, descreve, em *e-mail*,

My day? Late to bed and late to rise, makes Doug's life a continual surprise. I can't tolerate mornings. I haven't eaten breakfast since the Reagan administration. I don't thrive on routine or repetition, so I avoid all patterning in my days/weeks/ /months/years. (Beverley Slopen, 1995: *doc. elec.*).

A importância dada ao sono é um hábito familiar adquirido, tendo mesmo declarado que tanto ele como outras membros da família, "often missed class, simply because of the need to sleep!"

"In person, he's pale to the point of luminosity and pencil-skinny, with a loud, long laugh and a tiny pursed mouth." – "Sunlight makes me sick," confessa com bonomia." (Jennifer Weiner, 1995: *doc. elec.*). *Generation X* começa com esta mesma afirmação – "The Sun Is Your Enemy", é o título do primeiro capítulo.

"He stays up late most nights reading, sleeps until noon, and has the potentially groggy demeanor of someone who's not quite on the rest of the world's schedule." Este 'desfazamento' com o resto do mundo é tão essencial que, nos E.U.A., escolhe hotéis particularmente altos, de preferência com mais de 50 andares, porque sabe que a partir do quinquagésimo andar há... silêncio.

Tecnologia e sociedade

No entanto, "[b]eing with Coupland is dizzying – like watching TV with someone who constantly clicks the remote", diz Schwiesow (1995: *doc. elec.*).

Coupland pertence a uma geração que nasceu e cresceu sob a égide dos

media. Foi (in)formado com o *boom* das, então chamadas, novas tecnologias, portanto "[i]t always surprises me that people think of technology or machines as being something that is not human. Personal computers are as much a part of humanity as a nest is to a bird." (Schwiesow, 1995: *doc. elec.*).

Pensa que a revolução das tecnologias da comunicação, dos últimos anos, não representa nem uma benção nem uma maldição,

"[i]t's inevitable, so it's off the moral spectrum. You can stand on the beach and watch Hurricane Andrew approach and yell at it to turn around, but good luck to you. The metaphor of a storm makes it sound like a negative thing, but storms are a necessary, thrilling and vital part of any ecosystem." (Romero, 1995: *doc. elec.*).

Apesar de ser utilizador habitual da *Internet*, de manter (ou ter mantido durante muito tempo) comunicação regular com admiradores, comentadores e jornalistas através de *e-mail*; de publicar muitos dos seus contos e artigos numa versão inicial electrónica, como se evidencia na bibliografia específica sobre Coupland, numa entrevista conduzida por Alexander Laurence, sobre o tópico da utilização da "Infomation Superhighway", comenta:

Is the SF Net a Pynchonian secret mail service? ... One thing that I like about E-mail, as opposed to paper mail, is the people who at the moment have E-mail tend to be smarter and funnier and they're written for you. Paper mail is usually someone who wants some money. ... I don't think it's radically transformed the personal web of my own life. At 2 400 baud, how can anything transform the world? (1994: *doc. elec.*).

Em entrevista telefónica à revista portuguesa, *Blitze*, confirma este ponto de vista, dizendo que não *surfa*, na *Internet*, "só a utilizo para *e-mail*. Continuando, "o meu *e-mail* torna-se melhor à medida que a correspondência escrita piora." Argumenta que:

No e-mail somos mais honestos, mais directos, menos «tangas» e, geralmente, tentamos ser mais divertidos. Quando se escreve à moda antiga, em papel, escreve-se pior, mais desonestamente, escrevem-se coisas a que o outro não liga. Normalmente escreve-se tudo menos a verdade. No e-mail escreve-se muito mais sobre nós mesmos, a nossa personalidade, o que é óptimo. E escreve-se mais, comunica-se mais. (*Blitze*, *doc. elec.*)

Apesar disso, não demonstra presentemente grande deslumbramento pelas evoluções tecnológicas. Pelo contrário, acha de um cómico mórbido o facto de "a hi tech, media dense, consumer democracy society" ser tão "messed up", como sociedades tecnologicamente menos avançadas.

"People are still falling apart, many of the certainties which comforted earlier generations are gone. For a while, I tended to put my faith, what there is of it, into things like infrastructure: freeways, civil aviation, technology. For a while I lost the equation between progress and technology; now I'm starting to equate the two again." (Boyd, 1994: *doc. elec.*).

A ameaça nuclear

Provavelmente, desse correlacionamento fará parte a sua obsessão pela ameaça nuclear.

The nuclear threat has never been more real or more serious than it is right now. You have all these nut cases (and I won't even call them countries because they're just nothings) with ICBM's. Everyone thinks that the problem has gone away. It's not gone away. It's gotten worse.

Fica sempre surpreendido, quando ouve alguém dizer, «how can you worry about nuclear issues when they're so "passe," like they were go-go boots or something.» (Alexander Laurence, 1994: *doc. elec.*).

De facto, nos seus primeiros livros, a ameaça nuclear é uma constante fantasmática recorrente. O cogumelo atômico é, em *Generation X*, uma imagem obsessiva dos protagonistas, que se refugiam longe das cidades com maiores probabilidades de irem pelos ares e, em *Life After God*, Coupland descreve, de modo vívido e com enorme expressionismo de tipo plástico, as mais variadas maneiras de se morrer nuclearmente esturricado. Coupland tenta explicar essa preocupação:

People of a certain age: they grew up with nuclear preparatory drills in school. Duck and cover. That kind of stuff. After a while, they gave up on that. Afterwards, there came this whole group of people for whom the bomb was still this enormous, looming, menacing, sexy, deadly presence, and yet there's no mention of it anywhere in the culture. It's not something parents could talk about because they grew up in an era of little bombs. They didn't have the language to discuss these things. Next week, Tamponastan is going to drop a bomb on Armpitastan. And it's going to turn into one big cauldron of venom. It's just a fact of life. (Alexander Laurence, 1994: *doc. elec.*).

No fax que enviou, confirmando a entrevista telefônica com a *Blitze*, introduziu uma pequena nota, em que dizia: "Estou chocado quanto ao modo como os europeus – os que maiores hipóteses têm de ir pelos ares com um

acontecimento nuclear – se importam tão pouco com este tema, e essa apatia é assustadora”. Retomou o tema na comunicação telefônica:

Os europeus não ligam à ameaça de um cataclismo nuclear. Aqui na América o assunto é encarado de uma forma mais acutilante. As pessoas foram treinadas para pensarem mais nisso de modo a justificar os grandes gastos em armamento nuclear. O assunto é preocupante, pois em cada um dos pequenos países que se sucederam à Rússia existem pelo menos umas quinhentas ogivas nucleares e isso não me faz dormir mais descansado. Penso que é imprudente julgar que essa ameaça já não existe. Acho que um dia destes vou acordar e saber que Teerão ou Jerusalém foram riscadas do mapa e então as pessoas vão dizer “oh, afinal isto é algo em que temos de pensar”. (tradução da gravação da responsabilidade da *Blitze*, access online in Shumann Chung, URL cit.).

“Desde a queda do Muro de Berlim que não nos preocupamos tanto com isso...”, tenta argumentar o entrevistador. Coupland insiste: “Os europeus esquecem-se que as armas nucleares não são de esquerda nem de direita. Como uma cadeira ou uma colher ou uma câmara. A tecnologia não tem moral nem ideologia.” (*Idem, ibidem*)

A questão metafísica-religiosa

Mas Coupland, aparentemente, sim. Tenta desde *Life After God*, (obra que exprime e resulta de uma crise individual profunda, sobre a qual nunca elabora) ‘inventar’ uma ideologia, uma religião, uma noção de ser espiritual superior, de Deus.

John Fraser, editor do *Saturday Night* e declarado prosélito de Coupland, descreve-o como o Dalai Lama da geração dos “twenty-something” (1994: *doc. elec.*), contudo Coupland elucida que foi educado sem qualquer orientação religiosa e cresceu sem Deus:

I was raised in a totally secular environment. That germ of Judeo-Christian thinking wasn't there to begin with. You can't imagine it there. It simply wasn't there. You are presuming that I'm some lapsed Christian. I'm not. I'm working from zero.

Numa outra entrevista, explica a Marchand que, depois de ter passado os anos 80 a misturar tintas num estúdio, procura agora em “Libenitz? (Gottfried Wilhelm Leibniz) – all those old dudes – Kant and Hegel and Heidegger – looking for the roots of modern-ness or newness,” (Marchand, 1995).

Perscrutado, numa outra entrevista, sobre se estava a tentar fundamentar uma noção de Ateísmo, elaborou:

Atheism is nothing new. That's been going on for thousands of years. What is new, is that for the first time you had parents in the 50s, 60s, and 70s who found that it was liberating to raise kids without any religion. There's a small group, like myself, who were entirely secular. There's a larger group of Christmas Christians and Easter Christians who got those basic instructions about coping with the bigger issues in life, which in other cultures are simply handed to you on a platter when you're born. (Alexander Laurence, 1994: *doc. elec.*).

Quando isso não acontece, chega-se aos trinta sem um indicador seguro, sem algo fundamental que ajude a orientar a busca de sentido para a vida:

"So you have nothing. *Ex nihilo*. You have to construct some sort of empirically based, rational system of making sense of everything. And that is something I started doing two years ago. I haven't had any major, mega-epiphany, or something." (Alexander Laurence, 1994: *doc. elec.*).

Alega que perguntar a uma pessoa, no caso dele, o que é não ter uma religião é o mesmo que "asking a blind person what it's like to have no sight".

"At the age I'm at now, (fala de ter chegado aos trinta...) I find myself, quite naturally, looking for transcendent values." – "I'm reflective. My favourite thing is sitting and thinking in a quiet room, or in a forest." (Boyd, 1994: *doc. elec.*).

Outros traços de personalidade

Em termos de formação pessoal, Coupland pode considerar-se um indivíduo criado originalmente por uma típica cultura popular.

I remember seeing the *World Book Encyclopedia* in third grade, "he says", looking under 'P' for 'Pop Art', and seeing the Warhol Marilyns, the Lichtenstein *Whaam!*, and it was like, BOOM, that's it. And to find out that was actually a real sensibility, that you could actually think of yourself as being pop. I immediately latched on to it. [... a] lot of it is detestable and silly and dumb. But at least it allows me to be able to communicate with relative ease to someone who grew up thousands of miles away. It's a common bank of experience.

E essa base de dados constrói-se até aos trinta: "I believe that you've had most

of your important memories by the time you're thirty. After that, memory becomes water overflowing into an already full cup."

Mesmo tendo a tentativa de considerar este jovem autor pouco amadurecido e/ou interiormente estruturado, em questões de tipo espiritual e conceptual, não deixamos de concordar com Laurence, quando afirma: "He may be one of the few contemporary writers who is guilty of too much thinking. (1994: *doc. elec.*).

Não se descreve como uma pessoa feliz, "happy is a word Hollywood agents use when they want to steal you away from another agent" e confessa que "[he] still can't connect to his body." (Boyd, 1994: *doc. elec.*).

Como o seu ídolo, Andy Warhol, Coupland nutre um fascínio autenticamente *naïf* pelo mundo à sua volta. Fica 'pregado' a montras, de tal modo que têm que o arrastar dali para fora; telefona aos amigos de aviões, só para dizer "hi"; (um exemplo destes é o *link* audio na versão Internet-hipermedia do conto 'Hubs') e, cultiva uma "virtual community" pessoal – o epíteto que dá ao grupo de amigos que mantem via Internet, telefone, fax, e que é comentada por terceiros como parecendo uma lista de títulos da *Who's Who*.

Para além da sua tremenda hiperactividade, demonstra tendência para verdadeiras fixações, como pelo caso de Patty Hearst, (Boyd, 1994), que acabou de incluir num dos contos de *Polaroids from the Dead* ou o caso absolutamente paradigmático da cultura pop – o já mencionado, Andy Warhol.

Tendo exercido um olhar analítico e atento sobre Douglas Coupland, o fenómeno mediático, sobre a personalidade irrequieta, aguda e humana do autor de *Generation X*, a voz talvez indagadora e, decerto, afirmativa dos textos que se seguiram à criação do mito, sentimos chegado o momento de proceder, metodologicamente, à morte *barthesiana* do autor.

Matar o autor parece precaução particularmente inevitável a uma leitura 'sem ruído' do texto que propomos como um dos objectivos centrais desta dissertação, *Generation X: Tales for an Accelerated Culture*.

capítulo 2

Fascínio e condenação

"The Sun is Your Enemy" (Coupland, 1995: 3) é a afirmação que intitula o primeiro capítulo. Se numa primeiríssima leitura podemos ser levados a associar estas palavras a preocupações e precauções vivenciais dos nossos dias, lembrando de imediato o buraco de ozono, o abuso capitalista de recursos naturais, o abuso ganancioso de florestas e rios, marcas e sinais do nosso quotidiano como protectores solares, indicadores de UHV em frascos, cremes, loções e tubos, crianças à beira-mar com grandes chapéus de abas largas, à Thomas Mann; logo somos confrontados com uma invocação adolescente de um fenómeno cósmico, que leva o personagem a confidenciar, em primeira pessoa, o investimento de todos os seus haveres, até ao último tostão, para financiar uma travessia continental em avião a jacto, até às pradarias canadianas, movido pelo fascínio de um eclipse total do sol.

O pretexto narratológico, de um eclipse do sol, não anula a suspeita, que desde logo se instala como hipótese, de se tratar aqui de uma inversão de valores. O sol, em última análise a nossa fonte de vida, assume o papel de 'inimigo'. Instala-se, assim, desde as primeiras palavras o sentimento de traição, não ao nível da tragédia pessoal de *Othelo* ou *Butterfly*, mas perpetrada ao mais alto nível de significado: a nossa própria cosmogonia e, em última instância, a sobrevivência da espécie humana.

Deitado de costas na terra, no meio de um vasto campo de cereais altos e de arestas finas, acompanhado pelo zumbido apagado de insectos, a expectativa do acontecimento ansiado é acompanhada por uma "mood that I have never really been able to shake completely – a mood of darkness and inevitability and fascination" (Coupland, 1995: 3) Este sentimento pessoal é de imediato alargado indutivamente a traço definidor de um grupo etário: " – a mood that surely must have been held by most young people since the

dawn of time". (Coupland, 1995: 3-4). O 'eu' narrativo anuncia-se desde já como arauto dos sentimentos de uma geração.

Cinco asteriscos denotam, fisicamente, no texto o que seria marcado por uma mudança de plano ou de côr em narrativa cinematográfica – o *zoom* out temporal de uma década e meia, que caracteriza, assim, o segmento anterior como *flashback*. Quinze anos depois, sentado na varanda do seu *bungalow* alugado, em Palm Springs, aguardando na companhia de dois cães o nascer do sol, o tom confessional que mantém é caracterizado como igualmente 'ambivalente'. 'Fascínio' e 'condenação' transparecem agora da particularidade da série de imagens construídas.

Antiteticamente, o sol não vai eclipsar-se, vai 'explodir' num novo dia, no entanto, o sentimento de ambivalência, anunciado pelo personagem, começa inequivocamente a invadir o leitor: fascínio-repugnância, atracção-repulsão, identificação-afastamento, pulsões positivas e negativas, o sorriso provocado pela percepção da ironia, contido e confundido pelo enigmático das imagens, logo apagado pelo contraste da violência das comparações e associações. Não se entende bem se da aparente contradição de termos comparativos nasce um sentimento de provocação, de sarcasmo, de amargura, de guerrilha urbana intelectual confrontada com pulsões genuínas de atracção pela natureza e o convencionalmente 'belo'. Desde logo se dá a imersão no universo peculiar de Coupland, tal como nos parece ser construído em *Generation X*.

A mancha dos montes ao longe apresenta-se "like a piece of overcooked meat" (Coupland, 1995: 4), o sol prestes a irromper é "like a line of Vegas showgirls bursting on stage." (Coupland, 1995: 4). O nascer do sol é também aguardado como acontecimento importante pelos dois cães que acompanham o personagem. A imagem que se começa a delinear num determinado sentido – um homem jovem ao amanhecer, na amplitude da pradaria, acompanhado em sentimento unívoco por dois cães inteligentes, faz-se ruir no momento contíguo – o dono entretém-se "plucking this pale yellow cottage cheesy guck from their snouts," que parece "cheese atop a micro-waved pizza," mas que, na realidade, se suspeita ser "yuppie liposuction fat" proveniente do "rummaging through the dumpsters out behind the cosmetic surgery center" (Coupland, 1995: 4).

A noção de traição, anunciada anteriormente a nível cósmico, tem agora uma analogia paralela a nível social, é reforçada através da indisciplina dos cães e/ou dos médicos, como 'batota', ou falta de observação de regras: "how they manage to break into the California state regulation coyote-proof red plastic flesh disposal bags is beyond me. I guess the doctors are being naughty or lazy. Or both." (Coupland, 1995: 4).

O que parece tornar-se claro é uma nova inversão de valores que advém da inversão de referências mútuas. Ou seja, a imagética é construída a partir da inversão de referências – a grandiosidade da Natureza é

comparada a acontecimentos e/ou objectos menores, feios, grotescos, eventualmente brutais, referenciados a partir de um quotidiano de sociedade urbana, capitalista, consumista e socialmente irresponsável.

Entretanto, acentua-se o "mood" de inevitabilidade, de condenação ao 'fim', fim de era, fim de século, fim de ciclo, de história; fim de qualquer coisa que não será mais possível pela nota/grafismo de margem, paralela a este segmento da narrativa: "(USE JETS) WHILE YOU STILL CAN"⁴ a 'escuridão' e a 'inevitabilidade' de um qualquer suspetado 'fim' vai assim crescendo como *leitmotiv*.

"While you still can" marca o cenário emotivo-afectivo que serve de tecido-base ao relato existencial fragmentar das inter-relações das personagens da obra.

O barulho de uma porta de armário a fechar-se passa o plano para o interior do pequeno *bungalow* e dá conta da existência de outras duas personagens, apresentadas segundo directrizes culturais tipicamente americanas: "Dag is from Toronto, Canada (dual citizenship). Claire is from Los Angeles, California. I, for that matter, am from Portland, Oregon," (Coupland, 1995: 4) acrescentando-se de imediato, "but where you're from feels sort of irrelevant these days" e a razão é explicada, em citação no original, "Since everyone has the same stores in their mini-malls, 'according to my younger brother, Tyler.'" (Coupland, 1995: 4)."

Andy, a personagem construída em primeira pessoa, o diarista/relator/ /comentador destas *Tales of an Accelerated Culture*, caracteriza a sociedade, à margem da qual ele e os seus amigos, Dag e Claire, constroem o nicho de sobrevivência possível, como absolutamente reificada num consumismo radical. Assim, e considerando que as três personagens são oriundas de famílias da média e/ou média-alta burguesia, descreve o trio como "members of the poverty jet set," (Coupland, 1995: 4), detentores ocasionais de "Mcjobs":

"A low-pay, low-prestige, low-dignity, low-benefit, no-future job in the service sector. Frequently considered a satisfying career choice by people who have never held one." (Coupland, 1995: 5)

"X", a incógnita do conflito económico, a geração sem sombra de ideologia

"Generation X – that seemingly innocuous phrase that has become the busiest buzz word this side of Reaganomics." (Wesley Morris, 1995)⁵

4 Parêntesis e sublinhado nosso.

5 Wesley Morris é um *netizen*, júnior da Universidade de Yale, (URL *in bibl*).

A Revolução Industrial e Karl Marx deixaram inapelavelmente o legado da seriedade do papel do trabalho para a construção da sociedade. Leviandade, no desempenho desta directriz sócio-económica, acarreta consequências graves para o sistema social. Transpondo esta consideração de base para o sistema capitalista americano, teremos em questão a grande afirmação de americanidade, o *Sonho Americano*.

O presidente Bill Clinton (ele próprio um *boomer*) reconhece a morte do *Sonho Americano*, para a geração dos *Xers*, quando diz:

Years of neglect have left America's economy suffering from stagnant growth and declining incomes... They have left a mountain of debt and a Federal Government that must borrow to pay more than a fifth of its current bills. Perhaps most sadly, they have left the great majority of people no longer dreaming the American dream. Our children's generation may be the first to do worse than their parents.

É este legado malquisto, o fundamento para a traição denunciada em *Generation X*. Os "Boomers" desmereceram dos seus pais e traíram os seus filhos na perseguição cega e desenfreada do bem-estar material. Ao sintetizar: "eat your parents", Coupland lança um grito de guerra imediatamente reconhecido por uma geração, até aí anónima.

Neste sentido, proponho, como linha de leitura, o facto da motivação de base de *Generation X* ter uma fundamentação de teor estritamente económico.

Se o Sonho Americano está morto, as hipóteses de sucesso, para a geração que chega ao limiar do mercado de trabalho, são uma gigantesca incógnita (matematicamente representada por: "X"). Talvez haja, pontualmente, alguma possibilidade de sucesso, mas não há razão para nutrir esperança, como estado de espírito generalizado, ou alimentar auto-confiança em relação à "American way of life", ou à famosa "chance for everyone", claramente extinta.

De acordo com o Economic Policy Institute, o governo federal incorre num défice anual de 125,8 biliões de dólares em investimentos críticos para o futuro, incluindo formação e educação, mas o país suporta despesas militares superiores aos orçamentos equivalentes, combinados, das dez nações, listadas a seguir aos EU, em termos de desenvolvimento económico.

A Manpower Inc., por exemplo, a maior agência de emprego temporário na América, regista, em mais de 50% dos casos, uma média de idades inferior a 25 anos, em indivíduos pagos à hora, sem benefícios sociais ou de saúde e ganhando abaixo do nível médio, considerado de pobreza.

Comentadores políticos equacionam em 12 gerações o período de tempo necessário para duplicar o nível económico actual; enquanto que, antes de 1973, esse nível de bem-estar económico teria levado apenas uma geração e meia (1,5) a atingir.

Não admira, pois, que os *Boomers* sejam acusados de ter legado aos seus filhos uma era de limitações, se não de limites. Sob a sua vigência, foram criadas as condições materiais que impossibilitam os seus filhos de ter as oportunidades de que eles próprios usufruíram.

O conflito de gerações não é um fenómeno novo. Ruidoso ou pacífico, o fosso que separa pais e filhos na sua postura em relação ao futuro e à vida, acentua-se neste século. Maio de 68 deixa-o bem vincado no nosso passado recente e a geração *hippy* testemunha o hiato no *continuum* de transmissão de sistemas de valores.

Não sendo nosso intuito abordar os grandes choques ideológicos e as práticas políticas aniquiladoras da primeira metade do século, balizaremos esta linha de raciocínio pelas gerações identificadas na história da literatura: a "Tragic Generation", a cujo destino apenas Yeats parece ter escapado, sob a figura tutelar de Lady Gregory; a "Geração Maldita", segundo definição de Paul Verlaine (*Les Poètes Maudits*, 1884) para poetas Simbolistas como Mallarmé ou Rimbaud; a "Lost Generation", que nem o caloroso acolhimento de Gertrude Stein, nem o generoso mecenato de Peggy Guggenheim conseguiram apaziguar; as formas de negação cerebralista e acutilante dos "Absurdistas"; a desconstrução de laivos mais emocionais dos "Angry Young Men", todas as distonias e distopias que constituem o mosaico social sincrético do presente, particularmente atento a minorias e marginalidades sociais.

O que se pretende fazer realçar, através deste alinhamento de afirmações de diferença(s) entre gerações, é o carácter único de "X", que se apresenta, aparentemente sem precedentes imediatos.

Com perfeita consciência do teor polémico da afirmação, apresentamos como postulado que o que torna a *Geração X* única em termos ideológicos é precisamente a sua total ausência de ideologia.

"X", a geração sem ideologia

Considerando ideologia como o conjunto de paradigmas (Kuhn, 1976: 37) vigentes, em concorrência e competição num dado momento histórico, bem como, e neste caso muito significativamente, as fissuras e hiatos entre eles (Masterman, 1970), diremos que a geração deserdada aparece como corpo social no qual são inscritos todos os hiatos ideológicos, ou fissuras do tecido ideológico, de uma era em crise socio-cultural.

A incógnita "X", em *Generation X*, é, portanto, o símbolo que representa literalmente e em registo parodicamente científico (como se de uma equação matemática se tratasse) o conjunto vazio dos vácuos inter-paradigmáticos em presença.

Propomos o argumento "X" = – \$ como representação ou *Vorstellung*

(no sentido freudiano do termo) de uma percepção de superfície que consideramos absolutamente inevitável e decorrente da(s) ideologia(s) do momento, ou seja, a imposição da submissão à economia de mercado. Sendo esta a face ou superfície irrecusável do(s) sistema(s) que nos organiza(m), argumentamos, portanto, que o assumir directo, puro e simples, sem quaisquer outras ornamentações retóricas, ou discursivas/narratológicas, evidencia o desejo de despojo ideológico e reflecte uma ausência de ideologia, não ideológica em si.

A geração "X", tal como é cunhada por Coupland, apresenta-se e assume-se como *Darstellung*, em si mesma, do vácuo ideológico criado/gerado pelas várias ideologias em cena (Masterman, 1970).

A geração sem ideologia é uma mera consequência pontual da encruzilhada de excessos ideológicos; é o *interland* ou o "no man's land" resultante dos excessos de fogo cruzado ideológico, do qual apenas faz eco paródico e até carnavalesco.

Tomando como certo que cada vivência individual é uma experiência de vida única e subjectiva, pensamos que o conjunto de indivíduos que reflecte individualmente uma mesma tipologia de percepção do mundo e das coisas tenderá a procurar uma partilha de percepções que possam ser representadas por uma qualquer designação de inter-subjectividade (*Intersubjektivität*, Zima, 1989).

Coupland fornece no momento próprio o significante exacto. Ao designar por "X" a sua representação discursiva/narratológica da fenomenologia social pertinente a um conjunto específico, mas até aí não especificado, de jovens adultos, rondando os 20 anos, Coupland designa o próprio fenómeno. Supomos que a voracidade com que os media se apropriaram da fórmula e a consumiram até à rápida exaustão é disso prova cabal.

Não escamoteando a consciência do teor polémico do nosso argumento, tentaremos situar o conceito de ideologia de que fazemos uso, no enquadramento vasto e complexo que o contextualiza. Para navegar águas tão densas e intrincadas como as que se deparam a qualquer abordagem do conceito de ideologia, socorri-me, em primeira instância, do estudo, também ele tão denso e extenso quanto abrangente de Peter V. Zima (1989), *Ideologie und Theorie: Eine Diskurskritik* (op. cit.). Este tratado simultaneamente sociológico e semiótico, no seguimento da sua anterior obra balizadora, *Textsoziologie* (1980), apresenta uma análise sistemática do discurso ideológico como estrutura semântico-narrativa. Centrais, em toda a obra, estão as perguntas repetidamente invocadas por sociólogos, filósofos e especialistas em Semiótica: Como se distingue Teoria de Ideologia? É possível fazer uma distinção?

A resposta de Zima a estas perguntas parece-nos cautelosamente dialéctica. Não ignorando que uma síntese incorre sempre no risco de generalizações e/ou simplificações grosseiras, tentaremos sintetizar a posição

de Zima: 'teoria' (em ciências sociais) só pode definir-se por oposição à 'ideologia' da qual decorre (Zima, 1989).

A equação que propomos, "X" = - \$, será, portanto, representativa da filosofia, no sentido de teoria ou paradigma, de um conflito de gerações puramente baseado na ausência prospectiva das oportunidades económicas que informam a ideologia capitalista, consumista e de americanidade da qual decorre.

O conflito de gerações sem causa externa

"Maybe someone got cheated along the way. I wonder." (Coupland, 1995: 7).

A insegurança e inevitabilidade de um 'fim', acrescentada da acusação de 'batota' e da suspeita de 'traição', apresenta um clímax no capítulo "Eat your parents". Tal como anteriormente o sol, fonte cósmica de vida, assume o papel de 'inimigo', instalando desde as primeiras palavras a suspeita de traição, são agora os pais, fonte de existência da vida individual de cada um, que são declarados inimigos.

Ao contrário da sonoridade transgressiva, de um significante usado pelo seu valor provocatório e, para além do sinal de 'ódio' incomensurável e desregrado que a crítica vê nesta invectiva, propomos a leitura de endocanibalismo, ao pé da letra, ou seja, fazemos apelo às teorias subjacentes a práticas antropofágicas, segundo as quais se integram as características dos antepassados, através da integração ritual, metabólica do seu próprio corpo.

Lembramos que o canibalismo, por mais monstruoso e *contra natura* que se nos afigure, tinha finalidades mágicas ou religiosas. Foi encontrado por antropólogos entre povos de quase todos os continentes, desde a história primeva do homem, até ao nosso século.

Antropólogos e sociólogos, mapificam esta prática como um meio de absorver a alma, a vitalidade ou outras qualidades de parentes (ou inimigos, conforme os casos) e referenciam-na até aos tempos modernos em regiões da África Central e Ocidental, na Melanésia (especialmente nas ilhas Fiji), na Nova Guiné, na Austrália, entre os Maoris da Nova Zelândia, nalgumas das ilhas da Polinésia, entre tribos de Sumatra, e entre várias tribos da América do Norte e do Sul.

Na Europa a prática sobreviveu até aos princípios do século XX na península dos Balcãs, onde a prática envolvia a cabeça – tomar a cabeça implicava a transferência da "alma material" do decapitado para o decapitador. A cabeça, completa, foi consumida pelos 'Sérvios da Montanha' ou Montenegrinos, da região de Kosovo, até 1912!

A antropofagia subjacente em "eat your parents" é, assim apresentada

como solução endêmica do *ánthropos*, como estratégia com desígnios antropomórficos. Para que o filho do homem seja, de facto, a imagem e semelhança de seus pais. Ou a única maneira de recuperar um presente, com algumas perspectivas de futuro, passa pela (re)integração física dos pais.

“Hey, Andy. You are what you eat.” (Coupland, 1995: 18) afirmara já Dag, o personagem mais esquizofrênico do trio (estamos a invocar a noção tal como é aplicada à caracterização de pósmodernismo e não num sentido psicanalítico restrito).

Enquanto aspira plutónio do chão da sala-de-estar de Claire, para ajudar Dag, Andy continua morbidamente ansioso com a perspectiva da sua próxima visita natalícia aos pais.

A lógica intratextual do título deste capítulo, segue-se à consideração de Dag, de que estão “always analyzing life too much. It’s going to be the downfall of us all.” (1995: 85); na sequência do que aconselha Andy a fazer como o seu irmão, com as despesas de fax: “... I suggest you do the same thing with your parents. Eat them. Accept them as a part of getting you to here, and get on with life. Write them off as a business expense.” (1995: 85).

Contudo, a aspiração à quebra final do cordão umbilical, a um distanciamento amadurecido de pais com quem não é possível estabelecer comunicação, toma a cambiante enraivecida do desabafo final, “Sometimes I’d just like to mace them. I want to tell them that I envy their upbringings that were so clean, so free of *futurelessness*. And I want to throttle them for blithely handing over the world to us like so much skid-marked underwear.” (1995: 86).

A interpretação generalizada que resulta, sem dúvida, de uma primeira leitura imediatista, é a de expressão de “pure hate”. Inveja e rancor centram-se, aqui, sem dúvida, na “*futurelessness*” desconhecida pelos pais e que constitui a herança da geração presente.

Sendo que a Geração X se encontra num mundo de recursos naturais esgotados ou limitados, acessos limitados e população mundial ameaçada e em excesso, é naturalmente a primeira geração a tomar o conflito entre gerações como um movimento com um fim em si.

Os conflitos dos Baby Boomers com os seus pais tinham uma marca ideológica imediata, giravam política e filosoficamente à volta dos pomos de discórdia da altura: a guerra no Vietnam, a luta contra a segregação, e o rock’n’roll. Como identificar o Vietnam de hoje, porém? A Geração X é um fenómeno diferenciado, porque é a primeira a considerar os próprios pais como inimigos, como resultado de um conflito geracional puro, sem antecedentes imediatos externos ou causa próxima extrínseca.

A relação parental do protagonista, é construída, ao longo de toda a narrativa, em pinceladas gestualistas. Andy descreve:

... we were never a “hugging family.” I, in fact, have no memory of having once been hugged by a parental unit (frankly, I’m suspicious of the practice.) (134);

... my parents, "Frank 'n' Louise," have turned the house into a museum of fifteen years ago." (137); " ... my parents, technophobes both, ... (137).

Defrontado, uma vez mais, com a realidade-pais, conclui: "Already, after ten minutes, *any* spiritual or psychic progress I may have made in the absence of my family has vanished or been invalidated." (137), ilustrando em reprodução de discurso directo: "So, is that the way you're cutting your hair now, dear?" (O cabelo, como marca exterior de afirmação de diferença e fonte de conflito de gerações, é bem conhecido dos imitadores dos Beatles e será tema, enquanto 'ornamento da cabeça', da narrativa seguinte de Coupland, *Shampoo Planet*).

Numa atitude mais conciliadora, Andy comenta: "Parents earnestly try not to inflame, but their comments contain no scale and a strange focus." (137). Neste espírito, constrói um dos momentos mais 'espirituais' e estranhamente poéticos de todo o conjunto da narrativa, o episódio das velas (141 a 147).

"Christmas Eve. ¶I am buying massive quantities of candles today, but I'm not saying why. Votive candles, birthday candles, emergency candles, dinner candles, Jewish candles, Christmas candles, and candles from the Hindu bookstore bearing peoploid cartoons of saints. They all count – all flames are equal." (141) Depois desta observação de consenso ecuménico, a razão para uma aquisição, tão singular aos olhos do irmão mais novo, só é apresentada no dia seguinte e no capítulo seguinte, em duas linhas: "TRANS FORM" (145).

"Christmas Day. ¶Since early this morning I have been in the living room with my candles – hundreds, possibly thousands of them – ... I've been placing candles on every flat surface available, ...". "Candles are everywhere ..." (145). No andar de cima os "three resident Palmer family members" preparam-se para descer depois de conceder a Andy 15 minutos para acabar de preparar a surpresa. "I can see that they have rounded the corner and can see and feel the buttery yellow pressure of flames dancing outward from the living room door" (146).

O efeito surge como surpreendentemente plástico, na recriação descritiva de Andy: "All surfaces devoured in flame – a dazzling fleeting empire of ideal light". Todos instantaneamente "disembodied from the vulgarities of gravity," entram num reino de acrobacias comparáveis às dos astronautas em órbita, "cheered on by febrile, licking shadows." A transformação do espaço monótono da velha sala-de-estar apanha o próprio protagonista de surpresa: "The effect is more than even I'd considered; this light is painlessly and without rancor burning acetylene holes in my forehead and plucking me out from my body." (146)

A intensidade do momento é sentida e explicitada de modos diversos pelos outros membros da família-público. Tyler, o irmão mais novo, e o pai

sentam-se em contemplação, “with the pleasing clumsiness of jackpot lottery winners” e reagem com comparações derivadas dos sentidos: “It’s like *Paris*...” diz o pai, recordando o cheiro a velas e incenso da catedral de Notre Dame; “It’s a video, Andy,” diz Tyler, “a total *video*.”, em exclamação de total saciedade do espectáculo.

Depois de um embargado, “Oh, *my* –”, (146) a mãe tem uma brevíssima intuição feminina: “Do you know what this is like? It’s like the dream everyone gets sometimes ... the one where you’re in your house and you suddenly discover a new room that you never knew was there” (146-147). No entanto, o ténue vislumbre é imediatamente anulado: “... ‘Oh, how obvious ... of course that room is there. It always has been.’”

Apesar do brevíssimo *Verfremdungseffekt* conseguido, a vida regressa rapidamente ao ‘normal’, deixando Andy com um sentimento de vazio. “It is a feeling that our emotions, while wonderful, are transpiring in a vacuum,” (147). “I think it boils down to the fact that we’re middle class.” Afinal formam a classe social ignorada pela história, pagam o conforto do quotidiano com esse silêncio, “all happinesses are sterile; all sadnesses go unpitied.” (147).

O sentimento de vácuo, conclui o episódio: “And any small moments of intense, flaring beauty such as this morning’s will be utterly forgotten, dissolved by time like a super-8 film left out in the rain,” (147) .

Esta cena de ‘luz’, de tentativa de reinvenção ‘iluminada’ da casa e da vida é o primeiro apelo, não ritualizado, à necessidade da intervenção da ‘magia’. Um equivalente momento ‘mágico’ será construído para fechar este 3º painel do tríptico, o episódio da “cocaine white egret”, abordado em detalhe no final deste capítulo.

A intervenção do elemento mágico surge, assim, como recurso para o colmatar da esterilidade da rotina, do museu; da anquilose burguesa da sensibilidade e das capacidades criativas, do tipo, “We had compulsions that made us confuse shopping with creativity,” (Coupland, 1995: 11).

A relação de (des)continuidade presente-passado-futuro

A relação com o passado surge como obstáculo para a viabilização de um futuro: “the future is still unknown and has yet to hurt us,” (Coupland, 1995: 17). Ou seja, o futuro que obviamente não se conhece, está inabalavelmente investido de expectativas negativas que só podem resultar da relação com o passado/presente. Assim sendo, sem a herança de um passado, nem a esperança de um futuro, o presente aparece como um beco sem saída, cuja inviabilidade se reconhece e se nega de modo ambivalente: “never quite able to imagine the cold, lonely despair that people who are genuinely trapped

must feel" (Coupland, 1995: 19) e no entanto professando o "NOW DENIAL: To tell oneself that the only time worth living in is the past and that the only time that may ever be interesting again is the future." (Coupland, 1995: 41).

Temos assim que no eixo do x, a perspectiva horizontal ou diacrônica, o passado marca a traição, o egoísmo, o engano, o deserdar substancial do porvir e que o futuro, ainda que incógnito e denotador de algumas possibilidades em aberto, é radicalmente conotado com expectativas negativas, condicionantes e limitadoras. O eixo horizontal passado-futuro é cortado pelo eixo vertical do y, o presente, resultando deste ponto de encontro um cruzamento *x-y* que é um conjunto vazio, um hiato – o "NOW DENIAL" definido por vários níveis de significação e diferentes âmbitos de implicação, fechando e reduzindo círculos até se centrar no próprio eu.

Assim, para além do alegado crime económico dos *Boomers* contra a humanidade, o uso de 'genocídio geracional' na corrida pela riqueza, constata-se a incomunicabilidade com gerações anteriores, a qual compreende, não apenas o fosso comunicativo com figuras parentais, mas também com os grupos etários mais próximos.

"Now, Martin, like most embittered ex-hippies, is a yuppie, and I have no idea how you're supposed to relate to those people" (Coupland, 1995: 20). A dificuldade é aclarada com uma definição de yuppie, particularmente evocadora de um tipo de humor à Woody Allen:

Dickoids like Martin who snap like wolverines on speed when they can't have a restaurant's window seat in the nonsmoking section with cloth napkins. Androids who never get jokes and who have something scared and mean at the core of their existence, like an underfed Chihuahua baring its teeny fangs and waiting to have its face kicked in or like a glass of milk sloshed on top of the violet filaments of a bug barbecue: a weird abuse of nature. Yuppies never gamble, they calculate. They have no aura: ever been to a yuppie party? It's like being in an empty room: empty hologram people walking around peeking at themselves in mirrors and surreptitiously misting their tonsils with Binaca spray, just in case they have to kiss another ghost like themselves. There's just nothing *there*. (Coupland, 1995: 21)

Mas a sensação de *estrangement* na comunicação também se processa com o grupo etário dos irmãos mais novos. Andy considera, com frequência, o seu irmão mais novo, Tyler, estranhamente gregário, consumista e desprovido de atitudes reflexivas ou críticas.

O isolamento comunicativo relaciona-se introspectivamente com problemas de auto-estima: "All of this [...] had [...] taught me to not really *like* myself." ou, ainda "I was an imposter," (Coupland, 1995: 27). Os níveis diminuídos de auto-estima reflectem-se em incapacidade de integração no sistema de trabalho: "I turned into a Basement Person and never went in to work

in an office again.”. “Now: when you become a Basement Person, you drop out of the system” (Coupland, 1995: 26). Estavam reunidas as condições para a

MID-TWENTIES BREAKDOWN: A period of mental collapse occurring in one's twenties, often caused by an inability to function outside of school or structured environments coupled with a realization of one's essential aloneness in the world. Often marks induction into the ritual of pharmaceutical usage. (Coupland, 1995: 27)

O mal-estar essencial é reconhecido com algum sarcasmo, “seemed unable to achieve the animal happiness of people on TV,” (Coupland, 1995: 30) e atribuído a problemas extrínsecos, adicionais: “But my crisis wasn't just the failure of youth but also a failure of class and of sex and the future and I *still* don't know what.”

Poderemos agrupar esse conjunto de ‘não-sei-que-mais’ em duas grandes categorias de questões: o sentimento de ameaça ambiental, ecológica, nuclear e a incapacidade de contacto físico, repercutido na ausência de prática sexual.

Desde o ar viciado do escritório onde trabalhava, “...getting sicker and more headachy by the minute as the airborne stew of office toxins and viruses recirculated – around and around – in the fans.” (Coupland, 1995: 19), à sensação de perda e fatalidade representadas pelo meio-ambiente, “[t]he world seemed so shiny and new then, Andy, I *know* I sound cliché. God ... I'd sultan then and not be afraid of sarcomas; ...” (134), a integração na vida/no mundo parece impraticável – depressivamente, ‘Dead at 30 Buried at 70’ (29).

O fim do mundo é um *Motif* nas “bedtime stories” de Dag, “eschatological You-Are-There accounts of what it's like to be Bombed,” (62). Precisamente uma dessas histórias do fim do mundo fecha, algo previsivelmente, o círculo da 1ª parte da narrativa da geração ‘condenada’, no capítulo ‘DECEMBER 31, 1999’: “And that's that. In the silent rush of hot wind, like the opening of a trillion oven doors that you've been imagining since you were six, it's all over: kind of scary, kind of sexy, and tainted by regret. A lot like life, wouldn't you say?” (Coupland, 1995: 64).

Para além de efabulações ultra-realistas e pictóricas, comentários como: “until our galaxy goes supernova.” (81), ou “Radiation has more endurance than even Mr. Frank Sinatra,” (109) são reiterados com a regularidade da recorrência obsessiva.

Interligada com o ponto anterior, mas constituindo um âmbito problemático distinto, constata-se a ausência quase total de prática sexual e a incapacidade de manifestações de afecto com contacto físico, tal como são declaradas, ou se podem inferir claramente.

“No one ever seemed to have sex,” (26) comenta Andy sobre os ‘basement-people’, grupo a que então pertencia; “I became nonsexual and my body felt inside-out ...” (30) confidencia Dag, numa das histórias,

explicando, "Sexual signals became omnipresent and remained repulsive. [...] I started to find humanity repulsive, reducing it to hormones," (30).

"For the record, just as happened with me, Dag and Claire never fell in love, either. I guess that would just be too easy. Instead, they became pals, too, and I must say, if nothing else, all of us just being friends *does* simplify life." (61) Deixar as relações íntimas entre os três amigos na esfera do amor platônico é considerado uma 'simplificação', facto, por si indiciador, de um sentimento de mal-estar em relação à fruição sexual.

Claire é a única personagem envolvida num caso de atracção sexual assumida, mas não propriamente amorosa. "I was released from the obsession," "... the only way you can deal with the Tobias of this world is to not let them into your lives *at all*." (160) – a eventualidade da repetição da experiência será pura e simplesmente banida, no futuro.

Dag, a personagem mais complexa (*complexified*) do trio, é também a que revela maiores problemas de identidade sexual. Sem que se levantem propriamente indícios claros de homossexualidade, num momento de maior desinibição, em situação de perseguição-despiste da polícia, no meio de uma festa, «he kisses me, [Andy]... "There. I've always wanted to do that."» (168) e desanda, sem mais comentários ou consequências.

No entanto, ou talvez por isso mesmo, constata-se a presença constante de cães, cujo lombo (sedoso) é acariciado, na maior parte dos casos, por Claire. Acentuamos este 'ingrediente' narrativo recorrente, fazendo apelo às linhas de análise de Desmond Morris, que sobre este particular, menciona: "Embotados nos nossos contactos humanos pelas nossas restrições culturais, canalizamos as nossas intimidades para os animais de estimação, como nossos substitutos do amor." (1971: 214). Esta visão de "*petichismo*" (fazendo o cruzamento de 'pet' e 'fetichismo') reflecte a incapacidade "para comunicar intimamente uns com os outros." (Morris, 1971: 214). No caso de cães, Morris analisa o que se passa quando afagamos o seu lombo: "Num cão grande típico, as costas são fortes e firmes, e são uma substituição perfeita das costas humanas que assim afagamos por procuração." (*idem, ibid.*, 218).

Mas por mais substituições que se operem, a consequência última da negação de desempenho de vida sexual activa, conduz inelutavelmente a uma função de reprodução da espécie ameaçada – no caso presente, à confirmação da 'futurelessness' de uma geração.

As formas de afastamento na relação das personagens com o presente, o real, o aqui-e-agora assumem, porém, cambiantes menos radicais e mais elaborados.

Dag, por exemplo, telefona e quer comunicar a Andy um acontecimento real, perante a sua hesitação e/ou dificuldade de expressão, Andy sugere: "Then make a story out of it." (69).

A mitologização do real, surge, assim, como estratégia para suplantar as limitações pessoais de diálogo realista e maduro, quer nas relações pessoais com

a realidade, quer nas relações inter-pessoais estabelecidas intra-narrativamente. Ritualização, ironia, sarcasmo, grotesco, a exploração de um misto de cómico-amargura e a intervenção antitética e redentora de momentos mágicos são os ingredientes que viabilizam uma existência conturbada, carente e especialmente falha de objectivos e valores – “I should realize that the only reason we all go to work in the morning is because we're terrified of what would happen if we stopped.” (Coupland, 1995: 23).

Em ‘Remember Earth Clearly’, Claire evoca, com uma nostalgia de sensibilidade poética, a recordação que levaria consigo da Terra:

“when I turned my head to walk across, my face went bang, right into my first snowflake ever. It melted in my eye. I didn't even know what it was at first, but then I saw millions of flakes – all white and smelling like ozone, floating downward like the shed skins of angels.” (94)

Na sequência desta necessidade de ‘reciclar’ o passado e, inspirado nas práticas de terapia de grupo dos *Alcoholics Anonymous* (Alcoólicos Anónimos), Andy “... instigated a policy of storytelling in my own life, ... “bedtime stories,”” (1995: 13-14), como forma ritualizada de revelar as suas emoções.

As “bedtime stories”, o imperativo mimético da interacção social efabulatória

“Either our lives become stories, or there's just no way to get through them.” (1995: 8).

“... to tell stories and to make our own lives worthwhile tales in the process.” (1995: 8).

Tales for an Accelerated Culture, reproduzem-se em progressão acelerada, numa simbiose de contos, fábulas, sonhos, evocações e efabulações de vária ordem.

As coordenadas A-B, tempo e espaço, para a inscrição das histórias da história, diferem dentro da lógica da estrutura narrativa, mas são apresentadas segundo a lógica discursiva intra-narrativa:

- A) regularmente, a vida dos três protagonistas transforma-se em: “Time for case studies.” (op. cit., p. 17), definição que deixa transparecer a abordagem de metodologia cientificizada, socialmente aceite, para os males de cada um, na era post-Freud, de terapias ocupacionais, terapias de grupo, encontros de AA, etc., etc. e em que o psicanalista, o americaníssimo ‘*shrink*’, substituiu o mentor espiritual.

- B) "... Texlahoma is a mythic world we created in which to set **many** of our stories. It's a sad Everyplace, ..." (1995: 39). "Everyplace" tem a **ressonância**, **significante**, das metáforas medievais, eco de ambição **universalizante** do teor de *Everyman*⁶, ou das *Chester Plays*⁷. Só que, "Texlahoma is **an** asteroid orbiting the earth," (1995: 39), em violento contraste de referências **culturais**, mas segundo uma arquitetura do mundo nada surpreendente, **emanando** de um autor (in)formado por uma cultura pop e de *massmedia*.

Ser é igual a estar (no tempo presente) e o tempo é equacionado **em termos** de parâmetros personificados:

Me? I'm just me. I never seem to be able to get into the swing of using "time as a color" in my wardrobe, the way Claire does, or "time cannibalizing" as Dag calls the process. I have enough trouble just being *now*. I dress to be **obscure**, to be hidden – to be *generic*. Camouflaged. (1995: 15).

TEMPO

Personagem – Significado

Claire = color

Dag = cannibalizing

Andy = now = obscure

hidden

generic

camouflaged

Neste enquadramento, o estar do trio protagonista processa-se na encruzilhada tempo-espço, segundo estratégias diferenciadas de integração. Segundo parâmetros de moda, no caso de Claire; por 'canibalização', no caso de Dag e por generalização, dissimulação, que se faz coincidir com camuflagem, no caso de Andy. À necessidade de anonimato, de fuga para o deserto, de dissimulação no meio de um todo incompreensível, de auto-defesa e preservação por obscurecimento de uma singularidade ainda mal identificada, chamaremos um imperativo mimético.

6 *Everyman*, "morality play" inglesa, do século XV, geralmente considerada a mais conseguida das dramatizações alegóricas das Escrituras, devido à vívida caracterização de personagens.

7 "Chester Plays", ciclo de *Mystery Plays* do século XIV.

O imperativo mimético

A prática de camuflagem convencional restringe-se a medidas defensivas de protecção militar. É um meio de ocultar instalações, pessoal e equipamento militar através de disfarce visual. No entanto, a distinção entre camuflagem e *mimesis* não é sempre clara, especialmente quando se trata de uma semiologia unilateral – quando só o modelo e a emissão mimética são conhecidos. A camuflagem destina-se ao não-reconhecimento pelo público-alvo, por dissimulação no meio-ambiente, enquanto que na comunicação mimética o valor atribuído aos significantes é do conhecimento do receptor.

As “bedtime stories”, em *Generation X*, são histórias da história de si mesmo; são efabulações intencionais das projecções de si, personificadas em alter-personagens, como a de Buck (termo coloquial para dólar), o “astronaut/monster hibernating in the guest room” que, depois de um envenenamento espacial, só ambicionava “fall into a deep deep sleep.” (41) – conto que interpretamos como um híbrido da *Cinderela*, e da *Bela Adormecida* numa alegoria à crise da economia americana.

Ou a história de Edward, o jovem só, que tinha como ponto de honra jamais ser solitário e que criou o seu próprio “private world – a magic and handsome room that only he could inhabit” (48-49). Nessa sala-biblioteca foi atacado, quase mortalmente, pelo seu fiel *spaniel*, transformado em *rottweiler* e finalmente impelido a trocar o refúgio mágico, transformado em pesadelo horrífico e grotesco, pelo mundo exterior. Durante os dez anos, em que se auto-sequestrara, “the rest of humanity had been busy building something else – a vast city, built not of words but of relationships.” Nesse hipertexto urbano de significados sociais “... directions were impossible.” (51) e a ideia da possibilidade de utilização de um mapa era vista como autêntica loucura ou obscenidade.

Esta história que interpretamos como uma mescla híbrida de Jorge Luis Borges (*The Garden of forking paths* Tlön), Umberto Eco (*O Nome da Rosa*) e Italo Calvino (*If on a winter's night a traveller*) pondera a relação entre mapa e território; conceito e realidade; sentido e caos; determinismo e determinação.

Alternando com as histórias ‘inventadas’, também são urdidas “true stories”, como a que Andy conta sobre a sua estadia no Japão e o modo como o convite do sr. Takamichi para ver a sua mais valiosa possessão, uma fotografia a preto e branco de Marilyn Monroe (expondo inadvertidamente zonas íntimas, ao subir para um táxi), o fez abandonar impulsivamente o país, tomado de pânico existencial repentino. Este episódio, um híbrido de mitos japoneses e americanos, sob a invocação tutelar de Rilke, sublinha o desencontro primordial deste(s) personagem(s) e desta geração.

A história de Elvissa, ‘The Boy with the Hummingbird Eyes’, que começa com um múltiplo de Calvino: “So if all of you will please lean back

and relax now, I will tell it."⁸ (p.97). Elvissa recorda com nostalgia o seu primeiro amor, Curtis, o vizinho com quem brincava aos médicos e que reencontrara, recentemente, desmoralizado e abatido, obcecado por um evento de guerra, sucedido a seu lado, com Arlo, um companheiro de armas de olhos muito azuis. Durante um cerrado ataque inimigo, um bando de beija-flores, atraídos pela cor azul, investe contra ele, "trying to ... build their nests with Arlo's eyes." (102).

A alegoria da demanda espiritual de Linda, a herdeira americana que resolve observar o preceito de uma seita dos Himalaias, de dieta rigorosa e meditação por um período de sete anos, sete meses, sete dias e sete horas, para atingir libertação e êxtase espirituais. Já no fim do seu tempo de reclusão meditativa, é visitada pelo homem santo, Laski, que tendo lido sobre o seu caso na *Stern*, nos Himalaias, tenta vir salvá-la: " 'You children from Europe ... from America ...' " disse, " 'you try so hard but you get everything wrong – you and your strange little handcarved religions you make for yourselves.' " – tinha havido um problema transcultural de interpretação: "Yes, you were to meditate for seven years and seven months and seven days and seven hours ...but that's in *my* calendar, not yours." – o que significaria aproximadamente um ano! Apesar das incorrecções, vencera e, depois de uma "supernatural conversion" do seu corpo, "the piece of light that was truly Linda vacated her old vessel, then flitted heavenward ..." (128).

Finalmente, a alegoria-fábula da suprema felicidade pela simbiose com a Natureza – Andy confia que o maior sonho da sua vida é estar deitado, de costas, ao sol em "... perfect silence, just me and oxygen, not a thought in my mind, with pelicans diving into the ocean beside me for glimmering mercury bullets of fish." (173). Numa imitação de Dag, do dia imaginado da sua morte, também Andy ouvirá o bater de asas de pássaros, mas de pelicanos e o clímax do sonho realiza-se quando "a great big dopey, happy-looking pelican that will land at my side ... with smooth leathery feet, waddle over to my face, without fear and with an elegant flourish ... offer before me the gift of a small silvery fish." (173).

Esta "bedtime story" surge num tom confessional, já de transição para um narratário-leitor, ou seja, exterior à narrativa base – história de fundo, em vez de um público imediato intra-narrativo (os amigos a quem são 'contadas'). Constitui a mitologização mais conseguida em termos da extraordinária síntese e economia de recursos, com que é construída. É caracterizada por uma simbologia freudiana/jungiana, diríamos que expressionista, pela carga significativa dos elementos introduzidos e, ao

8 Em *If on a winter's night a traveller*, Calvino inicia a narrativa, exortando o leitor à concentração receptiva: "Relax. Concentrate. Dispel every other thought. Let the world around you fade."

mesmo tempo, impressionista pela economia de meios indicadores do complexo de Édipo e da simbiose anterior à diferenciação sexual:

- a) o primeiro elemento simbólico é um pelicano, alteridade de cegonha – indicador de feto e primeira infância;
- b) o sujeito está deitado de costas, aquecido e de mente ‘limpa’, como um bebê num berço;
- c) à sua volta pressente a azáfama da luta pela subsistência, que lhe trará alimento;
- d) esse alimento é trazido pelo bico do pelicano cuja simbologia fálica se metamorfoseia em mamilo – simultaneamente pai e mãe/homem e mulher;
- e) o alimento-pequeno-peixe sintetiza características de leite materno e de espermatozóide (esperma, o ‘fluxo-leite’ resultante da sucção do pênis-mamilo);
- f) vem do mar – líquido amniótico, vida intra-uterina, o alimento da mãe, mas é oferecido pelo *falus*;
- g) traz-lhe suprema felicidade, sacrificaria tudo por esse momento inigualável de êxtase.

As “bedtime stories” constituem-se em momentos particulares a vários níveis:

- *Alternância de papéis* – temos um/a narrador/a em primeira pessoa, dentro de uma narrativa em primeira pessoa, em que o papel de contador de história-público, narrador-narratário ou emissor-receptor oferece a inter-alternância de papéis;
- *Efeito meta-narrativo* – as “bedtime stories” conferem um papel de suporte meta-narrativo à narrativa-base, uma vez que as personagens ‘ouvintes’ passam a constituir-se em público intra-narrativo em relação ao público-leitor da obra;
- *A teia textual* – a narrativa-base só existe, durante as “bedtime stories”, com suporte inter-textual, ou seja quando se estabelecem referências ou pontes com dados anteriormente fornecidos pelo tecido intra-textual da narrativa.

O valor metafórico e mítico das “bedtime stories” é explicitamente reconhecido na última história, que ‘desmonta’, ‘des-constrói’ e identifica a dissimulação narrativa até aí usada como estratégia: “It’s about a young man ... *oh, get real* ... it’s about me.” (p.173).

Este ‘descobrir’ das estratégias comunicativas até aí utilizadas, o ‘revelar’ de ansiedades, medos, pulsões, ambições e desejos, a admissão do foro íntimo como realidade psicológica constitutiva do eu-narrador, parece

esvaziar a razão de ser da narrativa, trazendo-a ao desfecho final, para além do século e para além do medo. Em 'Jan. 01, 2000' (título do último capítulo), Andy ultrapassa, de algum modo, os receios e as incapacidades que serviram de tecido narrativo à história de fundo.

Correndo o risco da contradição mais flagrante, apresentamos o *oxymoron* da afirmação de que Coupland irá usar de 'open-closure', para deixar uma imagem poética e uma mensagem de esperança à deserdada Geração X.

Passaremos agora a propôr um enquadramento psico-social para a prática ritualizada de 'contar histórias', tomada até aqui como modelar para a estruturação ficcional da obra.

A articulação textual de *Generation X*, a amálgama de histórias da história, é um jogo que se reveste de características com implicações psíquicas profundas para além de evidentes traços lúdicos, como os que são apontados por Huizinga (*op. cit.*, 1955).

Teorias de interação social como, por exemplo, a que é definida por Eric Berne em *Games People Play* (1967), estabelecem que a privação sensorial decorrente da ausência de estímulos físicos, do tipo dos que ocorrem na intimidade física, conduz a estados de instabilidade emocional e verdadeiras psicoses. Sendo esta relação causa-efeito inelutável no caso de bebês e crianças pequenas, tende a ser mascarada e complexificada, através de várias formas de sublimação, no caso do ser adulto:

Under most conditions he will compromise. He learns to do with more subtle, even symbolic, forms of handling, until the merest nod of recognition may serve the purpose to some extent, although his initial craving for physical contact may remain unabated. (Berne, 1967: 14)

À medida que as complexidades das soluções de compromisso aumentam, cada indivíduo se particulariza e individualiza progressivamente na busca de reconhecimento – o equivalente, socialmente aceite, a carícias ou contacto físico – “a *stroke* may be used as the fundamental unit of social action. An exchange of strokes constitutes a *transaction*, which is the unit of social intercourse.”⁹ (*id.*, *ib.*, 15).

Ainda segundo Berne, estas diferenciações podem ser estruturadas individualmente de duas maneiras – actividade e fantasia – formando uma matriz de complexidade crescente: (1) Rituais; (2) Passatempos; (3) Jogos; (4) Intimidade e (5) Actividade. (*id.*, *ib.*, 18, 19).

Assim as vantagens do contacto social centram-se na manutenção do equilíbrio psíquico-somático. "The most gratifying forms of social contact, whether or not they are embedded in a matrix of activity, are games and intimacy." (id., *ib.*, 19). No entanto, como Berne também afirma, "Prolonged intimacy is rare, and even then it is primarily a private matter; significant social intercourse most commonly takes the form of games," (*id.*, *ib.*, 19).

Andy declara, I instigated a policy of storytelling in my own life, a policy of "bedtime stories," (1995: 11-12). A particular mais-valia desta forma de comunicação, para os personagens, advém da regra estabelecida de completa ausência da atribuição de juízos de valor ao conteúdo ou teor das histórias, numa atitude que se aproxima da proclamada 'inocência' infantil.

Ora 'infantil', acriançado, "childlike" é um atributo que se tornou literalmente menor, indesejável, até pejorativo, numa sociedade pós-industrial, que se quer de 'trabalhadores' responsáveis e acima de tudo rentáveis. No entanto, sob o ponto de vista das ciências do comportamento, o termo «childlike» is used in describing the Child (an archaic ego state), since it is more biological and not prejudicial. Actually the Child is in many ways the most valuable part of the personality, and can contribute to the individual's life charm, pleasure and creativity. (Berne, *ib.*, 25-26).

Berne, ainda, propõe uma estrutura subjacente interactiva – "Child Ego State", "Adult Ego State", "Parent Ego State", em que os três vectores "Child", "Adult", "Parent" se entrecruzam e assumem alternadamente o protagonismo do "eu" conferindo as cambiantes comportamentais com que o ser humano se organiza socialmente.

Sendo os "Ego States [...] normal physiological phenomena", cada tipo de ego tem o seu valor vital específico para o organismo humano.

In the Child reside intuition, creativity and spontaneous drive and enjoyment. The Adult is necessary for survival. It processes data and computes the probabilities which are essential for dealing effectively with the outside world. ... The Parent has two main functions. First, it enables the individual to act effectively as the parent of actual children, thus promoting the survival of the human race. ... Secondly, it makes many responses automatic, which conserves a great deal of time and energy. (Berne, *ib.*, p. 27)

Neste sentido, podemos então afirmar que a actual quebra/perda do 'saber' consensual, tradicional das figuras parentais se traduz na impossibilidade da 'resposta automática' com o surgimento da consequente 'resposta' ponderada – própria do "Adult" e não do "Parent" ou, alternativamente, da ausência de 'resposta' que determina o colapso, a ausência da figura-parental-valor.

Andy, Dag e Claire denunciam claramente esses sintomas. Como já vimos, a sua manipulação da realidade revela-se através de procedimentos rituais ou jogos e passatempos (aqui agrupados para simplificação de argumentação).

"A *procedure*¹⁰ is a series of simple complementary Adult transactions directed toward the manipulation of reality. ... [A] *ritual*¹¹ is a stereotyped series of simple complementary transactions programed by external social forces", define Berne e acrescenta: "The difference between them lies in the origin of the predetermination: procedures are programed by the Adult and rituals are Parentally patterned." (*id.*, *ib.*, 35-36 e 40).

Para além das vantagens da estruturação do tempo e dos ganhos individuais decorrentes da transacção, os jogos e passatempos servem ainda funções adicionais de selecção social de papéis, de confirmação desses mesmos papéis e de estabilização de 'posições' sociais, num processo largamente inconsciente e intuitivo. Berne utiliza o termo 'papel' para argumentar um conceito muito aproximado do da "persona" de Jung, excepto que é menos oportunista e mais profundamente enraizado em fantasias individuais.

"Beautiful friendships" are often based on the fact that the players complement each other with great economy and satisfaction, so that there is a maximum yield with a minimum effort from the games they play with each other. (Berne: 55).

Berne intitula o último capítulo de *Games People Play* com a pergunta retórica "After Games, What?", apresentando à laia de conclusão:

For certain fortunate people there is something which transcends all classifications of behavior, and that is awareness; something which rises above the programming of the past, and that is spontaneity; and something that is more rewarding than games, and that is intimacy. (Berne: 184).

Teremos, então, que os componentes de interacção social desejáveis para uma vida adulta amadurecida são: consciência alerta ("alertness"), espontaneidade e intimidade, aspectos que, em essência, parecem faltar nas inter-relações Andy – Dag – Claire.

Contudo, a cena final do texto parece indicar uma tentativa de 'novo' alertamento por parte de Andy, decorrente de formas muito específicas e inopinadas de espontaneidade e intimidade, introduzindo assim uma nota de movimento ascendente no compasso final do tríptico, *Generation X*.

10 Itálico no original.

11 *Idem*

Final 'ascendente' – magia e reconciliação

Desde a proclamação da 'morte de Deus' e consequente perda de padrões de valores, que Nietzsche é considerado figura crucial na análise histórica da intelectualidade presente.

Críticos e pensadores como, nomeadamente, Ihab Hassan (18-19), identificam-no como antecedente e mediador, tanto de Freud e interpretações freudianas, como de existencialistas.

Em *The Will to Power*, Nietzsche justifica o advento do niilismo pela necessidade de novos valores, ou de um significado renovado para os antigos valores. Para ele, tal como para os existencialistas, a questão fundamental da existência humana é uma questão de significado. Como, em última análise, qualquer significado tem a sua origem na realidade humana, qualquer afirmação é uma manifestação do corpo e, portanto, a falta de sentido traduz a falta de relação entre a interioridade do homem e o 'verbo'; entre a realidade exterior e o corpo – "meaninglessness is a correlative of abstraction." (Hassan, 1987: 19).

The human Dionysus or the Superman to come is not a loquacious creature. The modern revolt against verbal discourse may be thus seen, at bottom, as a revolt against authority and abstraction: the civilization that Apollo sponsored has become totalitarian, and the tools he gave man to live by have become machines fueled on abstractions. (Hassan, 1987: 19).

De facto, o *Übermensch* preconizado para a Modernidade, deu lugar ao *homo faciens* da indústria e das tecnologias pesadas e, por sua vez, ao *homo comunicans* da aldeia global. Essa comunicação, contudo, toma um cariz novo e muito especial. McLuhan, em *The Gutenberg Galaxy* faz a previsão do retorno a uma cultura tribal oral, permeada de um terror primevo: "Terror is the normal state of any oral society, for in it everything affects everything all the time." (1965: 32, 279).

Em equivalente reconhecimento de uma realidade ameaçadora, Hassan faz coincidir a atitude defensiva com o silêncio, corporizado também como atitude literária – "... silence emerges as a literary attitude and thus a fact of our time." (Hassan, 1987: 20).

Silêncio, aporia, realidade virtual

A literatura como 'verbalização' ou enunciado do silêncio, conhece-se desde o célebre solilóquio de *Hamlet*. A apória representada nessa incapacidade

de agir, decidir, sequer pensar, transformou-se na condenação do 'eu' narrativo de Beckett, modelar precursor da desconstrução discursiva.

A aporia desse ser, não sendo é uma problemática social equacionada, *in extremis*, em estado processual, ou de meta-linguagem. Produz, por exemplo, *L'Innommable* (1952) e toda a endêmica indecisão do Absurdo beckettiano.

No *Grau Zero da Escrita*, (1953), Barthes deixa claro que a língua básica da absoluta honestidade do ser narrativo se reflecte na "escrita branca", como maneira de existir de um silêncio, que recusa qualquer instrumentalização ideológica.

Ao silêncio formal, literário e ao grau zero da comunicação inter-pessoal deste final de milênio, teremos, por hipótese, que:

In the next millennium, we will find that we are talking as much or more with machines than we are with humans. What seems to trouble people most is their own self-consciousness about talking to inanimate objects. We are perfectly comfortable talking to dogs and canaries, but not doorknobs or lamp-posts (unless you are totally drunk). (Negroponte, *op. cit.*, 145-146).

Assim, transpondo a constatação para uma análise de comunicação enquadrada num âmbito tecnológico, digital, nasce o *oxímoro* da realidade virtual, ironizado por Negroponte: "If prizes were awarded for the best oxymorons, *virtual reality*¹² would certainly be a winner." (1996: 116).

O pleonasma parece menos ofensivo, se analisado da seguinte forma: "If the words 'virtual reality' are seen not as noun and adjective but as 'equal halves,' the logic of calling VR a pleonasm is more palatable. Basically, VR makes the artificial as realistic as the real." Exemplificando: "In flight simulation, its most sophisticated and longest-standing application, VR is more realistic than the real."

A transição de uma idade industrial para uma idade pós-industrial e de informação tem sido tão debatida e questionada, que quase se esvaziou de conteúdo e, "we may not have noticed that we are passing into a post-information age." (Negroponte, 1996: 163).

The industrial age, very much an age of atoms, gave us the concept of mass production, with the economies that come from manufacturing with uniform and repetitious methods in any one given space and time. The information age, the age of computers, showed us the same economies of scale, but with less regard for space and time. (Negroponte, 1996: 163, 165).

As transições radicais nas inter-relações humanas não se operam sem dramáticas recusas-adaptações à mudança. Segundo Ihab Hassan, a mudança é obscurecida pela tentativa de construção efabulatória de 'continuidades' históricas (Hassan, Ihab, *op. cit.*, 1987).

A mudança parece, no entanto, inevitável em muitos momentos da História. Já W. B. Yeats (1865-1939) "a smiling sixty-year-old public man"¹³, num poema que se considera central no universo da sua obra e central para a compreensão da passagem da modernidade para a pós-modernidade, enuncia a desagregação eminente do *Spiritus Mundi*:

*Turning and turning in the widening-gyre
The falcon cannot hear the falconer;
Things fall apart; the centre cannot hold;
Mere anarchy is loosed upon the world, [...].*¹⁴

Por outras palavras, o *Spiritus Mundi* perdera contacto com a *Anima Mundi* e o *Zeitgeist* permitia a derrocada – "the centre cannot hold"- advindo a completa anarquia em desagregamento e derisão. Yeats, contudo, não adopta uma visão completamente negativa e niilista das ameaças do seu tempo,

*Surely some revelation is at hand;
Surely the Second Coming is at hand.*¹⁵

Coupland encontra-se decerto longe da noção teosofista de história cíclica, com deidades específicas para cada ciclo (ou "gyre"), ou da noção mitológica, subjacente, da transposição diacrónica da divindade de um contexto cultural para outro, renomeando-se mimeticamente ao correr da História. De facto, Coupland coloca-se emblematicamente no 'deserto'. Mas, na sua inserção pós-modernista e opção atitudinal, *Generation X* não deixa de esperar também um *Second Coming*, uma espécie de revelação insuspeitada e por isso inomeável, mas que se projecta, como ténue esperança, para um futuro, que se pretende, ainda que vagamente, de reconciliação.

Generation X acaba para além do final do século, em 1 de Janeiro de 2000, num tom de optimismo sobre um pano de fundo de fertilidade:

"I drove to Calxico ... ¶There is a sense of great pride in the land here ... this region's startling fecundity – its numberless fields of sheep and spinach and dalmation-skinned cows – feels biologically surreal. *Everything* secretes food here." (1995: 175).

13 Auto-retrato em *Among School Children* (in *The Tower*, 1928), 1991: 323-325.

14 *The Second Coming* (in *Michael Robartes and the Dancer*, 1921), 1991: 294-295.

15 *Ibidem*.

O protagonista transgride, ao chegar a Mecca, de modo juvenil e em uníssono com a atmosfera sentida, "I'd just stolen a warm orange the size of a bowling ball from a roadside grove and a farmer rounding a corner on a tractor had caught me;" para sua surpresa, "[a]ll he did was smile, reach into a bag beside him and throw me another." Depois desta reacção do mais absoluto simbolismo judeo-cristão, Andy resume: "A farmer's forgiveness felt very absolute." (1995: 175)

Começa assim o segmento narrativo final, que deixa ao leitor (*narratee/narratário/a*)¹⁶ a mensagem ascendente, em 'open-closure', característica dos primeiros livros de Douglas Coupland.

De imediato, se passa à sensação antitética: "It was a vision that could only have come from one of Dag's bedtime stories: it was a thermonuclear cloud ... angry and thick, with an anvil-shaped head the size of a medieval kingdom and as black as a bedroom at night."

Tinha finalmente sido 'apanhado', a temida nuvem lá estava a corporizar o medo obsessivo, o terror, o pesadelo premonitório da tragédia nuclear, tão repetida e vividamente antecipado por Dag. Porém, depois de vários quilómetros de aproximação ansiosa da base do 'cogumelo', a nuvem escura tinha, afinal, uma fonte simples e comezinha: os agricultores tinham feito uma queimada, cujo fumo crescera desmesuradamente. Mal nos começamos a sorrir com a condescendência do regresso à 'normalidade' temperada pelo lado algo cómico do exagero, logo somos confrontados com nova viragem de tom.

Os campos carbonizados, tinham-se transformado em atracção turística instantânea e pelo meio das muitas viaturas, paradas a apreciar o espectáculo, aproximou-se "a dozen or so mentally retarded young teenagers, male and female, gregarious and noisy," (1995: 177), que subitamente silenciaram.

"Most occupants leaned against their cars with arms crossed over their chests, silently respectful of the accidental wonder before them It made us smile at each other." (1995: 177)

O fenómeno motivador dos sinais de estabelecimento de comunicação de grupo era uma "cocaine white egret".

É este o elemento simbólico escolhido para a narração paródica de um rito 'iniciático'.

16 Temos, até aqui, utilizado o termo 'leitor' no seu sentido genérico. O sentido que o conceito assume a partir deste momento aproxima-o do que Gerald Prince chama "narratee" (1971: 100-106) e Gérard Genette "narrataire" (1972: 265-267). Porque a escolha terminológica portuguesa, 'narratário' se aproxima mais da definição de Genette e pretendemos manter implicada a noção de Prince, adoptaremos a alternância inclusiva '*narratee/narratário*'.

No meio da contemplação geral, do “*oobing and aabing*” de admiração pelas proezas acrobáticas do pássaro, que volteava o seu imaculado branco sobre a negritude do céu e da terra, Andy sentiu “something sharp drag across my head,” com um “swoop swoop swoop” – “The egret had grazed my head” (1995: 178).

Tinha sido ‘escolhido’, tinha começado o seu rito ‘iniciático’, enquanto o heterogêneo grupo “watched, entranced,”. Passando os dedos pelo cabelo, “to bring down a drop of blood on my finger did I realize the directness of the bird’s contact.” (1995: 178).

O contacto físico, iniciado com a incisão na cabeça e simbolizado pelas gotas de sangue palpadadas com as próprias mãos, tem continuidade de forma estranha e poética: “a pair of small fat arms grabbed around my waist, ... [i]t was one of the mentally retarded teenagers, a girl in a sky blue calico dress, ... “ (1995: 178). A implicação da inocência e da representação visual da figura angélica é reforçada pela reacção: “I bowed down on my knees again ... while she inspected my talon cut, hitting it gently with an optimistic and healing staccato caress – it was the faith-healing gesture” acrescentando, “of a child consoling a doll that has been dropped.” (1995: 178-179).

A criança-mãe consola e acaricia a criança-boneco – a simbolização da reconciliação do filho reificado, que se deixou cair ao chão, com o valor pacificador e harmonizante do contacto físico afectivo e securizante.

Esse primeiro gesto individual da “mentally retarded teenager” é seguido em imitação grupal por outro e outro e outro par de braços. “Suddenly I was dog-piled by an instant family, in their adoring, healing, uncritical embrace, each member wanting to show their affection more than the other.”

O ardor da demonstração afectiva tornou-se em breve uma pressão exagerada, ao que ocorreu o acompanhante dos jovens, tentando “yank them away.” – “ ... how could I explain to him, ..., that this discomfort, no this *pain*, I was experiencing was no problem at all, that in fact, this crush of love was unlike anything I had ever known.” (1995: 179).

O “well-intentioned gentleman,” contudo tinha compreendido. Enquanto fingia observar, vagamente, o pássaro branco, contrastando sobre o campo negro, permitia que continuassem “crushing me with their warm assault of embraces.” (1995: 179).

“I can’t remember whether I said thank you.” (1995: 179).

Os rituais iniciáticos ou ritos de passagem mais comuns são os que se ligam a eventos normais, mas críticos, do ciclo de vida, tais como nascimento, casamento, morte e ainda, muito vulgarmente, o atingir da puberdade, ou da maturidade. As interpretações psicológicas dos ritos de passagem dão enorme ênfase ao seu valor de mitigação de ansiedades pessoais, num sentido realista, esses ritos funcionam como orientação normativa para relações

sociais e religiosas, reforçando laços intra-grupais e relações com o sobrenatural.

Na interpretação do antropólogo Bronislaw Malinowski (1944) têm a utilidade simbólica e psicológica de servir de ligação, ou ponte entre lacunas perigosas, em todos os actos importantes ou situações críticas para a manutenção das "necessary conditions of survival" (1944: 121) do ambiente artificial de necessidades adquiridas, a que chamamos cultura.

J. M. Whiting, combina teorias sociológicas e psicanalíticas para tentar explicar cerimónias de iniciação masculinas, conduzidas em sociedades onde os códigos éticos e morais se encontram intimamente ligados a, ou identificados com credos religiosos. Nestes casos o ritual é frequentemente carregado de simbolismo e preconiza a imposição de marcas físicas visíveis, muitas vezes externas, como insígnias da transição para o novo estado ou estatuto.

Andy, a personagem pós-moderna do virar do milénio, terá virado, ela também, uma página decisiva no limiar de um processo re-iniciado de crescimento/amadurecimento.

"By refusing order, order imposed or discovered, this kind of literature refuses purpose; [...] its world is the eternal present." (Hassan, 1987: 10).

Os elementos de literatura pós-moderna, indicados por Hassan (tomando como referência *Finnegans Wake* de Joyce) são o sonho, o paródico (*parody*), o jogo, o trocadilho/calembur, a fragmentação, a efabulação, a reflexão, o *kitsch*, a gnose de um *Logos* irónico no limiar do puro silêncio ou do completo ruído (1987: xiii, xiv).

Hassan faz assim a tentativa de disssecção da percepção do fenómeno a que, consensualmente, se chama 'pós-modernismo':

[...] indeterminacy and immanence; ubiquitous simulacra, pseudo-events; a conscious lack of mastery, lightness and evanescence everywhere; a new temporality, or rather intemporality, a polychronic sense of history; a patchwork or ludic, transgressive, or deconstructive, approach to knowledge and authority; an ironic, parodic, reflexive, fantastic awareness of the moment; a linguistic turn, semiotic imperative, in culture; and in society generally, the violence of local desires diffused into a technology both of seduction and force. (1987: xvi).

A complexidade dos antecedentes, ou seja, das imbricações culturais alinhadas, inter-ligadas, revistas e (re-)perspectivadas por Hassan concedem-lhe amplo espaço para teorias pessoais, num posicionamento de total coerência intrínseca com as suas próprias proposituras: "X is not new; you can find it in Y" – conceals a triple interpretation: of X, of Y, and of a particular concept of newness." (1987: xvi). A 'novidade' de Hassan consiste mais em formulações de teor palimpséstico e globalmente pessimista do que

em *détournement*, a sua abordagem sistematiza de modo exemplar a diacronia da pós-modernidade – este mundo provisório, transiente, heterodoxo, heteróclito, heteromórfico, ex(-) cêntrico, indefinidamente aberto a (re-)negociações de sentido(s).

"Postmodernism has become a kind of eclectic raillery, the refined prurience of our borrowed pleasures and trivial disbeliefs." (Hassan, 1987: xvii).

Prazeres emprestados e a trivialização de credos servem de pano de fundo para a manifestação do sentimento de ultrage, o fantasma sempre presente e justificado da ameaça apocalíptica eminente, que acaba por abafar a voz até ao limite antitético do silêncio, por ausência de sentido. (Hassan, 1987: 3 e 6).

Clearly, the silence at the center of antiliterature is loud and various. Whether it is created by the shock of outrage or of apocalypse, whether it is enhanced by the conception of literature as pure action or pure play, ... "[t]he point is this: silence develops as the metaphor of a new attitude that literature has chosen to adopt toward itself. This attitude puts to question the peculiar power, the ancient excellence, of literary discourse – and challenges the assumptions of our civilization. (Hassan, 1987: 11).

Também em "The New Mutants", Leslie Fiedler refere as inusitadas alianças entre a literatura actual e várias formas de alienação, salvaguardando um papel de 'high art' mesmo para o que se poderia chamar de anti-literatura, "the sense in which literature first conceived the possibility of the future [...] and then furnished that future in joyous or terrified anticipation, thus preparing all of us to inhabit it" (1965: 506).

Habitar o futuro é, sem dúvida, o problema essencial da 'geração X', a geração sem passado'. "Inured to crisis, we have also lost the confident sense of direction. Which way is forward?" (Hassan, 1987: 3).

Diremos que a tentativa operatória de saída ou de resposta em *Generation X* é '*upward*' – o momento mágico, perfigurado por um insólito pássaro branco e '*inward*' – o movimento conduzido por feixes de neurónios a uma incógnita 'caixa negra' do 'eu'.

A multiplicidade do eu

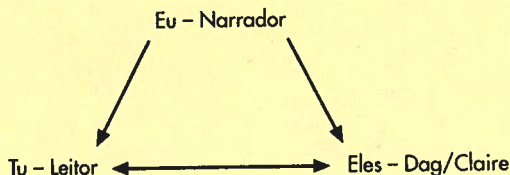
Generation X é uma narrativa em primeira pessoa, colocando-se sob o ponto de vista de um narrador-personagem cuja *persona* permite o manipular na sombra de outras personagens e de subnarrativas, ou narrativas secundárias, encaixadas num discurso de tipo confessional, aparente narrativa principal, ou fio condutor que aparece, de qualquer modo, como fragmentado e desconexado. Andy, a personagem principal e eu-narrador, apresenta as outras personagens quer como narrador, usando de uma aparente imparcialidade de contador de histórias, quer como personagem, seguindo uma corrente de consciência mais emocional e menos 'informada'.

Aquilo a que chamaremos aproximações e afastamentos da perspectiva do narrador/personagem em relação ao objecto da narração e em relação aos nexos relacionais inter-personas – e paralelamente narrador-leitor conferem à narrativa global sucessivas nuances e cambiantes de estilo subjectivo e discurso idiossincrático.

A oscilação entre perspectivas, quer de aproximação à impessoalidade de uma espécie de parodização desarticulada, quer do manipular na sombra, de teor supra-narrativo, de articulações e acontecimentos parece colocar a ficção, de maneira bem pós-modernista, na sala do psicanalista e constituem algumas das razões que nos levam a mencionar um 'eu' múltiplo, e não, de acordo com outras características da narrativa, um 'eu' multivocal, *tout court*.

Começaremos por propôr a alteridade *persona*-personagens de Andy-Dag-Claire.

A tríade do 'eu'-narrador, enquanto personagem, transforma-se no triângulo 'eu-tu-eles', quando o ponto de vista do narrador se torna abertamente confessional em relação ao *addressee*/público-leitor. Assim temos uma relação ficcional



em que a relação 'eu'-narrador - 'leitor', criada, vai determinar uma nova relação 'leitor' - personagens-'outro(s)', que se aproxima mais da tradicional narrativa em primeira pessoa, confessional, do tipo diarístico, ou do tipo *Bildungsroman*.

O tom intradieético, contudo, não parece estritamente confessional, pelo que sugere o contínuo de universos múltiplos ou metanarrativos.

Esta análise, conduz a um outro nível de questões, que se nos afigura particularmente bem analisado por Linda Hutcheon, na sua defesa da narrativa em primeira pessoa como género mimético, "away from the story told to the story telling, to the functioning of language and of larger diegetic structures," (1980: 35).

A invocação do mito de Narciso, implícita em *Narcissistic Narrative: the Metafictional Paradox* não obedece a ideias "derogatory but rather descriptive and suggestive" (Hutcheon, 1980: 1), dos qualificadores "self-reflective, self-informing, self-reflexive, auto-referential, auto-representational" (Hutcheon, 1980: 1, 2), que nos parecem de uma adequação ideal para Coupland, em *Generation X*.

No entanto, e continuando a citar Hutcheon, "The text's own paradox is that it is both narcissistically self-reflexive and yet focused outward, oriented toward the reader." (1980: 7).

Generation X parece-nos, na sua globalidade, um 'heterocosmos'. Desde logo ao nível da recepção imediata do objecto-livro pela utilização de marcas de 'produção' - os grafismos "¶", por exemplo, que, se por um lado são símbolos egocêntricos de autoria, deixando o seu rasto visível desde a fase inicial da sua génese, por outro e por isso mesmo indiciam o apelo à capacidade de reconstrução, por parte do leitor/narratário.

"The familiar image of the mimetic mirror suggests too passive a process; the use of micro-macro allegorical mirroring and *mise en abyme* in metafiction contests that very image of passivity, making the mirror productive as the generic core of the work." (Hutcheon, 1980: 42) ou seja, o leitor toma consciência de que a narrativa opera menos como um jogo/objecto verbal, portador de sentido, do que como a sua própria experiência de construção de um todo coerente e autónomo a partir desse conteúdo. É a este conceito de todo que chamamos 'heterocosmos', no sentido de *mimesis* ser transmutação e não mera reprodução (Morawski, 1970).

A diferença desta ficção egotista (pós)moderna, como afirma Robbe-Grillet, reside no envolvimento directo do leitor; no apelo que lhe é feito para inventar "à son tour l'oeuvre – et le monde – et d'apprendre ainsi à inventer sa propre vie" (1963: 169).

As histórias, das histórias da história, em encaixe narrativo sucessivo/progressivo, usando o sistema de 'caixas chinesas', acresce ao carácter diegético de uma narrativa em que o personagem-narrador é o único elemento regulador de referência interna ou intrínseca.

No entanto, a metaficção é claramente paródica – Coupland deambula na "Funhouse"¹⁷ da sua *mimesis* diegética não propriamente perdido, nem sequer aparentemente confuso – apenas em deambulação exploratória, muito semelhante à navegação exploratória e de carácter abduutivo dos cibernautas, comparação que parece tão mais evidente quanto a própria apresentação gráfica do produto-livro, *Generation X*, indica uma transposição, também ela paródica, de meios de produção.

John Barth refere uma "literature of exhaustion", uma literatura exaurida pela utilização excessiva, *ad nauseam*, de desconstrução, jogos de espelhos, pulverização interna, alegoria e parodização, no entanto, "exhaustion is just an invitation to administer artificial resuscitation to the *apparently* dead. But I want the result to be real life, not some Lazarus-like life." (Barth, 1979: 32).

As implicações desta nova identidade do 'real' nos processos artísticos serão, decerto, variegadas. Seguindo a incitação de Linda Hutcheon (*op. cit.*, 56), é o que nos propomos encarar e analisar.

Neste sentido, argumentaremos no próximo capítulo que as soluções de edição electrónica adoptadas para o *layout* gráfico, ilustração e resolução gráfica do produto editorial que veicula a narrativa fazem transparecer marcas de um novo processo de escrita, indubitavelmente pertinentes à nova 'vida real', assistida por tecnologias de informação e comunicação – a escrita processada em computador e a construção discursiva hipertextual.

Entretanto, ao longo deste capítulo abordaremos, como linhas condutoras do raciocínio, os seguintes aspectos:

- em todos os âmbitos comunicativos, o nome próprio, como factor de identidade, é de importância central. Nesta perspectiva, quer nomes 'verdadeiros', quer nomes ficcionais, são concebidos com uma finalidade em mente, para cumprir um objectivo pré-determinado;
- o referente nome próprio toma ambivalências multivocais, intertextuais, características da sociedade do espectáculo;
- a sociedade do espectáculo opera um afastamento do real e uma cisão no sujeito condicionantes de e/ou conducentes a:

17 Refiro-me, alegoricamente, a John Barth, *Lost in the Funhouse* (1968).

- uma percepção panóptica ou visão reguladora, de redoma;
 - estratégias de mimetismo ou camuflagem;
 - o confinamento físico da percepção do real;
- o conceito de comunidade interpretativa é condição *sine qua non* para a operacionalização da multiplicidade de significantes, sendo que:
- implicatura e relevância comunicativa são premissas fundamentais;
 - a mais-valia de formas de comunicação actuais se baseia em estratégias de subversão.

O jogo de personagens

Generation X é uma colecção de histórias, o fio condutor é mantido por Andy, o 'eu' narrador, ou narrador em primeira pessoa, que num tom aparentemente confessional, de tipo diarista, apresenta as *Tales (for an Accelerated Culture)*.

A apresentação de personagens é feita de uma assentada, na segunda página de texto, segundo uma mapificação geográfica, muito de acordo com a cultura americana: "Dag is from Toronto, Canada (dual citizenship). Claire is from Los Angeles, California. I, for that matter, am from Portland, Oregon," – estão as apresentações feitas e são imediatamente condenadas, por hipérbole: "but where you're from feels sort of irrelevant these days." (4).

Depois de uma coordenada – espaço, de significado duvidoso, é dada uma brevíssima pincelada de estatuto social, "We're the three of us, members of the poverty jet set, an enormous global group, ..." (4-5). Local de origem e conta bancária (inexistente, neste caso), são as coordenadas de identidade. A ascendência familiar, significado primeiro de um apelido, é ignorada, bem como qualquer outro dado. Só na página 16, Dag e Claire recebem o estatuto de identidade completa: "Dagmar Bellinghausen" e Claire "Baxter".

Depois do segmento narrativo que reproduz ao pé da letra uma apresentação social de circunstância, ficamos na posse de um 'full name' que será, aliás, de muito pouca utilidade porque raramente no texto subsequente se faz referência ao apelido das personagens.

Na página seguinte: "A bit more description of them and myself is in order. Time for case studies." (17) Os amigos e ele próprio, ou as personagens (de momento a distinção é irrelevante) são "case studies", fenómeno 'inventado' com o nascimento das Ciências Sociais.

"Character is arguably the most important single component of the novel." afirma David Lodge, (1992: 67). E ainda, "In a novel names are never neutral. [...] The naming of characters is always an important part of creating them," (1992: 37).

Os nomes próprios escolhidos para as personagens em *Generation X*

têm a particularidade de conter carga semântica própria, ou seja, independente das possíveis relações intertextuais adquiridas no tecido intra-narrativo.

Andy, diminutivo para Andrew, é nome derivado do grego, significando "manly"; St Andrew, um dos doze apóstolos, é santo patrono da Escócia e o nome "has always been well-liked." (McLeod and Freedman, 1995: 11-12). É ainda o nome próprio de Andy Wahrol, o pintor e artista pop, por quem Coupland (escultor) nutre uma admiração ampla, diversa e profusamente manifestada.

Dag parece-nos uma imitação ou parodização fonemática de Doug, forma abreviada de Dougal, em gaélico, significando, "dark stranger", ou de Douglas, "Scottish surname, based on a place name, meaning, 'dark stream'". (McLeod and Freedman, *ib.*, 57-58).

Claire, variante de Clara ou Clare, deriva do latim e significa, em francês, 'clara', ou 'claro' (como em 'Pois, claro.') ou 'esclarecido/a' (como em 'C'est claire.').

Estas considerações, a um nível de significação de pré-texto, conduzem à interpretação que pretendemos propôr – a de se tratarem as três personagens principais de *Generation X*, na verdade, de uma tripartição de um 'eu' narrativo multivocal, em que a multiplicidade do ser se revela na representação e projecção, repartida por três faces, ou três reflexões do espelho, de um mesmo 'eu'.

O eu encontra-se, assim, subdividido, ou repartido narrativamente pelas três personagens, sendo um 'eu' e dois 'alter-egos', sintetizando: 'Eu narrativo' = Andy + Dag + Claire.

Indicamos no quadro abaixo as correspondências que nos permitem estabelecer esta relação:

'Eu narrativo' = Andy + Dag + Claire

Andy	↔	Dag	↔	Claire
'eu' próximo	↔	face escura/ obscura	↔	face 'esclarecida'
raciocínio	↔	emoção	↔	intuição
transicional	↔	instável	↔	estável
buscador	↔	transgressivo	↔	dialogante
apolíneo	↔	dionisiaco	↔	feminino
Wahrol		Pollock		Rilke

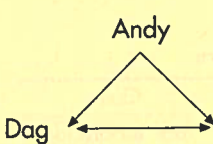
Andy [Wahrol] representa o 'eu' próximo, dado através da intimidade de um 'diário', num jogo de alteridade 'camuflada', mimetizada, mas não difusa. Andy é o 'caretaker' do complexo residencial, é o detentor de emprego, que arranja 'colocação' para Dag, e se mantém sóbrio e controlado, durante os

'enebriamentos' e transgressões de Dag. É a personagem que corporiza o 'eu' indagador e transicional, dentro da narrativa, o 'buscador' de um pequeno hiato, que seja de reencontro com uma verdade primordial. Andy não corre atrás de um '*El-Dorado*' – Hotel em San Felipe (1995: 116 e 170), o seu percurso é vertical – do mais profundo de si à simbologia de uma ascendência espiritual.

Dag, que se pode encontrar na evolução: Dag < Doug < Douglas, representa a alternância claro – escuro de Andy, é, por assim dizer, o *alter-ego* das facetas obscuras do 'eu'. Apresenta quadros mentais de sincretismo, com sintomatologia explicitada – é esquizóide, obsessivo-depressivo e frequentemente transgressivo. As suas estratégias de "time cannibalizing" (1995: 15) incluem, por exemplo, vandalizar carros na via pública (1995: 5, 115). Tem ameaças de problemas com a polícia, é atraído por formas diferentes de (trans)sexualidade, homossexualidade ou, como ele afirma, de ser lésbica num corpo de homem (1995: 17). Andy comenta que Dag se torna um 'drag' para quem não o conhece. (1995: 62)

Claire – Clara – clara, clarividente, clarificada, esclarecida, iluminada, (sobre a qual bate a luz) – é das três personagens, a mais 'encontrada'. Demonstra maior capacidade de relacionamento não efabulatório com o 'real' e uma ligação intrínseca à vida – é claramente (...) o elemento feminino.

Esquemmatizando, temos o seguinte inter-relacionamento para as três faces do 'eu':

- Andy/Dag – relação de complementaridade, que evoca o duo Vladimir/ Estragon de *Waiting for Godot*.
- 

```

graph TD
    Andy --- Dag
    Andy --- Claire
    Dag --- Claire
  
```

- Andy/Claire – “never fell in love” – não é objecto de desejo, não é objecto.
 - Dag/Claire – “like ... never fell in love” não é objecto (de desejo).
 - Andy – Dag/Claire – jogo do claro-escuro, alteridade do obscuro/clarificado, jogo infantil do 'quarto escuro', câmara negra ou líbido.

No intuito de consubstanciar esta proposta interpretativa, prosseguiremos uma linha de argumentação procurando a convergência de apoio teórico, proveniente do pensamento de teorizadores de diferentes áreas do conhecimento e do saber.

Nomes e identidade

O nome próprio faz parte integrante da nossa identidade. É uma marca pessoal que nos acompanha toda a vida como definidora do nosso ser externo e se torna habitualmente indissociável da nossa interioridade. Poucos significantes singulares (normalmente o nome próprio é uma única palavra ou até um diminutivo) transportam uma carga tão ampla e de sentido tão complexo como um nome, quer como significado, para o sujeito portador, quer como vocativo, para quem o conhece.

As crianças apercebem-se do seu nome como elemento auxiliar da definição da sua identidade, habitualmente desde o primeiro ano de idade. A psicologia do desenvolvimento estabelece que aprendem a dizer o seu nome antes de saberem dizer 'eu' e a aprendizagem do nome é indispensável para que consigam referir-se a si mesmos (Piaget, 1975). Nesta fase, o 'eu' é referido em intencionada primeira pessoa, mas na realidade e, gramaticalmente, numa terceira pessoa estratégica, em alteridade centrada no nome próprio – 'João quer ...' é a primeira forma de afirmação: 'eu quero ...'.

Mesmo depois de muitas outras evoluções e aprendizagens sobre o 'eu', depois do desenvolvimento da personalidade e carácter, o nome permanece como o aspecto mais imutável da identidade. Contudo, esta palavra, o nosso principal e primeiro significante pessoal, é-nos dado por terceiros, segundo teorias, hábitos, costumes culturais e preferências de pais, irmãos, padrinhos, padres, mentores espirituais, todos, menos os directamente interessados.

Em muitas culturas as pessoas acreditam que existe uma ligação entre o nosso nome e a nossa personalidade, entre o nome e as características individuais e, até, entre o nome e o destino. Em *Totem and Taboo*, Freud (1950) afirma que para o ser humano primitivo o nome é o factor pessoal mais importante. Frazer (1963) acrescenta que os povos primitivos consideram o nome como parte integrante de si mesmos, e como tal, um elemento sujeito a manipulações e feitiçarias, benévolas ou malévolas. A teoria é confirmada por antropólogos como Levy-Bruhl, que ilustra métodos usados por diferentes tribos para desmascarar ladrões:

What matters to them is to have a mystic hold over the thief. They can then employ powerful means of magic to discover his name. If they are successful, then they have him and he will not escape them, for to primitives, the name serves not only to designate individuals. It is an integral of the personality, it participates in it. If the name is discovered, the personality is mastered." (Levy-Bruhl, 1976, cit. in Morgan, O'Neill and Harre, 1979: 6).

Segundo Ong (1982), as culturas orais dão a maior relevância aos nomes e consideram mesmo que estes detêm qualidades mágicas. Apesar da rejeição por parte de culturas modernas daquilo que se consideram as superstições

dos antepassados, não desapareceram, por completo, certas crenças nas 'virtudes' de certos nomes, como os de Santos e 'Virgens' para os Católicos (referindo uma realidade que nos está muito próxima), embora, por vezes, e como nota Jonathan-Jacobs (1969: 27), as nossas motivações sejam mais de teor prático do que moral.

Assim escolhem-se nomes para acontecimentos ou fenómenos assustadores no sentido de os minimizar, 'domesticar', ou neutralizar as conotações negativas. Por exemplo, o monstro de Loch Ness é apelidado, "Nessy", como se fosse uma tenra criatura e é habitual dar a ciclones, furacões e tornados nomes de pessoas, frequentemente leves e divertidos, ou pelo menos irónicos: Audrey, 1957; Donna, 1960; Betsy, 1965; Camille, 1969; Agnes, 1972 (como se vê, receberam nomes de mulher, até aos finais dos anos 70, altura em os movimentos feministas chamaram a atenção para o facto e, desde então, têm sido também 'baptizados' com nomes masculinos, como Andrew, 1992; seguindo um critério mais igualitário de géneros alternados em anos alternados).

Pelo contrário, um nome pode ser usado com intuitos de engrandecimento e glorificação. Lojas, hotéis, cafés, barcos, cadeias de supermercados, etc. recebem patronímicos relacionados com a realeza, ou outros conceitos formais de luxo ou excelência social. O navio cruzeiro de luxo, "Queen Elizabeth", por exemplo, continua a vender a imagem de elevado estatuto por 'colagem' à ressonância do seu nome real.

Um outro âmbito de importância para a funcionalidade dos nomes próprios é, ainda hoje, e de acordo com a tradição Judia, a possibilidade de desafiar a morte, ou o anjo da morte, através duma mudança estratégica de nome, quando uma pessoa se encontra mortalmente doente (Jonathan-Jacobs, *op. cit.*).

O domínio das Novas Tecnologias não escapa de modo algum a este tipo de inter-relação. Para não usar, neste momento, referências de teor técnico muito específicas, mencionaremos, como exemplo que é usual, entre profissionais de informática, ou pessoas que usam habitualmente computadores como ferramenta de trabalho, personalizar a máquina e tratá-la por um nome próprio. Também os nomes de integrados de software por vezes invocam associações 'hominizadas'. A Microsoft Inc. decidiu chamar o seu "extra-user-friendly software", especialmente desenhado para pessoas com muitas dificuldades de relacionamento com computadores, "Bob" (em Portugal, há o hábito de chamar Bobby/Bóbi aos cães).

Alguns nomes adquiriram conotações e ressonâncias tão potentes e diferenciadoras que se tornaram verdadeiros conceitos por si só. "Maquiavel", "Quixote", "Charlot", "Pierrot", "Marialva", "César", "Cleópatra", "Joana d'Arc", etc. são usados como enunciado 'económico' para invocação de estereótipos sociais.

Os resultados de investigação, nesta área, demonstram que muitos nomes mantêm estereótipos estáveis associados a eles. Podemos, assim, afirmar que

o nome de uma pessoa pode afectar inteiramente o seu futuro, de tal modo que a própria lei se apiedou das conotações sociais e culturais associadas a determinados nomes e se reformulou, para permitir a alteração volitiva de nome próprio, depois da maioria (refira-se o caso da lei portuguesa, alterada depois do 25 de Abril).

Em suma, cada nome se transforma em parte integrante do ser, do modo como o 'eu' se apercebe de si mesmo e do modo como é apercebido por outros. Desta precisa constatação, faz eco o aforismo popular português, "Há muitas Marias na T/terra". Na perspectiva que vimos a expôr, esta afirmação de sabedoria popular não significa, simplesmente, que há muitas portuguesas chamadas Maria, mas também que cada 'Maria' é uma Maria-outra.

A constatação mantém-se nos casos em que as pessoas mudam os seus nomes, ou adoptam um pseudónimo. Depois de fazer um levantamento de estudos de caso, nestas circunstâncias, Strauss (1969) conclui que o nome eleito pela própria pessoa apresenta relações de ligação mais íntima com a sua identidade pessoal, do que o nome escolhido por outrém. Os desígnios de estrelato têm mais do que consciência deste fenómeno. Passaremos em brevíssima revista alguns exemplos típicos: Marilyn Monroe era, na realidade, Norma Jean; Elton John era Reg Dwight; Madonna era Veronica Louise Ciccone (!); Carmen Miranda era Maria do Carmo; Linda de Suza era, tal como o compositor homónimo, de Sousa.

Na arena da cultura popular no Ocidente, também entre os artistas de design, de graffiti, ou os criadores de 'marcas', de um modo geral, o elemento central de criatividade é a assinatura, a estilização do significante da sua presença artística (Cooper & Chalfant, 1984; Lachmann, 1984; Stewart, 1987). A maioria destes artistas atribuem novos nomes a si mesmos, sob pretextos de índole estética, mas não descurando, decerto, aspectos sociais e finalidades publicitárias e de *marketing*. Os criadores guardam zelosamente os seus 'nomes-de-marca', uma vez que esse nome representa não só a sua identidade criativa – um estilo, mas também a sua propriedade comercial – a 'marca', propriamente dita. Como Susan Stewart afirma, "One of the principal rules of the writer's code of ethics is that the writer cannot copy"...either the tag or the style of another writer without instigating a cross-out war, or, more directly, a first-person fight" (Stewart, 1987: 165-166).

Em muitas situações de comunicação mediatizada por computador, tal como no mundo do espectáculo, das artes, da publicidade e da moda, os utilizadores têm a possibilidade de escolher um diminutivo, ou um nome-outro completamente inventado – escolhem um "net name", que se pode manter ou alterar à vontade, podendo também ser único ou co-existir com outros nomes auto-atribuídos, numa mesma situação de comunicação, ou não (referimo-nos, por exemplo a hábitos de 'chat rooms, ou 'cafés', na Internet).

Tendo incluído os exemplos do último parágrafo neste momento da

argumentação, não podemos deixar de referir, ainda que muito resumidamente, (este assunto será abordado em capítulo posterior), o cariz particular e inovador que a situação comunicativa telemática representa.

Na vida real operamos jogos de identidade usando como meios auxiliares de desempenho a maneira de vestir, a escolha de acessórios, o estilo de cabelo e outros sinais exteriores e/ou comportamentais. Contrastando com situações de comunicação presencial ou diferida (telefone, telemóvel, gravadores de chamadas), os meios electrónicos oferecem a possibilidade da total ilusão e camuflagem. Ou, como diz Benedikt (1991), prestam-se à ilusão de que podemos usufruir impunemente da dualidade, ou seja, sermos nós próprios e simultaneamente desempenharmos papéis de eleição, a coberto das características da mediatização. Como comenta Weiss, "A largely nonprejudicial environment is fostered in IRC's text-based world, where they say, this 'brain-in-a-jar' interaction also paves the way for a decidedly powerful fantasy element" (1994: 59).

De facto, nas formas mais usuais de comunicação mediatizada por computador, (quando baseada em texto, sem utilização de periféricos multimedia – som e vídeo), não há maneira de identificar o emissor ou *addresser*. Esta situação, que diríamos descontextualizada, segundo parâmetros tradicionais do acto comunicativo, permite um grau considerável de liberdade e despojamento na construção e desempenho de jogos de identidade.

É sabido que são comuns os jogos de simulação transexual. Existem na Internet muitos casos de "gender cross-dressing", alguns identificados. Num exemplo, mencionado por Allucquere Rosanne Stone (*op. cit.*, 82-83), um psiquiatra de meia idade fez-se passar por "Julie", apresentando-se como senhora sózinha e inválida de avançada idade. Sob a capa desta personagem 'inventada' (transvestizada) foi confidente de inúmeras histórias íntimas de mulheres, durante três anos, até que a curiosidade e perseverança de uma dessas mulheres a levou a desmascarar o embuste. Quando a artimanha se tornou conhecida, as mulheres que se tinham exposto a "Julie" sentiram-se traídas e violentadas, "I feel as if I was raped," testemunhou uma vítima.

Erving Goffman (*op. cit.*) salienta que, durante a interacção pessoal, são fornecidos dois tipos de informação: a que os intervenientes fornecem intencionalmente e a que eles "emitem" inadvertidamente ou é revelada não intencionalmente. Este segundo tipo de informação funciona como mecanismo de controle sobre a primeira. Em interacção mediatizada via computador, só é fornecido um tipo de informação: aquela que a pessoa quer dar, quer seja factual ou ficcional.

Esta situação permite jogos e alteridades de identidade de uma grande amplitude de escolha, desde papéis ricos em fantasia, até limites transgressivos, em situação invulgar de impunidade, uma vez que quando o acto comunicativo se processa em situação/contexto de realidade virtual, o

contacto pessoal se torna opcional e não há nunca a necessidade de enfrentar o 'outro', que só tem existência em ambiente virtual (Heim, 1991).

Destes parâmetros específicos decorrem indagações de diversa índole. Michael Heim, por exemplo, especula que a sedução das relações virtuais pode incorrer no risco de se processar à custa do cultivar de relações da vida real.

Passaremos a analisar algumas implicações desse sacrifício do real, uma vez que defendemos que a construção das estratégias comunicativas, no tecido narratológico de *Generation X*, recorre, por exemplo, ao subterfúgio das "bedtime stories" obedecendo a motivações e/ou padrões comportamentais comunicativos que se aproximam da alteridade operada em situações de comunicação mediatizada por computador, nomeadamente entre as chamadas comunidades virtuais.

Percepção panóptica

Por percepção, ou visão panóptica (do grego, *panópt* – omnividente) pretendemos expressar a circunstância de comunicação relativa, ou protegida, que se opera em *Generation X*, particularmente nos momentos de redobro efabulatório, de que são exemplo as "bedtime stories".

Fazemos a apreensão do mundo a partir da convergência de dados provenientes de cinco fontes de aquisição – os cinco sentidos. Como veremos em maior detalhe, a 'sociedade do espectáculo', que caracteriza o pano de fundo para o crescimento da infância à adolescência dos indivíduos da geração X, determina tanto como a comunicação em ambiente virtual, o processamento de um real em 'representação'. Tanto em frente de um écran de televisão, como em frente de um écran de computador, a relação criada é a de apreender sem se dar a conhecer.

Em *Generation X*, Andy cria com as outras duas personagens co-narradoras de histórias dentro da história uma relação de visão panóptica. Isto é, ouve, recebe, 'vê' o outro, sem que a exposição, no acto de comunicação, seja mútua. Andy é aparentemente participante de corpo inteiro no jogo interactivo efabulatório, mas nós, leitores, sabemos que o não é de modo completamente aberto.

Nesses momentos a personagem, Andy, coincide com o 'eu' narrativo que usa a estratégia de camuflar ou mimetizar a presença no real, de modo a ver sem ser visto, numa autêntica visão de redoma, operada num só sentido, de dentro para fora.

A mesma visão que tem o 'eu' como sujeito-centro de espectáculo, cumprindo duas funções: (a) ver, *sem* ser visto: o ambiente resguardado da campânula, com o secretismo unidireccional permitido por vidros fumados ou

espelhados, como o caso de torres de vigia, torres de controle, gabinetes de interrogatórios policiais ou observação comportamental em hospitais, clínicas psiquiátricas, etc., (b) ver, *mas* não ser visto: a estratégia de ocultação que ocorre, por exemplo, em limousines de gente famosa, ou mafiosa (...).

A visão panóptica, determinando uma percepção filtrada/(de)limitada em função do 'eu'-receptor, ocorre frequentemente em situações de relações de autoridade ou poder (Trotter, 1996). Não é essa a implicação que pretendemos retirar, bem pelo contrário. De facto, como será discutido no próximo capítulo, o tecido textual – narrativo de *Generation X*, numa leitura imediatista e de superfície, caracteriza-se mais pela noção de "ex-centricidade" (de *ex centrum*).

O 'ouvir sem ser notado' de que Coupland (autor) fala em entrevistas, como oportunidade "to learn about human nature", particularmente o elemento feminino que lhe é menos familiar (dada a circunstância de só ter irmãos, rapazes) e que capta com invulgar sagacidade, é uma estratégia de apreensão do mundo e do real aprendida na circunstância comunicativa de 'sociedade do espectáculo'.

Este fenómeno, que denominamos confinamento físico da apreensão do real, opera, como consequência imediata, a relevância dada a dois sentidos: VER e ouvir e a consequente sub-utilização, ou quase nulificação, dos outros três sentidos: tacto, paladar e olfacto.

A redução do exercício de $5 > 2$ sentidos acarreta necessariamente significações outras no contacto próximo, 'real', com pessoas, animais e coisas. Em *Generation X* o contacto físico entre pessoas é quase inexistente; o contacto directo com coisas é frequentemente ameaçador; (em ressonância bíblica) só os animais se salvam – cães e pássaros são os únicos mediadores 'bons condutores' da realidade ou da percepção espiritual.

Pensamos que esta desmultiplicação de níveis de significação só é possível com base numa espécie de *entente* entre Coupland e o leitor. Pressupõe um entender implícito de referentes, uma espécie de 'eu sei que tu sabes que eu sei, sem que eu o diga' – um círculo fechado de comunicação hermética.

Baseia-se em premissas e presuposições mutuamente (re)conhecidas como parâmetros de enquadramento comuns, os quais, por sua vez, deixam implícita uma outra premissa de âmbito mais alargado: a existência de uma comunidade interpretativa (Fish, *op. cit.*, 1980)

Relevância ostensiva

Este é um dos pontos fulcrais da "teoria da implicatura" de Grice, a primeira grande teorização a dar conta do papel da não-directividade, da sugestão e

da implicação contextuais. As máximas de Grice salientam os princípios de economia, clareza, coerência, e relevância tal como são operados em actos comunicativos, todos eles, no fundo, normas retóricas da escrita. Mas, de capital importância, em Grice, é a chamada de atenção para a necessidade do "tacit knowledge" e de "background assumptions" (1987).¹⁸

Também Sperber e Wilson (1986), reflectindo e sintetizando sobre J. L. Austin (1962) e Paul Grice (1967 e 1987) fornecem um contributo inestimável, da área da linguística e da psicologia cognitiva, que invocamos pela sua pertinência, como contributo para o argumento que estamos a desenvolver.

A questão fundamental apresentada por Sperber e Wilson (1986) é que a comunicação começa pelo princípio manifesto da intenção de comunicar. Este princípio que determina o que vai ser ostensivamente apresentado, quer através da linguagem, quer através de comportamentos ou acções, é da máxima relevância para o intento comunicativo em questão.

Para Sperber e Wilson os conceitos de linguagem e de comunicação são distintos. Podemos comunicar sem fazer uso de linguagem; tal como podemos usar a linguagem sem comunicar, (é o que se passa na transferência electrónica de informação, por exemplo).

Consequentemente o que importa para os dois autores é o modo como usamos a linguagem em comunicação. O seu trabalho, tal como o de Austin e Grice, marca um momento importante na mudança de paradigmas:

The main thesis of this book is that an act of ostension carries a guarantee of relevance, and that this fact-which we call the principle of relevance-makes manifest the intention behind the ostension. We believe that it this principle of relevance that is needed to make the inferential model of communication explanatory. (Sperber e Wilson, 1986: 50)

Todos os seres humanos almejam automaticamente a um processamento de informação que se revele da máxima eficácia, quer se trate de um processo consciente, quer não. De facto, os interesses individuais, extremamente cambiantes e diversificados, resultam da perseguição deste objectivo permanente. Por outras palavras, a finalidade cognitiva particular de um determinado indivíduo, num determinado momento, é sempre uma instância de um objectivo mais alargado, daí a necessidade de maximizar a relevância do processo comunicativo.

18 *Studies in the Ways of Words* (Harvard University Press, 1987), de Paul Grice, originalmente vindo a público nas 'William James Lectures' em Harvard, em 1967, apareceu depois da obra de Sperber e Wilson, *Relevance: Communication and Cognition* (1986), mas a atribuição de autoria dos conceitos estava estabelecida, mesmo antes da versão em letra de forma.

O comportamento ostensivo, ou simplesmente “ostensão”, é a qualidade dos actos comunicativos terem características de intencionalidade declarada como tal, ou seja, o comportamento que manifesta a intenção de manifestar.

A existência de comportamentos ostensivos, entendidos deste modo, parece indubitável. A interacção comunicativa exige sempre algum esforço de parte a parte, mas quando é que se torna manifesto que uma determinada intenção performativa é ostensiva?

Sperber e Wilson (1986) desenvolvem um critério de relevância: inútil tentar atrair a atenção de um “addressee” para algo, se não estiver subentendido mutuamente que esse conteúdo, é particularmente relevante. Dizer de um acto de comunicação, que é ostensivo, quer, assim, dizer que tem como finalidade primeira atrair a atenção do ouvinte.

A tese principal de Sperber e Wilson centra-se no seguinte argumento: um acto ostensivo contém em si mesmo uma garantia de relevância e este facto, que recebe a designação de “princípio de relevância”, torna manifesta a intenção subjacente ao acto de fala ostensivo.

Uma tal garantia parece implícita, uma vez que o ser humano é automaticamente atraído por aquilo que lhe parece ser relevante, contudo, ela também funciona no sentido inverso: o comportamento ostensivo fornece evidência dos pensamentos e/ou posturas do “addresser” ou, no caso que debatemos, o narrador.

O ponto de vista de uma teoria da comunicação inferencial ilustra, em nosso entender particularmente bem, certas utilizações linguísticas de Coupland, como as notas de margem relacionais ou aforísticas, as irreverências críticas, o humor desconcertante, as constatações com o carácter de máximas, que constituem objecto dos seus ‘catálogos’ linguísticos ou glossários. A eficácia deste tipo de comunicação depende da relevância, que tem de ser ostensivamente indicada, da imensa quantidade de implicaturas, e de implicaturas das implicaturas, desses enunciados.

Como veremos, também para a comunicação mediatizada por computador (CMC), veiculada na Internet, por exemplo, esta teoria é essencial. O ponto de vista de que a comunicação é acima de tudo contextual, em essência não-inferencial e só secundariamente dependente de codificação linguística, faz com que a lógica de mensagens e de conteúdos não esteja confinada à interpretação retórica, sintáctica e semântica. O campo da significação linguística alarga-se a questões mais ricas e complexas, que tentamos abordar seguidamente fazendo apelo ao conceito de subversão numa lógica de sociedade de espectáculo, o *détournement* “debordiano” (1967).

Cremos que as tendências para *détournement* que se podem observar na expressão contemporânea são na maioria inconscientes ou incidentais; é na indústria publicitária, onde, talvez, se encontrem os melhores exemplos. A tendência do momento, parece-nos ser a de que qualquer elemento,

independentemente da sua proveniência, serve para produzir novos arranjos combinatórios, segundo uma estética de *colagem*.

A utilização, por parte de alguma escrita experimental, da estrutura analógica de imagens, por exemplo, demonstra que, quando duas formas de expressão se aproximam, a relação intertextual surge de imediato, por muito afastadas que estejam as fontes originais. A mais-valia deste método criativo reside no facto de a referência mútua de universos inicialmente distintos, ou a simples aproximação de referentes anteriormente independentes, ultrapassar o simples somatório das partes. Os elementos originais, assim postos em situação de interacção, produzem uma nova síntese, por sua vez organizativa ou reguladora de novos significados.

Fora do âmbito da comunicação linguística podemos observar a mesma metodologia. É usada para operar o *détournement* de vestuário, por exemplo, com as potentes conotações sociais, emocionais e económicas, conhecidas de todos. E aqui novamente encontramos a noção de disfarce, camuflagem, mimetismo, intimamente ligada à noção de jogo.

Neste sentido, propomos o conceito de *détournement*, aplicado a situações de comunicação, como variante conceptual para analisar as características específicas em que o discurso narrativo de Douglas Coupland deliberadamente modifica as condições determinantes da sua leitura/recepção/interpretação.

A sociedade do espectáculo

La Société du Spectacle, de Guy Debord, também apelidada de "o Capital da nova geração"¹⁹, é uma crítica globalizante das manifestações sociais e políticas das modernas formas de produção; a análise oferecida em 1967 parece-nos permanecer tão lapidar agora, como há trinta anos atrás.

Composta por nove capítulos e compreendendo um total de 221 teses, *La Société du Spectacle* tende para um estilo extremamente sucinto nas suas proclamações, favorecendo ambiguidades polémicas, em vez de um discurso de detalhe puramente analítico. O seu radicalismo, no entanto, parece continuar a ser mais do que justificado. É, por isso, o enquadramento teórico que iremos referir agora para consolidar a ideia que se apresentou de 'confinamento físico do real' e de 'percepção panóptica', em *Generation X* e

19 Refiro-me à famosa obra de Karl Marx, o grande clássico da teorização comunista, *Das Kapital* (vol. 1, 1867; vol. 2 e 3, editados por Engels e publicados postumamente em 1885 e 1894, respectivamente).

a característica de subversão da linguagem e dos quadros de referência, que se tem vindo a mencionar.

Incontestavelmente a obra mais famosa de Debord, *La Société du Spectacle* encontra-se algures entre um manifesto de teor provocatório e uma análise erudita de política moderna. É uma daquelas obras frequentemente citadas e raramente lidas, até porque durante muitos anos desconheceu tradução para inglês, circulando maioritariamente em versões 'pirata', fora dos mercados convencionais. Contudo, alguns dos conceitos fundamentais de *La Société du Spectacle* encontraram o seu caminho para uma utilização quase-popular ou banalizada. Por exemplo, durante o conflito da Guerra do Golfo – com todas as suas evidentes implicações visuais e/ou vivenciais de representação e de política de diversão – eram frequentes as análises que a referenciavam como “um espectáculo” (falava-se, de facto, de uma guerra!...). Da invocação deste exemplo pretendemos inferir a verdadeira profundidade da análise histórica de Debord.

Em nosso entender, é no primeiro capítulo, “La séparation achevée”, que se encontram as asserções fundamentais sobre as quais reside muita da importância e influência futura de Debord. A sua primeira tese, “Toute la vie des sociétés dans lesquelles règnent les conditions modernes de production s'annonce comme une immense accumulation de spectacles. Tout ce qui était directement vécu s'est éloigné dans une représentation.” (Debord, acc. elect. cit., capítulo 1, tese 1), estabelece o juízo de valor fundamental debordiano.

A restante argumentação da obra tenta explicar e expandir o postulado inicial, ao elaborar sobre a necessidade de uma resistência cultural crítica e de uma pragmática sociopolítica e revolucionária de resistência.

Mais do que a condenação da crescente passividade na recepção de experiências políticas e do papel da televisão em reflexões ideológicas contemporâneas, *La Société du Spectacle* traça a evolução do espectáculo, em todo o seu esplendor contraditório, demonstra a sua necessidade imperiosa de auto-replicação parasítica e tenta vislumbrar o que poderá ser a única esperança de resistência à atracção toda-poderosa do espectáculo.

Como rápido contexto da obra, assinala-se que Debord foi elemento fundador da Internacional Situacionista, um grupo de teorizadores sociais, artistas de *avant-garde* e intelectuais esquerdistas, surgidos dos resquícios de diversos movimentos artísticos europeus. Os Situacionistas, tal como os seus antecessores, elaboraram sobre o projecto iniciado pelo Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo no sentido em que procuravam esbater as distinções entre 'arte e vida' e apelavam a uma constante transformação da experiência vivencial.

A análise coesa e persuasiva, apresentada por Debord, destaca o Internacional Situacionismo da obscuridade colectiva (se não irrelevância histórica) de alguns dos movimentos artísticos seus antecessores. *La Société du Spectacle* representa a directriz fundamental das teorias situacionistas, aquela que descreve, com a precisão do vate, o modo como a ordem social, imposta

pela economia global contemporânea, mantém, perpetua e expande a sua influência através da manipulação da representação. Não fazendo já depender da força, poder, ou da economia científica, o *status quo* das relações sociais, ele é agora mediatizado por imagens: "Le spectacle n'est pas un ensemble d'images, mais un rapport social entre des personnes, médiatisé par des images." (acc. elect. cit., capítulo 1, tese 4).

O espectáculo é ao mesmo tempo causa e efeito das formas de organização social distintamente modernas;

"Le spectacle ne peut être compris comme l'abus d'un mode de la vision, le produit des techniques de diffusion massive d'images. Il est bien plutôt une *Weltanschauung* devenue effective, matériellement traduite. C'est une vision du monde qui s'est objectivée." (acc. elect. cit., capítulo 1, tese 5).

Do mesmo modo que Marx escreveu o *Capital* para denunciar as complexas e subtis maquinações económicas do capitalismo, Debord propõe-se descrever as intricações da sua (re)incarnação moderna, e os meios pelos quais exerce o seu controle totalitário sobre a realidade vivida. O espectáculo, argumenta, é a fase do capitalismo que proclama a predominância das aparências ... "Dans le monde réellement renversé, le vrai est un moment du faux." (Capítulo 1, tese: 9).

Toda a vida humana se tornou mera "aparência", permanecendo essencialmente, "a negação da vida que inventou uma forma visual para si mesma" [tese 10].

La société qui repose sur l'industrie moderne n'est pas fortuitement ou superficiellement spectaculaire, elle est fondamentalement spectacliste. Dans le spectacle, image de l'économie régnante, le but n'est rien, le développement est tout. Le spectacle ne veut en venir à rien d'autre qu'à lui-même. (*id.*, *ib.*, capítulo 1, tese 14).

É esta focalização do papel das aparências e da representação, que torna a contribuição de Debord para a compreensão da sociedade actual tanto única como indiscutivelmente relevante.

La première phase de la domination de l'économie sur la vie sociale avait entraîné dans la définition de toute réalisation une évidente dégradation de l'être en avoir. La phase présente de l'occupation totale de la vie sociale par les résultats de l'économie conduit à un glissement généralisé de l'avoir au paraître, dont tout avoir effectif doit tirer son prestige immédiat et sa fonction dernière. En même temps toute réalité individuelle est devenue sociale, directement dépendante de la puissance sociale, façonnée par elle. (*id.*, *ib.*, capítulo 1, tese 17).

A degradação do “ser” em “ter”, marca inquestionável do materialismo da nossa era e subsequente transmutação da posse/propriedade em ‘aparência’ é uma noção fundamental para a compreensão da problemática de fim de século, de um modo geral, e da *geração X*, em particular.

O espectáculo é a expressão sempre cambiante, auto-organizativa, auto-regulada e auto-sustentada das modernas formas de produção, o “principal produto da sociedade actual” (*id.*, *ib.*, capítulo 1, tese 15). Nascido da separação alienante, inerente a uma economia social capitalista, o espectáculo é o aparelho complexo de massas que tanto serve a finalidade de perpetuar a separação como a falsa consciência, necessária à sua aceitação, que o torna objecto de desejo.

O alcance das teses de Debord é suficiente para demonstrar que o espectáculo é muito mais do que o cintilar entorpecedor de trinta imagens por segundo, no écran de televisão. O espectáculo é algo mais vasto do que os aparelhos electrónicos em relação aos quais desempenhamos o papel passivo de meros receptores; é uma totalidade, a totalidade da manipulação operada sobre a história, o tempo, as classes sociais – em suma, toda a realidade – e que serve também para preservar a sua própria influência.

O espectáculo é uma entidade autónoma, que escolhe selectivamente os seus aparentes beneficiários, para os seus próprios fins e apenas enquanto tem necessidade deles. Daí que, segundo Debord, a resistência seja tão difícil e a luta tão exigente. Mas, se por um lado critica os anarquistas pelo seu imediatismo utópico e pela sua ignorância da necessidade de um estádio transformacional intermédio e historicamente funda(menta)do, por outro, em *La Société du Spectacle*, oferece teses/soluções geralmente vagas.

Segundo Debord, a teoria crítica tem que ser dialéctica, não uma “négation du style, mais le style de la négation” (capítulo 8, tese 204) – incluindo de uma assentada “l’intelligence de leur fluidité retrouvée, de leur destruction nécessaire.” (capítulo 8, tese 205) e aqui encontramos a descrição do que é talvez a táctica mais conhecida quer de Debord, quer dos Situcionistas, para o que chamam “a correcção histórica” – o “*détournement*”.

Esta estratégia é teoricamente a manifestação da inversão da lógica estabelecida – uma lógica de espectáculo e das relações que cria. Inicialmente apresentada em *Méthodes de Détournement* (1956), envolve a subversão radical da linguagem – tanto textual como gráfica – do espectáculo da modernidade.

O que importa, de acordo com Debord, é “posséder effectivement la communauté du dialogue et le jeu avec le temps qui ont été représentés par l’oeuvre poétique-artistique.” (capítulo 8, tese 187). Esta “crítica teórica unificada” é, contudo, impotente se não reunir forças com “a prática social unificada” e aqui a coesão das teorias de Debord falha, apesar da sua veracidade ao nível teórico. Ao fim e ao cabo os Situcionistas eram um grupo de intelectuais e não de trabalhadores fabris – facto que Debord, aliás, não hesitava em reconhecer; contudo, acreditava firmemente que “essa classe

era capaz de levar a cabo a dissolução de todas as classes" – esperança única para um retorno à vida real.

Apesar deste estatuto predominantemente intelectual, o Internacional Situacionismo contribuiu com a sua quota-parte de influência prática. 'On the Poverty of Student Life', por exemplo, publicado pelos estudantes de Estrasburgo em 1966, é frequentemente citado como catalizador dos acontecimentos de Maio de 68, considerados como a primeira possibilidade real de greve geral – a Comuna moderna – possível nos seus dias.²⁰

Quando Debord fez vir a lume os 'Commentaires sur *La Société du Spectacle*' (1989) cerca de vinte anos depois da publicação original, teceu vários comentários sobre a importância de acontecimentos recentes, mas as suas teses originais mantiveram-se virtualmente inalteradas. A única adenda à crítica original, contudo, é um manifesto acrescido de cinismo e premonição. Enquanto que o espectáculo em 1967 tomava duas formas básicas – a concentrada e a difusa, correspondendo respectivamente ao Bloco de Leste e às estruturas sociais americanas, – alcançava-se agora a era do espectáculo integrado, invadindo a totalidade da realidade, transformando todas as relações em manipulação, exercendo um controle maior do que nunca e deixando uma esperança de resistência e *détournement* da sociedade praticamente anulada.

Nesta era de Wahrol, Disney, Spielberg, CNN, Baudrillard, o chique radical e a aurora de mundos virtuais, a consciencialização preconizada por Debord e pela crítica Situacionista torna-se imperiosa e urgente.

Pensamos que toda a recente excitação que rodeia a Internet e a discussão da necessidade de regula(menta)ção da realidade digital – para não mencionar, de momento, a própria estrutura das relações virtuais a que começamos a habituar-nos – são candidatos perfeitos para avaliação crítica.

Um último contributo de Debord, que gostaríamos de extrapolar para a actualidade, é a chamada de atenção para a aceleração vivencial e o ritmo do espectáculo, na proporção directa da velocidade de processamento dos computadores e das tecnologias de comunicação.

"Le spectacle est la réalisation technique de l'exil des pouvoirs dans un au-delà; la scission achevée à l'intérieur de l'homme." (Capítulo 1, tese 20).

Esta ideologia da separação por excelência, da cisão no seio da sociedade e no interior do homem/mulher redundam no "appauvrissement, l'asservissement et la négation de la vie réelle" (tese 215), representando o novo poder do engano e do embuste.

20 Greil Marcus, no seu livro *Lipstick Traces*, é o autor recente que promove a visibilidade dos Situacionistas. *Lipstick Traces* segue a história do *punk rock* até à tradição Dada e às teorias Situacionistas. Tanto Jamie Reid (criador de muito do "look" punk) como Malcolm McLaren ("criador-estilista" dos Sex Pistols) reconhecem a influência do Internacional Situacionismo no seu trabalho.

Debord conclui *La Société du Spectacle* afirmando que a crítica capaz de suplantar o espetáculo “doit savoir attendre” (tese 220). Não através de uma espera passiva, mas pela unificação da crítica teórica e da luta no plano prático, para a qual “o desejo de consciencialização”, lembrando Hegel, é condição essencial: “a conscience de soi est en soi et pour soi quand et parce qu'elle est en soi et pour soi pour une autre conscience de soi;”.²¹

Para uma outra consciência de si, contribui indubitavelmente Douglas Coupland, quer pertençamos, ou não, a uma geração “X”.

Tentando restabelecer a ligação entre os quadros teóricos que temos vindo a explorar e a análise textual que, inicialmente, os suscitou apontaremos alguns casos, a título de exemplo demonstrativo. Porque a exposição já vai longa, e porque são inúmeros os exemplos, em *Generation X*, que oferecem dados para as leituras que temos vindo a propôr, alinharemos segmentos discursivos que nos parecem modelares em relação ao que pretendemos argumentar.

- Exemplo de “*détournement*” e subversão com implicatura e relevância ostensiva:

“‘Polyp weather,’ announces Dag ...”

(Insistência e justificação, perante a censura de Claire, ao comentário inicial).

“Not sick at all. In fact. you should check out the sidewalks near the patio restaurants ... Folks shedding polyps like dandruff flakes, and when you walk on them it’s like walking on a bed of Rice Krispies cereal.” (7)

(Dag sabe que os amigos sabem que ele sabe que está a transgredir, mas reforça ostensivamente a relevância do grotesco).

- Exemplo de inversão e transposição de referentes:

“... I see a farmer in Russia, and he’s driving a tractor in a wheat field, but the sunlight’s gone bad on him-like the fadedness of a black-and-white picture in an old *Life* magazine. ... rather than sunbeams, the sun has begun to project the odor of old *Life* magazines instead, and the odor is killing his crops.” (7)

(A evocação efabulada da natureza é comparada à mediatização da representação da natureza. Ao mesmo tempo dá-se o cruzamento, ou

21 Citação do início do último capítulo (*doc. elec.*).

transposição de estímulo-resposta, para dados provenientes dos sentidos.)

- Exemplo de metáfora e metonímia baseadas em nome próprio, com resultado irônico, intra-narrativo, por implicatura:

"Anyhow, this rich broad, this real *Sylvia* type" (Elvissa calls rich women with good haircuts and good clothes *Sylvias*) (99)

(A "implicatura" é um pressuposto intra-narrativo – tem que ser 'desmontada' pelo 'eu' narrativo para que o público-leitor possa entender o sentido metafórico implicado por Elvissa e implícito para o público-personagens.)

- Exemplo de pressuposto de implicação de comunidade interpretativa, de implicatura e de relevância ostensiva:

• ¶"Talk to yourself." ¶"Look at the view." ¶"Masturbate." • (p. 9)

(A utilização do marcador, "¶", é de reconhecimento imediato e evidente para quem usa processadores de texto. A sua utilização recorrente, mas não sistemática, no início de capítulos é indicadora do entendimento de texto como 'processo' de escrita e não como 'produto' de escrita, acabado e imutável.)

- Exemplo de "*détournement*", de subversão, de pressuposto de comunidade interpretativa e de implicatura:

" ... I've seen the process of onedownmanship in action – and been angry at not having sordid enough tales of debauchery of my own to share." (p. 13)

(o segmento-síntese e o tom sarcástico pressupõem conhecimento dos métodos de terapia de grupo usados nas reuniões dos Alcoholics Anonymous.)

- Exemplo de *détournement* por desarticulação e análise:

RE
CON
STRUCT

(o “*détournement*” operado por síntese, em “onedownmanship”, faz-se operar por desarticulação analítica de “Re Con Struct”, o título de capítulo/*tale* da página 47. A desconstrução da palavra confere uma carga semântica acrescida aos seus elementos constitutivos: ‘*re*’ – ao ser isolado, o prefixo re-assume a sua carga semântica, de re-petição, renovação, a corpo inteiro; ‘*con*’ adquire uma carga semântica própria, que não tinha enquanto elemento constitutivo do vocábulo – trapaça, embuste, manipulação, abuso de confiança; ‘*struct*’ – ‘structure’ deixada a meio, adquire um valor semântico renovado, é estrutura, padrão (?), construção (?), renovadamente “con” (?).

- Exemplo de processamento do espaço como excursão mental:

“THE EMPEROR’S NEW MALL: The popular notion that shopping malls exist on the insides only and have no exterior. The suspension of visual belief engendered by this notion allows shoppers to pretend that the large, cement blocks thrust into their environment do not, in fact, exist.” (71)

(Série de referências cruzadas: espaço físico tratado como ‘sociedade do espectáculo’, que por sua vez transfigura a realidade, em realidade virtual.)

- Exemplos de “*détournement*”, subversão, e inversão de referentes:

“Ignore the wind, Davie. Don’t cosign nature’s bullshit. It’ll go away.” (35)

(O vento é “nature’s bullshit” porque provoca o inconveniente de atirar com pratos de papel para a piscina. Incomodar-se com tal facto é participar na ‘manobra de distracção’ do vento e essa manifestação é expressa da mesma maneira que se adere a uma campanha ideológica ou política.)

“Did you see the pound of plastic lipofat in the nurse’s office? Just like the fake food in sushi restaurant windows. Looks like a dish of raspberry kiwi fruit puree.” (35)

- Exemplos de transposição de referentes:

“ ... Before I knew it, Elena returned and *zoom*: we’re out of the restaurant, *zoom*: I got a peek-peek on the cheeks, and then *zoom*: she was in a cab off toward Lexington Avenue.” (155)

(A descrição é construída como uma sequência de efeitos filmicos. O olhar (*gaze*) da personagem, Claire, sobre a alteridade (*otherness*) dos modelos de vida de outros personagens, neste caso a mãe do namorado, é descrito como se fosse a lente de uma máquina de filmar – o olhar sobre o exterior, a vida, demonstra a interiorização da representação mediatizada pela semiótica do espectáculo.)

Coupland e as novas formas de expressão do “real”²²

Generation X é uma narrativa que se constrói como objecto-livro, ao primeiro pousar do olhar sobre o papel. A percepção visual interpela de imediato o leitor ao nível do que se passa à superfície da página e, aqui também, *Generation X* é um objecto que se constrói a partir de materiais descontínuos. O impulso inicial, orientado por normas tipográficas tradicionais e protocolos editoriais de reprodução da obra de arte literária, por impressão, leva a considerar *Generation X* um livro ilustrado e, no entanto, qualquer análise intertextual (texto – imagem), por mais apressada que seja, revela a desconexão, desajustamento, desarticulação ou não submissão da ilustração ao singular fluir da narrativa.

Os grafismos de margem são elementos aparentemente fechados em si, não parecem obedecer a uma gramática (nem retórica, nem visual), não têm características estilísticas formais definidas; não são notações uma vez que não operam a restituição de um projecto no corpo do texto; serão ideias, mas como tal apresentam-se diluídas na mobilidade forma-imagem-sensação.

Num primeiro nível de leitura afirmaremos que são, isso sim, objectos sinaléticos. Confessionais, fragmentares e apelativos como *graffiti* em parede, dialogam, em sintonia, com expressões gráficas da *pop art* e do *retro* americano, em representação de apreensões dispersas, levantamentos variados, sínteses bombásticas, em aparente transcendência anárquica, ou pelo menos caótica.

22 Continuamos a fazer apelo ao conceito de “real” sugerido por Barth (1979: 32), proposto no início do capítulo anterior.

Em exemplos, como os que em anexo se reproduzem, intentamos observar o seguinte: as notas, definições e grafismos de margem, ainda que em consonância lógica e discursiva com o universo narratológico e com os quadros de referência das personagens/ns, operam uma força centrípeta em relação ao pólo de atenção – narrativa principal.

Considerando que não exercem o reforço dramático do coro clássico; não apresentam informação crítica, alternativa ou antitética; nem sempre representam expansões, alargamentos ou aprofundamentos; não apresentam qualidade mínima de ilustração (com as possibilidades actuais da edição electrónica e de desktop publishing, não há razão para o frequente desalinhamento dos elementos de margem em relação ao corpo de texto); não têm características, nem qualidade gráfica para serem elementos ornamentais; teríamos de concluir que se trata de verdadeiros *faits divers* aleatórios e distractores.

No entanto, é por certo inverosímil que um texto publicado com evidente *design* cuidado, contenha elementos gráficos consideravelmente encarecedores da publicação, sem que cumpram desígnios explícitos do autor (também ele artista plástico).

Renée Hubert afirma no ensaio 'The Illustrated Book: Text and Image' que "A study of the illustrated book requires an examination of why visual interpretation cannot exclusively be studied as a series of images subservient to a text." (*in* Plottel e Charney, 1978: 177)

A não submissão dos elementos gráficos ao pré-texto, que supostamente ilustram, torna-se característica neste século:

"While nineteenth-century artists, even a major figure such as Delacroix, tried graphically to express the writer's intention with a minimum distortion, twentieth-century artists tend to transform the text into a pretext for their own elaborations and, as an indirect way, to penetrate into their own creative universe." (Hubert, 1978: 194)

Podemos, a este propósito, invocar o exemplo das ilustrações de Picasso que, segundo Horodisch (1962), fabricam um universo outro e têm um grau reduzido de relação intrínseca com o texto que ilustram; ou, ainda, considerar as ilustrações da edição da Random House (New York, 1969) de *Alice in Wonderland*, em que "Dali complements the text instead of submitting to it." (Hubert, *op. cit.*, 194).

Tomando como premissa que a não submissão dos grafismos ao texto não é incidental e que a aparente desconexão não é significado de negligência, tomamos os objectos gráficos como mediadores de cultura, um determinado tipo de cultura e argumentamos que os grafismos, em *Generation X*, são representações de unidades de discurso móveis, puramente combinatórias, destinadas à fabricação de um universo outro.

Num nível de leitura que faz apelo à alteridade de formas de comunicação mediatizadas pelas novas tecnologias informáticas, defendemos que os grafismos de margem são segmentos activos de periferia, em realidade simulada, são a representação fixa e não-operatória ou funcional equivalente às chamadas "hot words" ou "botões" em construções interactivas hipertextuais.

O objecto-livro *Generation X* é o resultado físico de uma transposição, de um transporte para superfície plana – papel da ferramenta conceptual, hipertexto e da sua inerente corporização física, electrónica.

Numa autêntica inversão da ordem 'natural', argumentamos, assim, que em *Generation X* são os átomos que simulam os *bits* (Negroponte, 1996), é o papel que simula a electrónica, é o livro que simula a aplicação informática interactiva, é a rigidez fixa da superfície plana e inalterável que simula a fluidez relacional do hipertexto.

A interpretação que se apresenta, sem que dela pareça que se possam retirar ilações de consequência imediata, até porque contraria as tónicas consensuais sobre os rumos da inovação trazida pelas tecnologias ao processamento e produção de texto, levanta dois aspectos ulteriores para a leitura de *Generation X*, enquanto produto e objecto-livro.

A distribuição de manchas gráficas no espaço-folha, que nos habituámos a ver, conduzem-nos a uma percepção bipartida da leitura da página: corpo de texto – onde tudo o que é importante para a leitura se passa e margens – espaço branco onde podemos inscrever qualidades da ergonomia da edição ou, mais pragmaticamente, notas e rabiscos pessoais, mas a margem é território extra-textual, nesse pequeno objecto *retro* que é o livro e qualquer interactividade entre os objectos de margem e o texto é escrita/inscrita pelo leitor/*narratee*/narratário.

Os grafismos de margem, em *Generation X*, funcionam nesse preciso âmbito de interactividade, numa fusão de leitura-escrita, o "lisible", "scriptible" bartesiano (1973, 1990), em fusão de papéis autor-narrador-leitor, em confluência de meios de produção: edição electrónica – produção tipográfica e de meios e ambientes de suporte físico: *bits* (computador) ou átomos (papel), (Negroponte, 1996).

Argumentamos, em suma, que *Generation X* inaugura uma nova funcionalidade para a margem do texto. A margem do texto deixa de ser um baldio desertificado do objecto-livro e os segmentos discursivos, à margem, não formam uma zona suburbana parda e indistinta, transformam-se em pólos de leituras renovadas, inaugurando um novo sentido no território da significação, deslocando-a da zona exclusiva do centro, a narrativa principal, para a periferia.

A força centrípeta, de que falamos, é assim o resultado do vector, ou direcção, de leitura operada pelos grafismos de margem que operam como verdadeiros marcadores de intertextualidade, fazendo transparecer o 'eu'-

narrador como 'eu' – autor, sem que com isto queiramos dizer que haja demarcação de papéis, no conjunto intra-narrativo, mas sim no conjunto global e intertextual de *Generation X* no seu todo produto-objecto.

Esta leitura vem, aliás, no seguimento da interpretação adiantada no capítulo anterior sobre as marcas de produção, “¶” e dos aspectos narcísicos da narrativa *Generation X*, reforçando-o na tónica do apelo à capacidade de reconstrução por parte do leitor/*narratee*/narratário.

Se marcas gráficas, intencionalmente deixadas como vestígio, como “¶”, lembram que há um processo de escrita (processado em computador) levado a cabo por um executante-autor, que transparece deste modo, fisicamente, à flor do texto-narrativa; assim também os grafismos de margem (con)fundem as notas do leitor com as notas do autor, sugerindo novos territórios de interactividade.

Transportamo-nos, assim, para um terceiro momento de análise em que importa relacionar, ainda, outras instâncias de intertextualidade. O facto de a narrativa *Generation X* se apresentar permeada de marcas de intertextualidade, representadas graficamente, demonstra a influência de hábitos comunicativos sobre estruturas hipertextuais e *design* de interfaces interactivos como os que são familiares a utilizadores da Internet e da WWW, a que não é certamente estranha a circunstância, que aqui relembramos, de Coupland ser colaborador frequente de publicações electrónicas, como a *Wired* e de ser um autor particularmente lido e apreciado por um público constituído por utilizadores habituais de ferramentas electrónicas computadorizadas.

Num ensaio datado de 1959, indagando sobre a natureza e definição da literatura de finais do nosso século, Roland Barthes afirma “[...] é uma máscara que se aponta a si mesma com o dedo.” (1964: 145). A nova construção discursiva apoiada por computador, nomeadamente a hipertextual, permite prolongar a afirmação de Barthes: ‘é uma máscara que se aponta a si mesma com a extensão do dedo – o click do rato’.

As novas formas possibilitadas pelas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) – SKAZ

Tendo feito uma análise colada ao objecto e ao texto, propomos agora uma abordagem *topdown* para as novas formas de resolução gráfica e *layout* de texto, ainda numa perspectiva de procura de correlações com o ‘novo real’ que terá de surgir da “literatura de exaustão”, de que falava John Barth (1979).

David Lodge (1992: 17-20), define *skaz* como narrativa em primeira pessoa com as características próprias do registo oral (falado) e não de escrita.

Especifica, ainda, que neste género da narrativa, «the narrator is a character who refers to himself (or herself) as "I", and addresses the reader as "you".» (Lodge, 1992: 18) e dá os exemplos de Huckleberry Finn e de Holden Caulfield. Prolongamos esta trajectória analítica acrescentando: Huck – Holden – Andy, no intuito de analisar pontos de aproximação e de identificar as características específicas de um novo registo escrito, contextualizando-as teoricamente.

O conceito de *skaz* é inicialmente apresentado pelo formalista russo Boris Eichenbaum ou Èjxenbaum em 1929, atribuindo um papel específico à prestação dos aspectos verbais por parte do narrador. No contexto da sua distinção entre enredo e "story-stuff" ou, alternativamente, entre "construção" e "material", *skaz* surge como conceito importante, porque é o princípio de construção da "plotless story" (Eichenbaum, 1971: 21).

Mikhail Bakhtin contesta o conceito, alargando-o – *skaz* não é "orientation toward the oral form of narration, [mas] orientation toward someone else's speech" (1984: 191). Nesta perspectiva, Ann Banfield (1982) acrescenta interpretações ainda mais amplas e, porventura controversas, defendendo que *skaz* não é apenas uma forma de narração mas "the imitation of a discourse" – a função de um segmento discursivo da narrativa é "solely to tell" (1982: 178).

Indagamos este conjunto evolutivo de referências teóricas no sentido de estabelecer premissas para apresentar os grafismos de margem, em *Generation X*, como técnica narrativa que intenta 'espelhar' ou construir o 'duplo' da tecnologia interactiva através do recurso à intertextualidade margem – corpo de texto, na página/papel.

Considerando que esta técnica representa (a) um princípio de construção da "plotless story" que é *Generation X*, (b) a orientação para um discurso alternativo, (c) uma imitação discursiva com uma função puramente narrativa, consideramos os grafismos de margem (imitação não operacional de botões hipertextuais) como uma nova forma de *skaz* possibilitada e decorrente de um real orientado e apoiado em novas tecnologias de informação e comunicação.

Retomando a trajectória orientada por protagonistas, Huck – Holden – Andy, inicialmente proposta, devemos notar as dissemelhanças. Mais do que rebelar-se contra o mundo injusto (como Huck), ou desentender-se e criticar o mundo hipócrita (como Holden), Andy alheia-se, afasta-se do mundo – a sensação global que recolhemos é ainda de crise e quebra, mas por distanciamento e 'entorpecimento', mais do que por indignação ou revolta. Andy não é um herói do Romantismo ou da Modernidade, é um produto da Pósmodernidade, desprovido de inocência, desprovido de orientação ideológica ou sentido de missão, paradoxal e desconcertante; ao mesmo tempo ego-cêntrico e marginal/ex-cêntrico, no sentido dado por Virginia Woolf de "alien and critical" (1945: 96).

Ao estilo coloquial, vernáculo de Huck e ao estilo coloquial repetitivo e hiperbólico de Holden, apõe-se o jargão de grupo ou clique de Andy. O

registro particularizante que caracteriza o discurso de Andy e da geração X é um fenómeno linguístico definidor de grupo, igualmente discernível em outros grupos, que por razões diversas de demarcação ou marginalização, adoptam marcas de fala intencionalmente distintivas.

Como Mark Twain, (Huck) e J. D. Salinger, (Holden), Douglas Coupland exprime-se frequentemente através da violação deliberada de convenções normativas, contudo, parece-nos evidente que tem uma elevada sensibilidade na utilização linguística e a usa com a intensidade de um *virtuoso*.

Desta constatação, que passa a tomar-se como premissa, decorre a necessidade de concentrar a análise em termos das estratégias comunicativas que operam a singularidade do todo narrativo, nas suas relações intra- e intertextuais.

"Where does a text begin and end?" (Grigely, 1995: 130), é a pergunta retórica que equaciona a questão do espaço textual e da sua delimitação.

"Books are spaces, of course," constata Grigely, "but studios, museums and courtyards are spaces also, and so too are postcards, slides, and related enactments of mechanical (re)production. How do all of these things come together ... ?" (1995: 55)

Fazemos nossa a pergunta retórica para considerar o espaço textual de uma narrativa como pressupondo formas de organização que podem ser interpretadas articuladas e/ou categorizadas de várias maneiras.

Das diversas possibilidades oferecidas pela Teoria do Texto, destacaremos duas das perspectivas dominantes: o texto como organização e o texto como acontecimento, às quais adicionaremos uma terceira – o texto como produto – perspectiva que se afigura particularmente pertinente face à nova problemática levantada pelas tecnologias de informação e comunicação e naturalmente decorrente do argumento que vimos expondo.

O texto como organização

O texto como organização é o objecto da semiótica (Hjelmslev, 1968), da análise estrutural e da operacionalização combinatória dos dados para a descoberta da mensagem.

Em disputa com a autoridade do autor, como fonte original de um sentido pré-determinado, Roland Barthes (1966)²³, propõe a tese estrutural(ista) de dissecação do texto em unidades: "núcleos", segmentos

textuais de coesão e "catalizadores", personagens, local de acção, etc. O modelo tem inegáveis potencialidades exploratórias, mas conclui a um leitor com o papel passivo de mera descodificação. (Lodge, 1986: 196, 197)

Retomando as teses de Barthes e, entretecendo-as com perspectivas Freudianas/Lacanianas do modelo psicanalítico, Peter Brooks (1984)²⁴ elabora sobre as relações entre metáfora e metonímia (Jakobson, 1977) acentuando a importância do desenvolvimento narrativo como encadeamento metonímico de sequências temporais e de relações causa-efeito.

Quer se tome a perspectiva da preponderância do autor, ou da preponderância do texto, qualquer tipo de narrativa depende de um princípio básico de coesão (Lodge, 1986: 195). É nesta perspectiva que abordaremos o conceito de enredo – como expressão do nível organizacional de uma narrativa que, no entanto, referencia, de um modo geral, aspectos mais complexos do que a mera sequenciação de acontecimentos tal como normalmente ocorre numa história popular ou numa fábula. Basicamente, uma história é uma 'narrativa' de acontecimentos segundo uma dada sequência temporal, enquanto que o enredo organiza os acontecimentos narrativos de acordo com um sentido de causalidade (Forster, 1927). Segundo esta perspectiva, a estruturação dos acontecimentos, ou acções, é cuidadosamente seleccionada, composta e interrelacionada pelo autor.

O conceito de enredo, contudo, tem sofrido consideráveis variações. Na *Poética*, Aristóteles confere ao enredo, (*mythos*) uma importância primordial, considerando-o a verdadeira alma da tragédia. Na sua evolução até ao Romantismo, essa importância primordial sofreu uma tendência de redução a funções mais de suporte do conteúdo ficcional. O extraordinário papel, dado pelos Românticos, ao desenvolvimento de personagens e à elaboração de descrições e diálogos, arrastou a importância do enredo ao seu mais baixo nível de estimação.

O século XX tende a conferir ao enredo um significado renovado, indo alguns críticos ao ponto de lhe atribuir uma importância comparável à do *mythos*, ao considerar o enredo de função primordial no complexo narrativo. Referimo-nos, por exemplo, a Ronald S. Crane e a críticos da Escola de Chicago, que se apresentam como defensores de um conceito de enredo como mecanismo de controle exercido pelo autor sobre as reacções emotivas do leitor.

Enquanto criador de Arte, o autor de prosa narrativa coloca-se perante a questão de fundo de decidir se: (a) é mais importante representar a aparente, ou real, falta de forma inerente à nossa percepção da vida real (em que um princípio e um fim são noções difusas e as motivações raramente são

24 O texto fundamental, para a posição de Brooks, é *Beyond The Pleasure Principle* de Freud (1922).

de simples relação causa-efeito), (b) deverá recorrer ao artifício organizacional de uma narrativa equilibrada segundo os princípios de artefactos como mesas ou cadeiras, ou (c) o enredo constitui, por si e em si, a desconstrução, o aleatório, a ausência de nexos ou consistência do nosso estar (pós)moderno.

Esta última tendência, habitualmente balizada nas obras de Virginia Woolf e James Joyce, apresenta também variantes como as de *À la Recherche du Temps Perdu* de Marcel Proust (1913-27), que realçamos pelo seu enquadramento filosófico bergsoniano de movimento aproximativo de um 'momento de verdade', ou 'revelação' literal da natureza da realidade. Esta é a característica que, de algum modo, atribuímos a Douglas Coupland nos momentos finais de *Generation X*.

O ponto de vista actual sobre a questão do enredo parece seguir a linha geral de pensamento sobre o presente: 'anything goes' ou, qualquer esquema serve, desde que articule uma narrativa.

O texto como acontecimento – a multiplicidade de sentidos

Uma outra possibilidade de abordagem parte do carácter de indeterminação do signo ou referente cultural e dá atenção prioritária à versatilidade conceptual das tecituras de significado, nomeadas pelo conceito lato de 'texto'. O texto como contexto, como acto performativo, como instância de significado, sempre renovada a cada leitura.

Ao declarar a morte do autor, Barthes determina a mudança de ênfase de um autor, detentor das chaves de significação de um texto, para um leitor empossado de um papel receptivo decisório sobre o enunciado. "The metaphor for creation changes from one of expression to one of performative inscription, and the discursive context of the text's inscribing is that of a network of "multiple writings, drawn from many cultures and entering into mutual relations ..." (Hutcheon, 1995a: 76).

Na relação triangular autor-texto-leitor "there must always be dualisms: an interpreter and something to interpret" (Culler, 1982: 75), ou, como sublinha ainda Hutcheon, a lição do pós-modernismo é a de que não devemos limitar o acontecimento do texto "to just readers and texts;" (1995a: 80), pois igualmente importante é o processo de produção de sentido, que decorre da interacção leitor-texto.

Assim a perspectiva de um leitor activo e participante conduz à concepção do leitor como entidade enunciativa e, portanto, (co)produtora de sentido – logo co-autora'.

A morte de Deus radicalmente anunciada por Nietzsche representa a

aniquilação de uma super-estrutura ou "master narrative" e uma crise de legitimação "in which the [...] facts of bourgeois society are no longer easily ratifiable by an inherited notion of 'culture'" (Eagleton, 1994: 258). A demolição nietzschiana dos pilares convencionais da sociedade e a pulverização, tanto ética como epistemológica, de totens religiosos e científicos subverte qualquer possibilidade de uma ordem política, ou socio-ideológica, estável. Ao empossar o *Übermensch* do exercício resgatador, mas solitário, de "*will to power*" Nietzsche investe o ser humano das responsabilidades que eram apanágio de toda uma comunidade.

A rarificação de todas as formas de ligação entre os conceitos de autoria/autoridade, eterno, universal, unicidade, origem e o conceito de centro, transformam o centro em pura ficção, "necessary, desired, but a fiction nonetheless." (Hutcheon, 1995a: 58).

"You can explain the past only by what is most powerful in the present" (Nietzsche, 1957: 40). A noção de descontinuidade e a crise na função de representação tradicional da linguagem, bem como de "knowledge as perspective" (Foucault, 1977: 156), estão, antes de mais, relacionadas com a erosão de um certo tipo de autoridade social, cultural e filosófica que conduziu ao colapso de muita da função representacional por parte de alguns dos significantes. Embaraçada pela falta de sentido de continuidade, a significação reparte-se por uma miríade de 'possíveis' significados. Contudo, como Hegel afirma na *Encyclopedia*, "language is the work of thought: and hence all that is expressed in language must be universal." (in Middleton, 1992: 166).²⁵ A universalidade da linguagem implica a existência de significado/sentido, ainda que tenha que ser construído a partir de um conjunto de circunstâncias fortuitas.

Em última análise, a redenção do sentido reside na capacidade individual de concordar com Terry Eagleton que 'whatever *King Lear* may be about, it's not about Manchester United.' (in Newton, 1986: 212)²⁶. O intuito da citação paródica e da *reductio ad absurdum* é o de sugerir que a linguagem, por si, não impõe limites à interpretação – a linguagem é uma contínua fonte de assombro, emanando das possibilidades intermináveis e ilimitadas da corporização discursiva que qualquer utilizador pode operar sobre ela.

25 A citação parcial descontextualiza a intenção argumentativa original contra a possibilidade de articulação verdadeira de emoção.

26 Citação desconstrutivista, que assume o sentido como centrado no texto – faz-se apelo ao valor lógico intrínseco, sem implicar o contexto inicial de teorias de interpretação em crítica literária.

Texto literário e não-literário

Desinvestido da supremacia da intenção autorial, o texto conhece outras vicissitudes na sua dimensão pública.

Considerando que é nossa intenção analisar linhas de evolução do texto para os domínios menos conhecidos e discutidos do hipertexto e da 'navegação' discursiva interactiva, hipertextual, consideraremos a questão decorrente da qualidade de literariedade do texto.

Quando é que a "suburb prose" (Frye, 1973: 327), ou texto não-literário, isto é, texto que não foi concebido originalmente com intenção literária, se torna literatura?

Por vezes, textos que se dirigem à *praxis* de um mundo exterior de intervenção social e política, assumem significado literário. Frye enumera casos como o discurso de Gettysburg, de Lincoln, ou os discursos de 1940 de Churchill, entre outros, afirmando que os exemplos mais significativos se encontram no discurso panfletário que capta o ritmo da história, "that seizes on a crucial event or phase of action, interprets it, articulates the emotions concerned with it, or in some means employs a verbal structure to insulate and conduct the current of history." (Frye, 1973: 327). Frye conclui que:

for a long time the prestige of the discursive reason fostered the notion that logic was the formal cause of language, that universal grammars on logical principles were possible, and that the entire resources of linguistic expression could be categorized. We are now more accustomed to think of reasoning as one of many things that man does with words, a specialized function of language. (1973: 331).

Progredindo da lógica (gramática) para a razão (discurso, língua como acto de fala, performativo, função e expressão do conceptual pela linguagem), organizada em agrupamentos ou núcleos associativos de intenção, ultrapassamos largamente a actividade linguística tradicional.

James Joyce e *Finnegan's Wake* são exemplos clássicos para este tipo de argumento, daí que invoquemos "the keys to dreamland", do último capítulo, e relembremos que são deixadas ao "ideal reader suffering from an ideal insomnia", isto é, qualquer leitor com capacidade intelectual e cultural de compreensão activa.

Temos, assim, o significado do texto liberto do bloqueio da 'corrente dominante' das teorias de crítica pós-estruturalista. Secundando os argumentos de Susan Sontag, em *Against Interpretation*, sublinhamos a inadequação de tentar enformar/conformar a obra de arte em códigos e regras de interpretação, produzindo textos dos textos *ad infinitum* e literatura de segundo-grau sobre a literatura num mundo sobrecarregado, à partida, de excesso e redundância (Sontag, 1967).

Precisamos, portanto, de compreender/conhecer melhor e não mais. Reinvestir o próprio texto de sentido comandou décadas de análise e dissecação de texto e operou uma alteração na relação vectorial do triângulo autor-texto-leitor – transformou a questão essencial de: 'o que é que o texto quer dizer?' para: 'o que é que o texto diz?'.

The Death of the Author, the Absolute Subject of literature, means the liberation of the text from the authority of a presence behind it which gives it meaning. Released from the constraints of a single and univocal reading, the text becomes available for production, plural, contradictory, capable of change. (Lodge, 1990: 134).

Após a nulificação Barthesiana da autoridade autorial como mero artefacto cultural e a dissecação desconstrutivista do texto como incógnita, um terceiro *locus* de sentido é introduzido e promovido por teorizadores mais sensíveis aos aspectos da resposta-do-leitor, dando ênfase à realidade interacção-leitor-texto e produzindo a terceira versão ou cambiante na pergunta retórica-metodológica anterior: 'o que é que se faz com o texto?' – questão que nos transporta para o âmbito de teorização da comunicação como acontecimento performativo centrado no leitor.

A comunicação como acto performativo centrado no leitor

The urge to knowledge is an impulse to conquer, an apparatus for simplifying and falsifying the rich ambiguity of things so that we might take possession of them. Truth is just reality tamed and tabulated by our practical needs, and logic is a false equivalencing in the interests of survival. (Eagleton, 1994: 235).

Por mais descentrada, polissémica, complexa, fragmentar, idiossincrática que a nossa cultura, os seus constructos e a mediatização da comunicação possam parecer, a questão última, a questão do sentido, permanece fundamental na necessidade de transpôr, pela linguagem, o fosso entre o que representa uma consciência individual e o que é representado na ideologia pública ou comunitária.

O debate sobre a natureza do conhecimento e o desenvolvimento e formação desse mesmo conhecimento tornam-se tanto mais significativas, quanto mais se toma consciência do facto de os signifiantes tradicionais terem perdido a sua capacidade de legitimação e de função representacional comprometidos, como estão, pelo esvaziamento histórico dos 'valores' como terreno conceptual unívoco.

O estatuto da "verdade", tal como enunciado por Nietzsche, na citação abaixo, é o resultado de construções colectivas permeáveis à possibilidade de desmantelamento e 're-assemblagem' de categorias cognitivas básicas:

'What, then, is truth? A mobile army of metaphors, metonyms, and anthropomorphisms – in short, a sum of human relations, which have been enhanced, transposed, and embellished poetically and rhetorically and which after long use seem firm, canonical, and obligatory to a people: truths are illusions about which one has forgotten that this is what they are.' (*in* Williams, 1990: 60).

Esta afirmação abre duas linhas de raciocínio de considerável alcance: implica, por um lado, que o valor canónico (tal como postulado pela crítica literária tradicional, por exemplo) é um mito; e por outro, que qualquer pessoa ou grupo de pessoas podem estabelecer novas verdades, bastando para isso que a relação humana e a respectiva ilusão, sejam mantidas por um período de tempo suficiente.

Esta é uma perspectiva que comanda amplo reconhecimento, quer filosófico, quer intelectual e deixa o terreno aberto a muito pensamento alternativo, debate e tomada de poder individual, até porque, como afirma Elizabeth Wheeler, "without awareness of power, it is the powerless who disappear." (1991, *doc. elec.*: parág. 13).

A noção de intervenção performativa, "reader-response", ou leitura activa, e teorias da recepção são lideradas por nomes como Stanley Fish e Mikhail Bakhtin. Propõe-se seguidamente alguns dos aspectos dos trabalhos de Fish e de Bakhtin que parecem de relevância essencial a uma abordagem do sentido do texto numa perspectiva orientada pelo leitor (*reader-oriented*) e considerada quer como constructo social, quer como constructo mental individual, para contextualizar teoricamente o raciocínio de teor abductivo proposto para as relações intra- e inter-textuais das notas e grafismos de margem em *Generation X*.

Actos deliberativos e comunidades interpretativas

As polémicas teorias e argumentos de Stanley Fish são violentamente atacadas numa controvérsia que se pode sintetizar à volta da suposta ameaça do desaparecimento do texto, ao longo de argumentos como os seguintes: "At the heart of Fish' s approach are two related ideas: (1) that reading is a temporal process and not a historical accumulation of codings for reading; (2) that the meaning of a sentence is the reader's own experience of that process." (Phelan, 1979: 16, 17).

Supostamente, com este postulado em dois movimentos, primeiro que o significado do texto não coincide com o significado rígido das suas palavras, mas sim com a experiência pessoal do leitor, segundo que a experiência pessoal do leitor não pode ser determinada por um exame exterior de sintaxe, estrutura frásica, ou outras características meramente físicas – "Fish makes the text disappear." (Phelan, 1979: 17).

Temos assim que, na relação triangular autor-texto-leitor, a um primeiro momento de hegemonia da autoridade autorial, se sucede um segundo momento de depreciação do valor inquestionável da substância-texto, de onde resulta a emancipação do terceiro elemento do triângulo, o leitor e do acto performativo que é relação privilegiada do leitor com o texto, ou seja, o processo de leitura em si mesmo. No processo estabelecido por e durante o acto de leitura, pela actividade do leitor performativo, enquanto experiência do texto, a unidade básica é o acto deliberativo levado a cabo pelo "informed reader"²⁷ que pertence a um grupo intelectual e, portanto, linguisticamente competente – a "interpretive community".

O título dos ensaios coligidos, *Is There a Text in This Class?*, é igualmente a pergunta polémica, retórica-metodológica com que Fish abre a sua argumentação como "New Reader". Num verdadeiro "*détournement*" de compromisso, em relação a posições anteriores, afirma agora:

The answer this book gives to its title question is "there is and there isn't." There isn't a text in this or any other class if one means by text what E. D. Hirsch and others mean by it, "an entity which always remains the same from one moment to the next" (*Validity in Interpretation*, p. 46); but there is a text in this and every class if one means by text the structure of meanings that is obvious and inescapable from the perspective of whatever interpretive assumptions happen to be in force. (Fish, 1994: vii).

Revendo posições anteriores sobre o leitor, particularmente no que concerne a dicotomia leitor/texto ou subjectividade/objectividade, Fish explica que em 1970 «I was asking the question "Is the reader or the text the source of meaning?" and the entities presupposed by the question were the text and the reader whose independence and stability were thus assumed.» (*id.*, *ib.*, 1). O debate baseava-se na pressuposição que o texto e o leitor se podem distinguir um do outro e que "they will hold still." (*id.*, *ib.*, 1).

O equívoco, que Fish assume agora é o da substituição da pergunta "what does this mean?" por uma outra, "what does this do?", em que "do" mistura a referência à acção de um texto sobre um leitor com as acções efectuadas pelo leitor no processo de negociação (e de algum modo actualização) do texto.

O conceito-chave continua a ser 'interpretação', mas Fish fá-lo agora proceder de uma "collective decision". O leitor ainda 'faz' a literatura, mas apenas enquanto membro de uma comunidade «whose assumptions about

27 O que Fish implica, neste princípio de um "informed reader" é a competência linguística no sentido que lhe é atribuído por Chomsky, a capacidade do falante interpretar correctamente actos de fala, pelo reconhecimento das leis gerais da linguagem.

literature determine the kind of attention he pays and thus the kind of literature "he" "makes." (1994: 11) porque, continua Fish, "the self is constituted, no less than the texts it constitutes in turn, by conventional ways of thinking." (1994: 11). Estas formas convencionais do pensamento (in)formam a "shape of reading" e desenvolvem as estratégias interpretativas que 'fazem' o texto.

A noção de "interpretive communities," torna-se, portanto, central e as formas da leitura são extensões do conjunto de credos e/ou valores que se constituem em perspectiva comunitária, ou, como Fish aclara, em 'How To Recognize a Poem When You See One', "... whatever it is, the shape and meaning it appears immediately to have will be the "ongoing accomplishment"²⁸ of those who agree to produce it." (1994: 337).

O conceito de comunidades interpretativas funciona contra a reificação da institucionalização e o determinismo centralizado e centralizador. Postulando que o significado só 'faz sentido' como acontecimento grupal derivado do "set of beliefs" que (in)formam esse mesmo grupo, enquanto grupo, Fish contribui decisivamente, para uma linha de pensamento informada por contributos como os de Lyotard ("social bond" linguístico) e Wittgenstein ("language games"), para a visão (pós)moderna de sociedade retalhada, pluralismo, determinação local e/ou marginal, dispersão e fragmentação.

No caso particular da argumentação deste capítulo fornece os antecedentes teóricos indispensáveis para a interpretação apresentada sobre os grafismos de margem em *Generation X*, a qual julgamos apenas transparente para uma comunidade de utilizadores habituais de hipertexto e assenta no conceito de texto como (re-)escrita interactiva e colaborativa.

A leitura como actividade não inocente de expressão social do 'eu'

"Reading is not an innocent activity." (Culler, 1980: 116) E esta actividade não será cabalmente exercida, ou levada a cabo, na ignorância do facto que:

(...) it is charged with artifice, and to refuse to study one's models of reading is to neglect a principal source of information. [...] By offering sequences and combinations which escape our ordinary grasp, by subjecting language to a dislocation which fragments the ordinary signs of our world, literature challenges the limits we set to the self as a device or order and allows us, painfully or joyfully, to accede to an expansion of self. (Culler, 1980: 116-117)

28 Explicado da seguinte maneira, em nota: "phrase used by the ethnomethodologists to characterize the interpretive activities that create and maintain the features of everyday life." (Fish, *op. cit.*, 389).

O significado de um trabalho é aquilo que ele mostra ao leitor, através das acrobacias em que o envolve, sobre os problemas da sua própria condição de *homo significans*, "maker and reader of signs." (*id.*, *ibidem*). Tanto o "changed status of interpretation", de Fish, como o "*homo significans*", de Culler, se radicam e partilham os aspectos sociológico-dialógicos fundamentais em Bakhtin.

Dialogismo

Transnacional, transcultural e universalmente aceite e citado, Bakhtin formula um universo conceptual com fortes ressonâncias²⁹ com algumas formas de *Zeitgeist* consensual, embora as suas teorias não formem um *corpus* sistematizado de pensamento/escrita.

A sua "translinguística" contém, em si, um cerne de 'transgressão'; debate o ultrapassar de limites, o ir, exploratório, além fronteiras e re-ligar tudo, outra vez, num território de ser formado por inter-conexões intencionais. "My life is an utterance, therefore nothing in discourse is foreign to me", enuncia o imperativo territorial humanista, "I am a man, nothing human is foreign to me." (1984: 212)³⁰.

O conceito bakhtiniano de "dialogismo" é a unidade conceptual fundamental para o desenvolvimento de uma filosofia (uma "translinguística" ou "metalinguística"), desenvolvida como teoria unificadora da linguagem com implicações psicológicas, sociológicas, cognitivistas e políticas ou ideológicas.

Marxism and the Philosophy of Language (1929) propõe: o papel dos 'signos' no pensamento humano; o papel das "utterances" na linguagem; o modo como usamos 'discurso indirecto'; a alteridade do acto de fala; a comunicação como ideologia; a teorização como polémica e controvérsia; a linguagem como um ecossistema.

Bakhtin confere extraordinária importância ao contexto extraverbal e o seu "cenário" requer três *dramatis personae*: falante/*addressee*/tópico, numa relação triádica que claramente antropomorfiza o tópico. "A word is a two-sided act", (*op. cit.* nota de rodapé nº 30, p. 214) é o *locus* único onde ambos os participantes da comunicação, tanto 'addresser' como 'addressee', podem produzir o intercâmbio recíproco através do qual se dão forma mútua: "A word is a bridge thrown between myself and another ... it is territory shared by both addresser and addressee." (*op. cit.* nota de rodapé nº 30, p. 214). A linguagem não é, pois, um mero sistema, (no sentido Saussuriano do termo), é

29 Fazemos apelo ao conceito de *resounding*, Greenblat, *op. cit.*, 74-90.

30 Refere-se a versão editada por Clark e Holquist (1984), *Mikhail Bakhtin*, pp. 212-237.

comunicação pura, uma relação recíproca e aberta entre o 'eu' e o 'outro', o 'eu' e a comunidade. "Any utterance is a link in a complex chain of communication." Logo, "language enters life through concrete utterances" (*op. cit.* nota de rodapé nº 30, p. 217) o que faz da comunicação "a datum from experience".

Se o sentido é "context bound", o contexto, por sua vez, é ilimitado, gerando, assim, a "heteroglossia" e o "give and take" dos actos de fala: "Each word is a little arena for the clash of and criss-crossing of differently oriented social accents [...]". Uma palavra, enunciada por um dado indivíduo, é o produto da interacção de forças sociais. A liberdade individual e o sentido constituem uma relação interdependente, conflitual, que é ao mesmo tempo social e/ou dialógica: "within the arena of [...] every utterance an intense conflict between one's own and another's world is being fought out [...]" (*op. cit.*, p. 220).

A intenção individual é, pois, muito relativa na medida em que o "eu" é uma função da pluralidade, do "nós". A liberdade individual do falante, em cada circunstância de fala depende da relação sempre cambiante entre discurso interior, que equivale ao pensamento consciente, e, discurso exterior, ou performance individual denotando o evento social de interacção verbal ou "ideologia".

"Everything ideological has semiotic value" ou, "the domain of ideology coincides with the domain of signs" (1984: 225) são *dicta* que reflectem a convicção de Bakhtin de que tudo na mente humana, desde os dados mais simples às mais complexas elaborações intelectuais, é processado por signos, palavras, linguagem, no intuito de produzir pensamento; ou seja, "the word is the ideological phenomenon par excellence." (1984: 225).

A inter-relação eu-outro e a importância que Bakhtin atribui aos factores sociais como determinantes na formação do indivíduo também se podem encontrar em muitas outras epistemologias modernas, como a dos modelos de aquisição da fala de Lev Vygotsky: (1) o 'eu' procede do 'outro'; (2) o "eu" é uma função das forças sociais; (3) a capacidade do pensamento é adquirida do exterior para o interior como etapa transicional do discurso interno para o discurso externo; e, (4) as funções mentais superiores aparecem no plano inter-psicológico antes de aparecerem no plano intra-psicológico.

Tanto Bakhtin como Vygotsky defendem que o desenvolvimento das capacidades mentais e do pensamento ocorrem do social para o individual ou do 'outro' para o 'eu'. "Self and society are two poles of ideology, the limits of language and the antipodes of meaning." (1984: 230).

"Everything has to do with everything else", a relação dialógica básica para a "heteroglossia" torna-se uma premissa para a existência da comunicação ou para a própria vida. "Dialogismo", um termo que, clarifica Holquist, Bakhtin nunca usou, (Holquist, 1991: 15) assume importância crucial na história do pensamento (pós)moderno, especialmente nas suas vertentes auto-reflexivas – a metacognição.

A corporização destas posições teóricas, no texto, opera-se de modo que consideramos paradigmático através da utilização de ferramentas tecnológicas, que permitem o exercício, de modo processualmente consistente, da interactividade textual.

«The most extreme example I can think of in art is, perhaps, "interactive fiction" or computerized, participatory "compunovels".» (Hutcheon, 1995: 77).

Referimo-nos às ferramentas hipertextuais a que temos feito apelo recorrente e que constituirão objecto da parte final deste capítulo.

O texto como produto

A noção de texto como situação enunciativa, contexto, processo tem importantes implicações, não só ao nível teórico que se tem vindo a tratar, mas também a um nível prático, que apresenta consequências de teor não menos importante, para uma análise global.

Intertextualidade

Derivado do latim *intertexto* e, na sequência da linha de ruptura com noções tradicionais de autoridade autorial (Barthes), intertextualidade é um termo introduzido por Julia Kristeva na semiótica dos anos sessenta. Em ensaios como "Le Mot, le Dialogue et le Roman" (*op. cit.*, 1969), Kristeva contribui decisivamente para a quebra da relação privilegiada com as 'fontes' do texto, ao postular que todos os sistemas de significação, desde objectos de uso corrente a poemas, são constituídos/construídos pela maneira como transformam os sistemas de significação anteriores.

A obra literária, consequentemente, não é simplesmente o produto de um autor singular, mas das suas relações com outros textos e outras estruturas da própria linguagem (*langue*); "any text," argumenta Kristeva, "is constructed of a mosaic of quotations; any text is the absorption and transformation of another" (1986: 66). É, assim, a intertextualidade que confere existência a um novo texto, subvertendo o conceito de texto como entidade de significação auto-suficiente na sua totalidade hermética e realçando o facto de toda a produção literária se realizar na presença de outros textos, numa relação palimpséstica, dialógica que encontra a sua corporização no processo – produto hipertexto, como veremos seguidamente.

Uma vez que há sempre linguagem e discurso antes e à volta do texto, qualquer texto é, assim, um novo tecido de citações passadas, segmentos de sentido, modelos retóricos e rítmicos, fragmentos de fórmulas sociais, etc.,

renovadamente transmitidos, redistribuídos e fundidos num outro discurso. A intertextualidade, constitui-se, portanto, em condição de existência para qualquer texto e a escrita surge, assim, como iteração – sempre também uma re-iteração; uma re-escrita que deixa transparecer a traça dos vários outros textos que consciente ou inconscientemente ‘coloca’ e ‘desloca’.

O conceito de intertextualidade oblitera igualmente a delimitação e fronteiras do objecto – livro, fundindo a sua tradicional imagem de totalidade numa tecitura, sem confinação definida, de conexões e associações, paráfrases e fragmentos, textos e co(n/-)textos.

Tanto para autores e/ou utilizadores, como para teorizadores de escrita hipertextual, o conceito de intertextualidade é uma descrição cabal e evidente do tipo de espaço comunicativo no qual se vão inter-/entre-tecendo os textos pósmodernos, electrónicos da comunicação computadorizada dos nossos dias.

Utilizamos esta base de raciocínio para inscrever *Generation X* num espaço intertextual, que não pode deixar de levar, também, em linha de conta as consequências intertextuais das tecnologias de mediatização.

Contexto

Na perspectiva que pretendemos abordar, contexto implica, portanto, um leque tão alargado de questões, que aparece como um território público, uma praça pública de cruzamentos de sentidos, cujas motivações e âmbitos aparecem intimamente relacionados com as incidências, domínios, e aplicações específicas, bem como as problematizações investigacionais de interesse imediato para um dado texto/discurso.

Inclui o conhecimento comum e partilhado da finalidade explícita da comunicação/interacção estabelecida, a qual, por sua vez, marca como pressupostos alguns parâmetros, tais como: sistemas de opções pessoais por parte do escritor/leitor, intenções, objectivos ou finalidades do acto comunicativo e âmbito de conhecimento(s) dos intervenientes.

Como nota Lucia Iwanska, o contexto é geralmente visto como parte das soluções ou estratégias facilitadoras de comunicação de um autor, acrescentando,

“it may not be a central issue, but even if virtually all theoreticians agree that systematic research of context raises many important and hard theoretical problems in Natural Language Processing, NLP, e.g., the type of representational language capable of reflecting its context-dependency, research on context in NLP is in its very preliminary stage.” (1995, *doc. elec.*).

Com perfeita consciência de abordar áreas de especulação ainda muito novas e de importância controversa, apontaremos algumas das relações possíveis

entre elementos contextuais e a sua influência na mediação, processamento e interacção discursiva:

- Que aspectos do contexto, ou que contextos, resultam em diferentes interpretações do intuito comunicativo?
- Que fenómenos, abduções e/ou inferências, observáveis em linguagem natural são independentes do contexto e quais dependem invariavelmente do contexto ou mediação?
- Em que medida é que o contexto mediado por computador afecta a interpretação de actos de fala (utterances), conteúdos proposicionais e textos, em sentido lato?
- Como se podem identificar automaticamente delimitações ou constrangimentos provenientes de aspectos contextuais e resultantes na transmissão e compreensão de aspectos adicionais ou diferenciadores na informação?
- Como é que a informação obtida num dado contexto, nomeadamente de mediação, pode ser utilizada num outro, possivelmente não antecipado à partida?

Estas são algumas das questões suscitadas pelo enquadramento referencial proposto para uma leitura dos grafismos de margem em *Generation X*, que conduzem ainda a reflexões sobre as implicações da tecnologia do texto.

Tecnologia do texto e algumas das suas implicações

Discurso e texto são artefactos linguísticos da cultura, são extensões da espécie (McLuhan, 1964) que envolvem e influenciam a evolução da própria espécie.

"In all human cultures, orality is the closest sensory equivalent to fully developed interior thought" (Ong, 1986: 38). A comunicação oral/aural é imediata, directa, e, nos contextos situacionais mais característicos, uma interacção 'face-to-face' (excluindo conversas telefónicas e mediadas em ambiente CuSeeMe). É inerentemente inclusiva, permitindo a plena participação dos falantes, em presença. A oralidade é uma capacidade necessária a qualquer tipo de participação social e/ou cultural. Foi adquirida e desenvolvida ao longo dos tempos através do curso natural das interacções humanas. A cultura baseada na escrita, contudo, é uma realidade comparativamente nova e que introduz componentes diferentes. "An elaborate encoding scheme introduces a level of abstraction in written text which separates the knower from the known" (Ong, 1986: 38). Assim, a

cultura escrita envolve capacidades técnicas formais, para além das requeridas pela oralidade, de tal modo que durante cerca de cinco mil anos, se manteve privilégio exclusivo de sacerdotes e príncipes.

Não estando directamente ligada (como a comunicação oral/aural) ao presente e imediato, a escrita assegura uma memória de longo prazo, alterando as relações com o tempo, a distância e a própria percepção.

A tecnologia da cultura escrita deu azo ao humanismo e à acumulação de conhecimento 'arquivado' com supremacia sobre a "arqui-escrita" ou "*Urschrift*", seguindo o conceito freudiano de inconsciente, retomado por Jacques Derrida:

Writing supplements perception before perception even appears to itself. 'Memory' or writing is the opening of that process of appearance itself. The 'perceived' may be read only in the past, beneath perception and after it. (Derrida, *op. cit.*, p. 224).

No entanto, os manuscritos fixados em papiro e em pele de ovelha eram frágeis e voláteis e, por isso, os escribas mantinham cópias de segurança de textos importantes – não com intenções de disseminação do texto, mas como medida compensatória da natureza frágil e temporal do suporte físico usado. Isto conferiu ao texto uma qualidade mística, exaltando tanto o seu conteúdo como o seu autor – o leitor consumia a palavra escrita com um sentimento de privilégio e respeito – a escrita confere à palavra a imortalidade do Verbo e introduz estabilidade e permanência na linguagem (*langue*).

Com a invenção da técnica para a disseminação alargada da escrita, Gutenberg expande, pela primeira vez na nossa história, a cultura escrita (*literacy*) para além dos muros de mosteiros, claustros e conventos anunciando a Idade Moderna. O conhecimento tornou-se rapidamente um instrumento de poder nas mãos de uma nova classe social emergente. Permitiu a Lutero desafiar a autoridade da classe religiosa estabelecida e providenciou a burguesia com um *forum* para a racionalização e fundamentação da sua própria ascensão.

A impressão de texto deu forma a novas aplicações e intenções para a escrita: jornais, panfletos e cartazes. A palavra impressa tornou-se o principal veículo de propagação das ideias e das ideologias do liberalismo ocidental.

O estado actual da *Galáxia Gutenberg* é já de uma era de novas tecnologias para o texto.

Transferimos os arquivos do nosso conhecimento de suporte-papel para fitas magnéticas, disquetes e discos por menos de um décimo dos custos usuais médios de impressão, com a enorme vantagem acrescida de se manterem fisicamente inalterados por muitos mais tempo do que qualquer formato em suporte-papel. Estas tecnologias representam, antes de mais, custos financeiros e recursos ecológicos de tal modo reduzidos que, apesar

dos seus eventuais detractores, trazem consigo todos os indicadores de se revelarem altamente irreversíveis na evolução histórica da nossa cultura.

Se considerarmos que qualquer livro médio cabe amplamente numa vulgaríssima disquete; que se armazenam facilmente cinquenta mil livros médios em fita (*tape*), disco compacto ou disco óptico; que uma biblioteca informatizada pode armazenar trezentos milhões de livros num único servidor de tamanho exterior reduzido e que qualquer livro pode ser transferido e acedido *online* em menos de um minuto (por informatização robotizada), facilmente se entenderá que em 1994, a indústria informática mundial tenha vendido cerca de um petabyte de capacidade de armazenamento (equivalente a novecentos milhões de livros) e que esse quantificador tenha triplicado em 1995. A projecção do mercado mundial para o ano 2000 é de 140 petabytes, o que quer dizer que a capacidade acumulada de armazenamento digital totalizará, provavelmente os 500 petabytes (Williams, 1995).

Com a passagem do século, será, portanto, tecnicamente possível colocar a memória arquivada mundial debaixo dos nossos dedos. Numa questão de segundos, em qualquer lado, qualquer utilizador de um terminal, ou de um PC, terá acesso a qualquer texto seleccionado a partir do armazenamento global da totalidade do conhecimento humano, mesmo que a afirmação possa trazer tremendos ecos Orwellianos, complexificados por Borges.

A capacidade técnica teórica, por si, não significa que testemunhem, de facto, a migração completa de bibliotecas para computadores. Há questões políticas, ideológicas e legais que poderão facilmente comprometer tais projectos. O ponto importante aqui é demonstrar que as capacidades técnicas ultrapassaram já, de longe, e em muitos casos, o alerta social ou a vontade de aceitar a mudança.

O que pretendemos argumentar com esta brevíssima síntese diacrónica e prospectiva é que as novas tecnologias da comunicação impõem, claramente, novos paradigmas nas relações entre autor, texto, editor e utilizador/leitor e que, do mesmo modo, os novos recursos *online* alteraram, de um modo que se considera já decisivo, o objecto primeiro de suporte do conhecimento, não mais dependente do formato fixo linear, sequencial de texto, como foi conhecido durante séculos: 'o livro'. Nas palavras de entusiastas da mudança, como Edward M. Jennings (1992), "The text is dead; long live the techst."

Thomas Jefferson advanced the concept of libraries and the right to check out a book free of charge. But this great forefather never considered the likelihood that 20 million people might access a digital library electronically and withdraw its contents at no cost. (Negroponte, 1996: 4).

Negroponte refere-se, evidentemente, a ambientes de trabalho hipertextuais, de que é popular exemplo, na actualidade, a Internet. Abordaremos a questão das novas comunidades interpretativas, viabilizadas formadas e informadas

pelas possibilidades e implicações das novas tecnologias, pela sua ferramenta/processo/produto de base – o hipertexto.

*Hipertexto*³¹

Em 1945 Vannevar Bush concebeu uma tecnologia tal que nos permitisse manipular texto “as we may think”. O seu novo modelo associativo para texto, orientado por objectos, chamava-se *Memex*. Apresentava um corpo de texto composto não por hierarquização, mas em ligações cruzadas, formando uma estrutura em teia. Os objectos texto podiam ser chamados a partir de um índice central, mas também podiam ser acedidos a partir de vários outros locais dos próprios textos, exactamente do mesmo modo como um pensamento suscita outros, em associação livre.

Trinta anos mais tarde, Ted Nelson cunhou o termo hipertexto para descrever as características de interligação desta estrutura em teia. Nelson (1974) expandiu o modelo do *Memex* para um modelo teórico que continha todas as bibliotecas do mundo. O que era, há vinte anos, pura ficção científica ‘iluminada’ está hoje perfigurado nos PCs de todo o mundo através da World Wide Web e da Internet. A visão de Ted Nelson é, hoje, uma realidade do dia-a-dia de milhões de pessoas.

O hipertexto corporiza a noção de Peirce de uma “texture of signs which give rise to interpretants, which point to other signs which point to interpretants in an infinite series” (Ecó, 1976: 69), numa meada que não poderá nunca reclamar um único autor. Em escrita electrónica os elementos constitutivos são dinâmicos, fluidos, inclusivamente caóticos. Estão em permanente estado de (re)organização – não necessariamente pelo autor, mas pelo utilizador/leitor. O hipertexto é assim, também, a corporização da noção ideal barthesiana de texto *scriptible* ou *writerly text*.

- 31 O termo hipertexto foi cunhado em 1965 por Ted Nelson para descrever documentos, apresentados em computador, que exprimem a estrutura não linear das ideias, em oposição ao formato linear do discurso ou de livros, filmes, etc. O hipertexto é uma metáfora de processamento de informação com a qual texto, imagens, sons, e acções se ligam entre si numa rede ou teia complexa de associações que permite ao utilizador percorrer (*browse*) tópicos interrelacionados, independentemente de qualquer estruturação prévia reguladora. As ligações (*links*) são estabelecidas quer pelo autor de um documento hipertextual, quer pelo utilizador, estando exclusivamente dependentes da intenção comunicativa. Mais recentemente vulgarizaram-se os termos *hypermedia* e *multimedia* para enfatizar as componentes não textuais do hipertexto, como animação, som falado, som de fundo, som de reforço, animação e vídeo.

"a galaxy of signifiers, not a structure of signifieds; it has no beginning; it is reversible; we gain access to it by several entrances, none of which can be authoritatively declared to be the main one; the codes it mobilizes extend as far as the eye can reach; they are indeterminable." (Barthes, 1970).

A aura associada ao autor tradicional de obra publicada (tornada pública) desvanecer-se-á rapidamente a partir do momento em que a divulgação alargada de texto estiver ao alcance do teclado de cada um. Uma vez colocado *online* (para acesso público), o texto adquire a estrutura e o contexto conferidos por cada nova utilização e a dimensão de valor acrescentado do hipertexto reside nessa mesma possibilidade de ligar qualquer dado de informação de um contexto para outro. A estrutura do *corpus* original e a intenção autorial primeira tornam-se inconsequentes e, portanto, os papéis de autor, leitor, editor, e do próprio texto (enquanto produto) sofrem alterações drásticas de perspectivação na idade electrónica, em comunicação mediatizada por computador.

Em ambientes hipertextuais, toda a escrita é "escrita colaborativa" (Landow, 1992: 88).

O autor que escreve neste momento não o faz sem reconhecer a presença de outros textos e outros autores numa presença virtual de colaboração. Landow observa que a maioria das nossas diligências intelectuais envolvem colaboração, contudo, frequentemente, as regras estabelecidas pela nossa cultura para definição de propriedade intelectual obscurecem o reconhecimento pleno das contribuições dos outros (Landow, 1992: 90). Estas regras culturais terão indubitavelmente que mudar, na mesma medida em que as novas tecnologias redefinem as relações entre autor, colaborador, editor, texto e leitor/utilizador.

O fenómeno pós-moderno da Internet oferece um acesso vastíssimo a informação livre e oportunidades de expressão livre, em níveis sem precedentes nas democracias modernas. Tradicionalmente, a liberdade de imprensa não se estende ao cidadão comum; na Internet, contudo, não existe qualquer monopólio de mediatização que possa determinar e portanto condicionar o fluxo de informação.

Apesar de existirem publicações periódicas electrónicas, tipo jornal *online*, que são "peer-reviewed", e ambientes em rede que contam com 'censura' no sentido de garantir regulação ou controle de qualidade, "the Internet itself is delightfully out of control" (Kelly, 1994).

Ao fazer coincidir o papel de leitor com o de escritor e transformando cada autor em editor, a Internet remove a barreira formal entre escrita e publicação que tradicionalmente restringe a divulgação ampla do pensamento criativo – "A page of writing need not grow into a full article or a book before it becomes public." (Landow, 1992: 174).

"By exteriorizing memory, we convert knowledge from the possession

of one to the possession of more than one.” (Landow, 1992: 174). Distanciar o texto da noção de propriedade auto-referenciada, devolve a cultura escrita (*literacy*) ao âmbito original da comunicação oral/aural e presencial – um âmbito de maior inclusão humana. Em oposição aos vaticínios antitéticos dos seus detractores, esta é uma das evoluções preconizadas para a CMC, especialmente através da Internet.

Por ser um vigoroso pomo fundamental de discórdia, devemos lembrar que aqueles que condenam a Internet o fazem pelas exactas, mesmas razões que levam outros a elogiá-la: a liberdade ilimitada; a inexistência de controle; a ausência de estruturação formal; a não centralização; a proliferação de texto inacabado, em fase processual e aberta à colaboração de escrita.

De facto, o hipertexto não tem um princípio, um meio e um fim; não tem um prefácio, uma página um, uma conclusão e o seu *corpus* é ilimitado. Não há regras pré-definidas, nem controle regulador institucionalizado. Pode parecer pura anarquia a quem nunca tenha tentado estruturar processar e produzir texto com ferramentas hipertextuais e/ou inserir/articular texto em redes de comunicação (intra- ou internet).

A nossa experiência pessoal a este nível, quer autorial, quer didáctica e pedagógica, ou de coordenação de projectos em equipe, demonstra-nos o oposto. A principal dificuldade que se apresenta ao processamento hipertextual não é de ordem técnica, é precisamente o requisito de uma sólida estruturação prévia do conhecimento que se pretende representar e uma noção/perspectivação muito clara das ligações que se pretendem estabelecer com o *corpus* já existente.

“In a previous, more authoritarian era, the lecturer/author would guide the pupil in his every action, prescribing the ends for him and offering the means to attain them” (Eco, 1979: 52). O aprendiz demonstrava domínio da matéria através da capacidade de regurgitação. Na Modernidade o texto tem um centro de autoridade e controle. Mas na idade pós-moderna do ciberespaço (Gibson, 1984), o controle move-se para a periferia. O hipertexto descentralizado leva o utilizador a assumir autoria – é o leitor e não o autor o centro fundamentador do conhecimento humano.

No século XVIII, Giambattista Vico sugere que o mundo social é mais inteligível do que o mundo natural por causa da sua origem humana. Para Vico, os seres humanos são organismos buscadores de sentido e, onde não o encontram, acabam por o construir. Apesar da sua dependência de sofisticada tecnologia, a World Wide Web é uma estrutura humana; é um artefacto socio-cultural de realidades comunicativas múltiplas; é uma estrutura complexa, mas é essencialmente um constructo humano, portanto revela imediatamente os seus segredos àqueles que nela procurem intencionalidade comunicativa extraindo sentido através de pesquisas (*browsings*) e navegação.

Peirce (1902) cunhou o termo que melhor descreve a natureza deste tipo de raciocínio – a abdução. Algo como um Sherlock Holmes, de Doyle,

ou um Brother William, de Eco, a progressão através de abdução não conduz a conclusões imediatas, mas conduz ao progresso da nossa compreensão e permite fazer avançar a pesquisa. Raramente os signos são dados verdadeiros ou falsos, que possam ser apenas e alternativamente utilizáveis ou desprezíveis. Na maioria dos casos podem fornecer pistas e iluminar circunstâncias.

A abdução é o tipo de lógica capaz de extrair sentido de campos de dados ambíguos ou indeterminados, precisamente o tipo de lógica requerida para uma utilização inventiva e produtiva da World Wide Web. Em ambientes *online*, a informação que encontramos é fluída e sofre alterações constantes. As pressuposições que agendarmos e os instrumentos que usarmos é que irão dar forma à informação que recebemos.

Trata-se, portanto, de um paradigma claramente pós-moderno, sem referência a *master narratives* e sem cânone. Como observa Kevin Kelly, "there is no central keeper of knowledge in a network, only curators of particular views." (1994: 466). Num mundo profundamente fragmentado e profusamente conectado não se pode mais procurar a directividade de um cânone central(izador). Cada um de nós possui um pedaço do *puzzle*, mas ninguém parece possuir o quadro completo. Novamente nas palavras de Kelly, "Distributed, headless, emergent wholeness becomes the social ideal." (1994: 466).

Contudo ao estabelecer conexões entre as nossas representações do conhecimento e várias outras fontes e recursos distantes apercebemo-nos que o próprio processo, o acto em si de estabelecer essas conexões, produz conhecimento, introduzindo um elemento de ordem onde, aparentemente, apenas existia caos.

Quando ligo os meus pensamentos às ideias que alguém representou, emerge entre nós um elemento de compreensão (mútua). Em rede, cada texto/teoria/ideia reflecte, dialogicamente, a imagem de todas as outras. À medida que outros ligam os seus textos aos nódulos (*nodes*) que nós produzimos, começa a formar-se uma imagem holográfica tri-dimensional em que cada indivíduo participante faz parte do heterocosmos, da "Funhouse" permanente em que, a cada momento, nos interrogamos e nos encontramos, para novamente nos voltarmos a perder.

Vimos que ordem e significado (sentido) não são atributos estáticos do texto, residem nos actos deliberativos de os produzir performativamente e de os partilhar na produção grupal dos consensos de interpretadores-interprentes, as "comunidades (deliberativas)".

Defendemos que os segmentos ou notas de margem, em *Generation X*, não são meras ilustrações de texto escrito, mais ou menos ajustadas e enquadradas no produto-livro. Para uma comunidade comunicativa de ciber-espaço, elas identificam-se facilmente com "botões", "hot words" ou "nodes" de hipertexto – centros ou cernes "heteroglóticos" de sentido, a percorrer,

ligar e expandir conforme a intenção dialógica de um determinado utilizador, num determinado momento.

O registo, fixação ou representação física do discurso hipertextual processa-se, na sua instância apropriada de mediação, em ambiente electrónico, não apresentando, por isso, os condicionalismos e limitações da superfície plana, bi-dimensional, do papel. A transposição da capacidade tri-axiomática de conexão ou ligação textual em computador, proveniente das interfaces electrónicas, para a (re)produção mais limitadora em objecto-livro, acarreta necessidades funcionais de (re)configuração.

Se aceitarmos, com Walter Benjamin (1979), que a idade industrial de reprodução mecânica enevoou a aura da obra de arte, concluímos facilmente que a iterabilidade do texto (Grigely, 1995: 93) e as novas mediações não convencionais, ou até aí não convencionadas, implicarão inovação e alteração da percepção e dos enquadramentos (*framing*) (Goffman, 1974; Grigely, 1995: 133).

"Either as a moment or as a space, a text is of little meaning historically without other texts with which we can align it, and in the process align the work both intra- and intertextually." (Grigely, 1995: 49)

A ênfase dada por Grigely à problemática suscitada pela transmissão, no sentido de disseminação, do texto condu-lo ao conceito de "textualidade" – "[...] textuality is less related to the medium of a work than to the ways or processes in which the work is disseminated." (Grigely, 1995: 53).

O processamento para disseminação leva a transformações: a peregrinação da obra conduz a reterritorializações sucessivas e a sua transitoriedade a reconfigurações. Contudo, "like human bodies, linguistic texts are carriers of distinctive and unique codes, and the fact that there is (...) an internal, system-regulated limit to the code means that it is possible to trace representations of the code rather easily." (Grigely, 1995: 21). Assim, por mais imbricados e multi-nivelados que sejam os limites de um texto, ele permanece reconhecível, significativo e tão poderoso quanto sempre foi.

The word is not going anywhere. In fact, it is and has been one of the most powerful forces to shape humankind, for both good and bad. St. Thomas said a few words in southern India almost 2,000 years ago, and today the southern province of Kerala is 25 percent Christian in a country where Christians are less than 1 percent of the population. There is no question that words are powerful, that they always have been and always will be. (Negroponte, 1996: nicholas@media.mit.edu)

Se por um lado acreditamos, com a confiança de Negroponte, que se não deve recear pelo futuro do texto nem do livro, também nos parece evidente que a crescente complexidade dos meios utilizados para produção do texto e dos seus múltiplos (Barbosa, 1996: 107-108), envolvendo-se aqui as noções

de reprodução por cópia ou por clonagem, inclui para além do hipertexto (*hipermedia* e *multimedia*) a noção de ciberespaço e coloca a questão das novas formas de relacionamento com a realidade, nomeadamente a realidade virtual, que organiza já um determinado nível de estar social de vastos grupos em comunidades virtuais.

capítulo 5

Neste capítulo procura-se discutir/compreender formas contemporâneas de comunicação e integração social e conceito(s) de comunidade, no intuito de definir/caracterizar as possíveis relações indivíduo-comunidade que contribuem para a leitura da problemática social de fim de século. Com a construção desta contextualização procura-se um enquadramento alargado para uma leitura da mensagem final em *Generation X*.

Technenchantment – Technofobia: os dois pólos da questão tecnológica

A 24 de Agosto de 1995, nos écrans dos PCs de todo o mundo, esfarrapou-se um céu azul em pequenas nuvens brancas, anunciadoras do logotipo tricolor do potentado informático da Microsoft. Bill Gates fazia irromper o Windows 95 do enredado de sequelas legais em que se encontrara envolvido com a Macintosh e transformava a vida de biliões de comuns cidadãos, de modo decisivo.

Consciente do *momentum* do triunfo e da inovação, sublinhou-o com um acto duplamente simbólico – reforçando uma mitologia caracteristicamente americana, numa imitação, não de Cristo, mas de Welles, comprou, tal como o cidadão Kane, toda a edição do *Times*, não para a destruir, numa tentativa de sonegar a crítica à mediocridade, mas para a distribuir gratuitamente com(o) publicidade do seu produto.

Terceiro (1996) referencia a taxonomia de Umberto Eco, numa desconstrução paródica de escatologias. Assim, ao catolicismo do ambiente Macintosh (que tendo recebido a influência do metodismo jesuíta leva o seu sistema a ditar todos os passos que o fiel deve seguir para a salvação – do seu documento até à impressora, por exemplo), opõe-se o protestantismo do sistema

DOS que permite uma livre interpretação calvinista das escrituras, dando implicitamente como assente que nem todos estão predestinados para alcançar o reino dos céus.

Seguindo esta linha barthesiana de mitologias socio-referenciadas, teremos, então, que Bill Gates, com o Windows 95, nos oferece um sistema facilitador da prometida redenção dos nossos pecados e espera-se, desde essa altura, que Gates jogue o trunfo último de soberania – a supremacia indisputada e incontestada sobre a Net.

[I]n the daily practice of many computer users, windows have become a powerful metaphor for thinking about the self as a multiple, distributed system. The self is no longer simply playing different roles in different settings at different times, something that a person experiences when, for example, she wakes up as a lover, makes breakfast as a mother, and drives to work as a lawyer. The life practice of windows is that of a decentered self that exists in many worlds and plays many roles at the same time. (Turkle, 1996: 14).

Comentaremos, com Baudrillard (1983), que não se pode contestar que Bill Gates tenha o poder e a força material que o fazem aparecer como forma mitológica, no sentido em que não estabelece relações do foro político e abole radicalmente estruturas tradicionais.

A aposta de Gates é o elo comum, unificador dos “Netizens”. Reside na certeza inabalável de que Nicholas Negroponte é lídimo porta-voz: “[...] a belief that computers would dramatically alter and affect the quality of life through their ubiquity, not just in science, but in every aspect of living.” (1996: 225).

Being Digital enuncia com avassaladora perspicácia o futuro de uma humanidade da comunicação de relações digitais arbóreas e interconectadas:

Like a force of nature, the digital age cannot be denied or stopped. It has four very powerful qualities that will result in its ultimate triumph: decentralizing, globalizing, harmonizing, and empowering. (Negroponte, 1996: 229).

O seu optimismo não é uma mera atitude de deslumbramento tecnológico ou entusiasmo procedente de vacuidade ideológica, antes advém da “[...] empowering nature of being digital. The access, the mobility, and the ability to effect change are what will make the future so different from the present. [...] As children appropriate a global information resource, [...] we are bound to find new hope and dignity in places where very little existed before.” (Negroponte, 1996: 231).

No pólo antitético do leque atitudinal sugere-se que a vivência *online* é desumanizadora, causadora de insularidade individualística e criadora de um universo de pessoas que não saberão perceber o odor de uma flor ou o

mistério primordial de um pôr-de-sol. Deste vector, diríamos mais comportamental do que de pensamento, provêm as enunciações de receios de que as crianças implodirão em "cocoon" e se metamorfosearão em inválidos sociais.

A experiência dita-nos o contrário. O *corpus* de exploração e experimentação sobre tecnologias educativas interactivas levadas a cabo em ambientes pedagógicos exploratórios indicam, até agora, que as ferramentas de comunicação, tipo Internet, usadas como meios auxiliares de apoio pedagógico e/ou didáctico levam as crianças a adquirir uma clara mais-valia de capacidades comunicativas e sociais e não a sofrer as apocalípticas perdas anunciadas pelos vates do descontentamento tecnológico.

Entre os dois extremos acima apontados sobra ainda a relativa objectividade de números e outros quantificadores. "With all the changes swirling around the worldwide network of networks these days, the only certainty about the Internet appears to be growth." (Resnick & Taylor, 1998: 374).

Observadores, de um modo geral, concordam com Resnick & Taylor e os quantificadores de que dispomos dão a esta afirmação o seu aval. Segundo projecções divulgadas pela Internet Society, se a população dos seus utilizadores continuar a expandir-se à presente velocidade³², a quase totalidade da população mundial estará na Net no ano 2000.

Apesar dos indicadores de taxas de crescimento, a Internet pode facilmente e, numa perspectiva realística, deparar-se com barreiras ao seu crescimento, tais como formação de meios deficiente, problemas técnicos de acesso à rede e factores económicos obstaculizantes de desenvolvimento de hardware. No entanto muito do seu crescimento é proveniente de sectores comerciais, em oposição aos sectores universitários e/ou governamentais que forneceram o ímpeto inicial para o seu desenvolvimento. De cada duas novas contas, abertas na Internet de quatro em quatro minutos, uma corresponde a um *site* comercial. De facto, firmas de prospecção de mercado prevêm que não menos do que 40.000.000 de computadores pessoais estarão ligados à Web em 1999. Estes números parecem-nos demasiado eloquentes, para poderem ser ignorados. Trata-se afinal de comunicação e da perspetivação do significado humano das implicações dos novos ambientes computacionais de comunicação.

32 Segundo estatísticas recentes, a Internet tem mais de 30.000.000 de utilizadores e uma taxa de crescimento estimada em mais de 1.000.000 de novos utilizadores por mês, mas estes números têm vindo a sofrer alterações constantes de crescimento progressivo, pelo que os consideramos tão fluídos quanto o universo que quantificam.

CMC – Comunicação Mediatizada por Computador

Até há bem pouco tempo, alguma forma de contacto físico era um pré-requisito para a comunicação inter-pessoal. Com excepção da correspondência epistolar que, de qualquer modo, é na maioria dos casos mantida entre pessoas que detêm algum grau de conhecimento mútuo anterior, até a comunicação telefónica assume formas de contacto físico que podem fornecer indicadores similares aos da interacção presencial, ou face-a face.

A tecnologia da comunicação mediatizada por computador vem alterar este facto significativamente. Os sistemas CMC usam redes computadorizadas de telecomunicações para processar, armazenar, veicular e distribuir comunicação, da qual uma boa parte consiste em interacção comunicativa inter-pessoal, ou inter-grupal. São comuns, neste momento, três tipos básicos de sistemas de comunicação mediatizada por computador: *e-mail*, *news*, e *chat-rooms* (cafés). O *e-mail*, ou correio electrónico, permite o envio de mensagens pessoa a pessoa. As *news* permitem o envio de mensagens para uma base de dados categorizada por assuntos, facilitando o intercâmbio electrónico entre utilizadores múltiplos organizados por núcleos de interesses. Estes dois tipos de comunicação são assíncronos – as mensagens, quer em *e-mail* privado, quer em *news* públicas – podem ser criadas e recebidas em tempo diferido, permitindo respostas reflectidas e deliberadas. O terceiro tipo de sistemas CMC, os programas de *chat* (hoje em dia vulgarizados, coloquialmente, como 'cafés'), não implicam qualquer armazenamento de informação e, portanto, resultam da transmissão directa, em tempo real, do que uma pessoa digita no seu computador para o monitor de outra pessoa ou grupo de pessoas. É assim uma forma síncrona de comunicação inter-pessoal que desafia a presente compreensão e consenso convencional das distinções e diferenças entre linguagem escrita e oral.

Sendo os vários sistemas CMC, de utilização pública alargada, um fenómeno comunicativo relativamente recente e completamente dependente de questões de implementação técnica, pouco tem sido escrito sobre eles, a nível teórico, com excepção de reflexões e considerações de teor maioritariamente técnico e de design. As publicações existentes tendem a abordar o assunto sob a forma de problematização tecnológica, ou sob um ponto de vista estritamente funcional/comercial.

Perante a inexistência de estudos holísticos e para tentar uma aproximação da questão sob um ponto de vista de cariz mais social, sublinharemos a evidência da prioridade socio-política atribuída às implicações técnico-económicas na utilização de sistemas CMC, fazendo apelo a orientações recentes emanadas da Comunidade Europeia.

Sob o título "Europe and the Global Information Society", o chamado *Relatório Bangemann* foi apresentado ao Concelho da Europa, em Bruxelas, a

26 de Maio de 1994, como conjunto de recomendações, articuladas em sete capítulos, seguidos por um detalhado plano de acção.

Este documento que, em nosso entender, replica a análise de Negroponte, introduz a questão tecnológica, enunciando-a do seguinte modo: "All revolutions generate uncertainty, discontinuity – and opportunity. Today's is no exception. How we respond, how we turn current opportunities into real benefits, will depend on how quickly we can enter the European information society."

Reconhecendo que "[t]hroughout the world, information and communications technologies are generating a new industrial revolution already as significant and far-reaching as those of the past"; considerando que, "[i]t is a revolution based on information, itself the expression of human knowledge" e que "[i]n the face of quite remarkable technological developments and economic opportunities, all the leading global industrial players are reassessing their strategies and their options", advoga que "[t]he information revolution prompts profound changes in the way we view our societies and also in their organisation and structure. This presents us with a major challenge: either we grasp the opportunities before us and master the risks, or we bow to them, together with all the uncertainties this may entail."(*doc. elec.*)

A inevitabilidade do reconhecimento da velocidade da mudança imprime o carácter de urgência que se coloca à comunidade cultural de raízes mais antigas da história moderna, por parte de um mundo tecnológico, que não mais pode ignorar, sem incorrer em sérios riscos de sobrevivência socio-económica: "Europe is already participating in this revolution, but with an approach which is still too fragmentary and which could reduce expected benefits. An information society is a means to achieve so many of the Union's objectives. We have to get it right, and get it right now." (*doc. elec.*)

Declarando um plano de intenção de maestria de riscos e maximização de benefícios, o relatório declara a necessidade da implementação de esforços, em grande escala, no sentido de garantir a aceitação pública alargada e a utilização real das novas tecnologias. Preparar a Europa para o advento da sociedade da informação é a tarefa prioritária anunciada em que a educação, a formação continuada e contínua, e o treino e promoção profissionais desempenharão necessariamente papel central e decisivo.

Num apelo à (re)acção, de tom invulgarmente exortativo neste tipo de documentos, afirma-se a concluir a introdução teórica ao plano de acção: "Tide waits for no man, and this is a revolutionary tide, sweeping through economic and social life. We must press on." (*doc. elec.*)

Porquê a urgência? Porque se reconhece que os mercados Europeus correm o risco de ser progressivamente invadidos por fornecedores de redes e serviços altamente competitivos, vindos do exterior. Porque se receia pelo quinhão de partilha das imensas oportunidades globais que se antevêm. Porque se compreende que só a implementação de iniciativas específicas,

promovendo uma política de parcerias entre os sectores públicos e privados, pode estimular o objectivo de atingir uma massa crítica tão rapidamente quanto desejável.

Este documento, orientador da política Europeia de informação dos últimos anos, traça claramente a visão de cidadão como operador económico e aponta para áreas prioritárias de actuação *market-led*, como passagem para uma nova idade do homem.

Incidências de utilização

Estabelecendo um paralelismo entre a história da televisão e dos computadores, como um movimento evolutivo a partir dum imperativo tecnológico, passando pela apropriação política, para a força do poder criativo do homem da rua, Negroponte conta que o ex-presidente do MIT, Jerome Wiesner um dia apresentou um convidado da Casa Branca, Zworykin, ao presidente Kennedy como "the man who got you elected." Surpreendido, JFK perguntou, "How is that?" e Wiesner explicou, "This is the man who invented television." (1996: 82). Por oposição e, reportando-se à realidade norte americana, Negroponte comenta:

"Computing is no longer the exclusive realm of military, government, and big business it is being channeled directly into the hands of very creative individuals at all levels of society, becoming the means for creative expression in both its use and development." (1996: 82).

A discussão do impacto da CMC passa, como vimos, por premissas e questões técnicas, económicas e políticas. Talvez por causa disso, e, contudo, algo curiosamente, uma premissa aparentemente mantida por investigadores das áreas de comunicação mediatizada por computador é a de que o meio (*medium*) não é conducente a produção/intercâmbio de cariz emocional, humorístico ou literário.

Como afirmam Rice e Love, "the typical conclusion is that as [the communication] bandwidth narrows, media allow less 'social presence'; communication is likely to be described as less friendly, emotional, or personal and more serious, business-like and task oriented." (1987: 88). Este parece ser o caso de um grande número de ocorrências verificadas em estudos de caso e reflecte, por isso, o objectivo generalizado na investigação da especialidade, de estudar a CMC num ambiente de mundo de negócios. Contudo, os sistemas de comunicação mediatizada por computador não se limitam, nem teoricamente, nem na prática, a utilizações comerciais. Constatase que é igualmente frequente a sua utilização para interacção social

acarretando imediatas consequências para o modo como os utilizadores constroem as novas relações psico-sociais nas comunidades que abundam na World Wide Web.

Kiesler, Siegel e McGuire descrevem a comunicação mediatizada por computador como tendo quatro características distintas, por comparação com formas convencionais de interacção: (a) ausência de *feedback* regulador, (b) "dramaturgical weakness", (c) raros indicadores de estatuto social e (d) anonimato. Uma vez que a estrutura faz com que os utilizadores desconstruam as fronteiras convencionais definidoras do estar social, os sistemas convencionais de regulação da interacção desintegram-se: "Anonymity [and] reduced self-regulation" become clearly pronounced in computer-mediated communication." (1984: 1226).

O anonimato da CMC pode, assim, providenciar um meio para a mudança/alteridade artificial/virtual de mais do que problemas menores de aparência – um dos aspectos porventura mais fascinantes da fluidez, mediatizada por computador, de fronteiras culturais é a possibilidade da alteridade de papéis sexuais (*gender-switching*). Protegidos pelo anonimato oferecido pelo meio e com raros indicadores de contextualização social para normatização comportamental, os utilizadores de CMC podem dar livre expressão e realizar experiências com aspectos da sua personalidade e identidade, que seriam habitualmente suprimidos pelo efeito regulador de inibidores sociais. Exemplos de ocorrências com "gender specific social roles" levam Rice e Love a caracterizar a CMC como arena para experimentação (*op. cit.*, 89).

Também Kielser, Siegel e McGuire observam que "people in computer-mediated groups were more uninhibited than they were in face-to-face groups." (*ib.*, p. 1129). Rice e Love sugerem que essa desinibição pode ocorrer "because of the lack of social control that nonverbal cues provide." (*op. cit.*, 89).

Este aspecto de 'regulação reduzida' acarreta o sentimento de 'beyond boundaries' verificado entre alguns utilizadores de CMC que tratam o meio como uma fronteira, uma realidade virtual geradora de liber(al)idade virtual – um ambiente em que os participantes se sentem desresponsabilizados, experimentam fantasias, desafiam normas sociais e exercitam aspectos da personalidade que seriam, habitualmente, inibidos em circunstâncias normais (reguladas) de interacção. Pode-se, assim, deduzir que esta libertação de um certo tipo de convenções permite aos utilizadores de CMC criar as suas próprias convenções, específicas da mediatização e indispensáveis à criação da coesão grupal destas comunidades comunicativas que podem, neste ambiente de comunicação, revelar e protagonizar aspectos de identidade eventualmente libertadores e/ou enriquecedores das suas relações sociais.

Dificuldades de uma visão objectiva

Interrelações: media – indivíduos/sociedade

Quando em investigação sobre comunicação se mencionam relações entre media e indivíduos ou sociedade, entramos frequentemente em terrenos terminológicos ambíguos, uma vez que “media” se usa cada vez mais para significar uma ampla variedade de conceitos e vertentes de utilização.

Sendo indispensável estabelecer claramente o contexto, âmbito e delimitações do enquadramento da investigação, fica usualmente definido, o conceito que o termo *media* ou *medium*, faz prevalecer numa ou noutra particular incidência discursiva, mas a metodologia nem sempre se mostra clara na definição de conceitos em discussões sobre ‘novos’ media que envolvem comunicação computorizada e redes de comunicação (*networks*).

A Internet, literalmente uma colecção de redes computacionais de distribuição global, gerida em sistema cooperativo, providencia um forum comunicativo no qual participa um número tal de pessoas que rapidamente o complexificaram ao ponto de gerar a necessidade de introduzir instrumentos para auto-regulação instrumental. Recorre a um leque alargadíssimo de ferramentas de metacomunicação, que oferece gratuitamente aos utilizadores, para facilitar/viabilizar o acesso e o ‘puxar’ de informação (*retrieval*) em comunicação individual ou grupal. Mas para além de uma mera descrição funcional, será que as ferramentas teóricas de que dispomos nos permitem uma definição suficientemente inequívoca e operacional, de situações e contextos de comunicação em redes informáticas?

Nas últimas décadas têm-se tentado diversas aproximações à análise da comunicação humana em computador e em sistemas de rede, por exemplo:

- alguma investigação explora as relações entre características sistémicas dos *media* e características individuais dos utilizadores (Hiltz & Turoff, 1978; Johansen, Valle, & Spangler, 1979);
- outros investigadores examinam detalhadamente a componente humana dos processos de comunicação mediatizada por computador, focalizando particularmente os factores socio-psicológicos (Kiesler, Siegel, & McGuire, 1984; Kling & Gerson, 1977; Lea & Spears, 1991a, 1991b; McGuire, 1983; Spears & Lea, 1992; Spears, Lea, & Lee, 1990);
- alguma investigação equaciona factores do contexto social (Feenberg, 1989, 1992; Fulk, Schmitz, & Steinfield, 1990; Fulk, Steinfield, Schmitz, & Power, 1987; Georgoudi & Rosnow, 1985; Lea, 1992; Martin, O’Shea, Fung, & Spears, 1992; Schmitz & Fulk, 1991);
- e outra, ainda, variantes sociológicas (DeSanctis & Gallupe, 1987; Kiesler, 1986; McGuire, Kiesler, & Siegel, 1987; Rutter, 1987; Siegel, Dubrovsky, Kiesler, & McGuire, 1986; Sproull & Kiesler, 1986).

Este conjunto de trabalhos, que se refere pelo seu inegável elevado mérito, apresenta, contudo, uma mescla de resultados dependentes do contexto do enquadramento investigacional. Integrar estes resultados, a um nível teórico, torna-se particularmente difícil.

Do mesmo modo, a investigação que se focaliza nos *media* produz importantes perspetivações, mas oferece reduzida integração teórica ou análise comparativa de resultados.

Alguns investigadores analisam a difusão e adopção de *media* interactivos e isolam factores contributivos para a adopção de tecnologias dos *media*, bem como padrões para o desenvolvimento da utilização de tecnologias em comunidade (Rogers, 1983, 1986; Markus, 1987, 1990; Valente, 1991; Miles, 1992).

Outros investigadores observam a evolução dos *media* para identificar mudanças sociais e individuais resultantes da utilização de tecnologias de comunicação (McLuhan, 1964, 1965; McLuhan & Fiore, 1967; Innis, 1972; Vallee, 1982; Havelock, 1986; McLuhan & Powers, 1989; Levinson, 1990; Harnad, 1991).

Talvez com maior incidência, a noção de "riqueza mediática" tem sido usada para examinar critérios de selecção de *media* em comunicação individual e organizacional (Daft & Lengel, 1984, 1986; Daft, Lengel, & Trevino, 1987; Trevino, Lengel, & Daft, 1987; Lengel & Daft, 1988; Rice & Shook, 1990; Trevino, Daft, & Lengel, 1990; Trevino, Lengel, Bodensteiner, Gerloff, & Muir, 1990).

Uma linha de actuação, que foca a sua investigação em comunicação *online*, apoia-se numa aproximação linguística e retórica. Os trabalhos, neste âmbito, debruçam-se particularmente sobre o modo como a "literacy" e a oralidade são afectadas pelas tecnologias de comunicação (Ong, 1977, 1982; Lakoff, 1982; Black, Levin, Mehan & Quinn, 1983; Baron, 1984; Spitzer, 1986; Finnegan, 1988; Ochs, 1989; Ferrara, Brunner & Whittemore, 1991; Murray, 1991; Shank, 1993; Gurak, 1994). Estes estudos tomaram como *corpus* de análise uma grande diversidade de conteúdos *online* e aplicaram diversas estratégias e esquemas para tentar definir ou debater unidades de análise.

Murray (1991), por exemplo, examinou documentos electrónicos e correio (*e-mail*) em situação de comunicação interpessoal e de pequenos grupos, em sistema proprietário e identificou estratégias cognitivas e contextuais para escrita em computadores pessoais (Murray analisou o correio electrónico entre um gestor de projecto da IBM e os seus colaboradores).

Shank (1993) examinou *mailing lists* electrónicas, na Internet e noutras redes, envolvendo um elevado número de pessoas, desconhecidas entre si, argumentando que esta comunicação *online* não é oral nem escrita, mas "semiótica".

Os dois casos acima, que se nomeiam entre tantos outros a título meramente exemplificativo (não gostaríamos de deixar implícita uma valoração, que não está ao nosso alcance fazer, por insuficiência de dados), demonstram como cada investigador isola diferentes utilizações e contextos de CMC,

trabalhando, portanto, sobre diferentes unidades de análise, facto que, obviamente inviabiliza a nossa tentativa de integração de resultados.

Da pesquisa efectuada parece resultar como consenso que a exploração de uma autêntica miríade de experiências *online* tem conduzido a conclusões teóricas ou comparativas parcelares. Na verdade, alguma investigação entra em contradição directa com trabalhos anteriores (Lea, 1992). A metodologia de estudo de caso, a dificuldade de articulação de unidades de análise e a diversidade na terminologia utilizada decorrem muito provavelmente da variedade e instabilidade devida a evolução constante quer das redes, quer das situações e contextos de comunicação em estudo, no período 1969-1995 (December & Randall, 1995).

O esforço ciclópico de entendimento do fenómeno de mediatização que representa a CMC inscreve a sua parametrização, de modo claro, na problematização da pós-modernidade, mas da panorâmica holística que acabámos de traçar em linhas gerais retiramos uma lição capital – é que dela emerge, para um primeiro plano inconfundível, o conceito de comunidade. “The true value of a network is less about information and more about community.” (Negroponte, 1996: 183).

E no entanto, em aposição à evidência desta percepção, que nos parece invulgarmente importante e lúcida para a compreensão e orientação do momento presente, esbate-se um pano de fundo de profunda inquietação, decorrente da consciência colectiva, consensual, de um concomitante e imparável ‘desconcerto’ do mundo.

“The gravest and most painful testimony of the modern world, the one that possibly involves all other testimonies to which this epoch must answer [...], is the testimony of the dissolution, the dislocation, or the conflagration of community.” (Jean-Luc Nancy, 1991: 1)

Douglas Coupland e *Generation X* parecem-nos evidenciar flagrantes testemunhos da dissolução, deslocação e conflagração do conceito e/ou do estar comunitário.

Continuando a citar Nancy, usaremos a sua proposta metodológica para introduzir o conceito de comunidade: “The first task in understanding what is at stake here consists in focusing on the horizon behind us.” (1991: 9).

O horizonte que nos antecede perfila-se, perante um olhar interrogador, segundo marcos balizadores que comandam interrogações de fundo. Enquanto para Tyler, em *Generation X*, a História, com ‘H’ grande, é o Vietnam (Coupland, 1995: 151), a nossa História (do Ocidente) começa com Ulisses, que ao abandonar a família-comunidade, deixa atrás de si um rasto de rivalidade, conspiração e dissensão, enquanto Penélope, em vão, tenta refazer o tecido, a teia da interioridade e da comunhão perdidas.

Procurando um outro marco capital de referência, numa linha de interpretação de História como *master narrative*, temos que no lema da implantação da República, *fraternité*, lembra que liberdade e igualdade precisam da co-existência de um estar comunitário. "A união faz a força" é a resposta defensiva do saber ancestral às ameaças de um mundo que se deve saber manter exterior a um paradigma de união grupal comunitária.

Contudo 'comunidade' não é um somatório de vários 'eu', é um 'estar- - em-comum', um espaço de interacção. A experiência comunitária é também a experiência do 'outro', da partilha e a consciência desta mesma forma de comunhão que é, de facto, comunicação.

Generation X dá corpo a uma pequena comunidade sem território próprio. Simbolizada por um trio em fuga no deserto, o seu estar comunitário realiza-se em local de nómadas. Atípica, pela não-pertença a um *logos* e, atópica, pela não-pertença a um *topos*; a micro-comunidade, representativa de uma fatia de uma geração, encontra-se numa situação de (des)integração social a que chamaremos 'anti-diáspora', reflectindo o sincretismo, consensualmente reconhecido, do tecido social da pós-modernidade. No mosaico de minorias e marginalidades que invocamos, a ruptura, reacção e fuga das personagens de *Generation X*, apresenta ressonâncias das muitas diásporas do momento presente. Contudo, nem é bem uma fuga, nem se percebe bem de quê ou para quê. É uma ruptura com causas difusas e objectivo ambíguo, uma reacção que opera a conflagração, a nível individual, de um sistema socio-económico que se critica, sem se dissolver em qualquer grau de consequência lógica ou narratológica.

A constatação deste 'desalojamento' topológico e ideológico reclama o enquadramento filosófico que a seguir propomos e que permitirá uma reflexão final sugerida por *Generation X*.

O conceito de comunidade

Comunidade(s) pós-moderna(s) – a metáfora da oscilação

Desalojamento³³ filosófico

Segundo a famosa citação de Georg Lukacs em *The Theory of the Novel*: "‘Philosophy is really homesickness,’ says Novalis: ‘it is the urge to be at home everywhere.’" Segundo Lukacs essa é a razão pela qual "integrated civilizations

33 Como se referirá mais tarde, a versão de tradução portuguesa de 1991, aqui utilizada, escolhe o termo 'desenraizamento'.

[...] where the soul feels at home everywhere, both in the self and in the world [...] have no philosophy". Ou porque "all men in such ages are philosophers, sharing the utopian aim of every philosophy. For what is the task of true philosophy if not to draw that archetypal map?" (Lukacs, 1971: 29).

Este objectivo utópico da filosofia não encontrará, provavelmente muitos adeptos hoje em dia. A mapificação arquetípica da realidade operada pela Razão deixou de ser um *telos* inquestionável do pensamento Ocidental.

Hoje em dia a filosofia (particularmente o pensamento de raiz francófila) dirige-se a uma compreensão não-apropriativa da exterioridade, "*la pensée du dehors*,"³⁴ o pensamento moderno desterritorializou os seus objectivos de resolução dialéctica; tornou-se, o que se poderia assim chamar, 'desalojado'. Os filósofos da contemporaneidade exercem um pensamento 'nomádico', uma vez que se movimentam em terrenos inespecíficos ou indiferenciados.

Este *malaise*, este mal-estar, ('*maladie du pays*') não tem necessariamente fundamento numa nostalgia sobre as origens de teor judaico-cristão ou romântico; reflecte sim uma necessidade urgente de (re)pensar a constituição social do nosso ser/estar.

Referimos pensadores como Richard Rorty (1989) e a 'comunidade contingente' (o sentido de solidariedade humana não fundamentado numa compreensão essencialista do humano, mas num crescente reconhecimento do sofrimento humano).

Referimos ainda meditações de Jacques Derrida sobre o espírito, a amizade e a Europa contemporânea, ou o "being-in-common" de Jean-Luc Nancy, em "The Inoperative Community", que emprestou novo rigor e ímpeto ao pensamento sobre o verdadeiro significado de comunidade, o já citado: "testimony of the dissolution, the dislocation, or the conflagration of community." (*op. cit.*, p. 1). Algo do 'desalojamento', da falta de abrigo filosófico e transcendental, o registo de uma dor ou perda partilhada, e consequentemente de um desejo, de uma nostalgia, se detectam distintamente nestas palavras.

A dissolução, deslocação e conflagração da comunidade que tão vividamente se fazem sentir em *Generation X* poderiam, igualmente bem, servir de palavras-chave, pedras de toque ou epígrafe tanto para *The Coming Community*, como (embora de forma menos apropriada) para *A Sociedade Transparente*.

34 'La pensée du dehors,' é o título do importante ensaio de Michel Foucault sobre Maurice Blanchot (1ª publicação in *Critique* 229, 1966).

Gilles Deleuze também elabora sobre o tema da exterioridade no seu livro sobre Foucault, especialmente no capítulo entitulado "Strategies or the Non-stratified: the Thought of the Outside (Power)" onde estabelece a ligação entre este ensaio e o famoso ensaio posterior de Foucault sobre a genealogia Nietzscheana (*op. cit.*, 1988).

Tal como Nancy, Giorgio Agamben e Gianni Vattimo abordam questões da contemporaneidade, numa perspectiva heideggeriana, segundo uma escala de valores muito alargada, para articular não só o seu diagnóstico da (pós)modernidade, mas também linhas e orientações para repensar o nosso estar-no-mundo.

Ambas as obras contribuem de modo decisivo para a delimitação de conceitos como "liberdade" e "singularidade," "heterotopia" e "comunidade" – novas formas de 'estar em casa' num mundo que deixa, cada vez mais, de ser simplesmente 'nosso'.

A hermenêutica da oscilação

Em *A Sociedade Transparente*, Vattimo retoma a sua tese fundamental sobre a impossibilidade da "Überwindung", a conquista definitiva, debatendo "the postmodern question"³⁵ segundo um amplo leque de *topoi* académicos: a evolução das ciências humanas, o ressurgimento moderno do mito, o privilégio do "Shock" na vivência estética, o desaparecimento de modelos utópicos, o protagonismo da interpretação numa sociedade radicalmente plural.

Vattimo faz apelo a interlocutores niilistas, como Nietzsche e Heidegger; pragmatistas como Dewey e Wittgenstein, ou ainda Benjamin, Adorno, Apel, Habermas e Gadamer, numa argumentação em que o exemplo ou a ilustração não abundam.

Parte da argumentação inicial de Vattimo está contida nesta afirmação do primeiro capítulo: "Viver neste mundo multifacetado significa fazer experiência da liberdade como oscilação contínua entre pertença e desenraizamento." (*op. cit.*, p. 18). Tentaremos argumentar a partir desta afirmação numa perspetivação de síntese crítica.

Vattimo define a modernidade como a época em que simplesmente ser moderno se tornou um valor decisivo em si mesmo. Esta capitalização cultural do 'novo', que emerge na arte com o culto do 'génio', é eventualmente incorporada numa narrativa alargada do progresso e emancipação da humanidade. Dentro de um conceito unilinear³⁶ da história, o valor intrínseco de algo moderno consiste simplesmente no facto de ser o último, o mais avançado, o mais próximo das finalidades do homem.

Numa hipótese que faz claramente ressonância de Jean-Francois Lyotard, Vattimo declara: "... a modernidade acaba quando – por múltiplas

35 Afirmação reproduzida na badana posterior da sobrecapa do livro: "This book is of major importance to the debate on the postmodern question." – Jean-Francois Lyotard.

36 'Unitária', na tradução portuguesa.

razões – já não é possível falar da história como algo de unitário” (1991: 10). Em *The End of Modernity* as “razões” apresentadas estão confinadas a questões filosóficas, em particular, o pensamento de Nietzsche e Heidegger. Em *A Sociedade Transparente* o advento da pós-modernidade deixou de ser um evento teórico. Vattimo adianta duas causas sociológicas como principais responsáveis pela dissolução da história una e linear.

Em primeiro lugar, a descolonização – a insurreição global contra o colonialismo e imperialismo europeus tornam a noção de uma história única, centralizada no progresso humano, “*de facto* problemática”; em segundo lugar os *massmedia* de dimensão planetária, factor decisivo para o termo da modernidade.

Uma “sociedade de comunicação generalizada” é factor *sine qua non* para que o multiculturalismo possa aparecer. A expansão imparável dos meios de informação permite que “Culturas e subculturas de todo o género” e “minorias de todos os tipos” [avancem] na ribalta da opinião pública” (*ib.*, p. 13).

Assim, de acordo com Vattimo, a “expressão ‘sociedade transparente’ é [...] introduzida de uma forma interrogativa.”. O que pretende defender é o papel determinante dos *massmedia* no nascimento de uma sociedade pós-moderna que a caracterizam “não como uma sociedade mais consciente de si, mais ‘iluminada’, mas como uma sociedade mais complexa, ou mesmo caótica e por fim que é precisamente neste ‘caos’ relativo que residem as nossas esperanças de emancipação.” (*ib.*, p. 12)

Deveremos então depreender que a expansão vertiginosa e desordenada da tecnologia da informação significa que estamos próximos da realização/actualização de uma tal “sociedade transparente?” Segundo Vattimo, não. “Viver neste mundo multifacetado significa fazer experiência da liberdade como oscilação contínua entre pertença e desenraizamento.” (*ib.*, p. 18). Devemos notar *ab initio* que a designação “sociedade transparente” não corresponde de facto à visão de Vattimo de uma pós-modernidade utópica – “é difícil conceber esta oscilação como liberdade” (*ibidem*) – é, sim, uma referência algo irónica ao ideal do projecto de conhecimento da Modernidade.

O ideal do Iluminismo, de uma sociedade perfeitamente ‘transparente’, na qual o Sujeito abarca o mundo como objecto de conhecimento reflexivo, cognoscitivo, não é augúrio de libertação. Pelo contrário, instala uma lógica de dominação. O homem/mulher não são emancipados pelo/atraves do trabalho, mas sim desumanizados pela tecnologia. “... o desenvolvimento tecnológico tem uma tendência intrínseca para fazer as funções de suporte do poder tal como é ...” (*ib.*, p. 31). Assim, a ‘sociedade transparente’ é a sociedade totalmente administrada (burocratizada) e absolutamente regulada.

Segundo este ponto de vista, numa modernidade cada vez mais instrumentalizada, a generalização da comunicação garante a dissolução de

uma história monolítica do conhecimento humano – a liberdade dada pelos massmedia a tantas culturas “numa explosão e multiplicação generalizada de **Wellanschauungen*” (Vattimo, 1991: 13), frustra o próprio ideal de uma sociedade transparente, por outras palavras, contém em si os mecanismos da sua própria destruição.

Devemos, no entanto, notar que “o dialecto”, ou a “libertação das diferenças”, que Vattimo parece ter em mente, não implicam necessariamente um desafio radical à ordem existente. O facto de toda a gente agora poder aceder à expressão da sua “voz” não implica a ‘disrupção’ automática da actual constituição da nossa esfera pública ou seja “uma verdadeira emancipação política”. (*id.*, *ib.*). Temos, assim, que o que é libertador no pós-modernismo não é o cortejo de identidades diferentes, *per se*, mas

O sentido emancipador da libertação das diferenças e dos «dialectos» consiste mais no complexo efeito de desenraizamento que acompanha o primeiro efeito de identificação. Se falo o meu dialecto, afinal num mundo de dialectos, também estou consciente de que ele não é a única «língua», mas precisamente um dialecto entre outros. (*ib.*, p. 17).

Neste mundo irredutivelmente multicultural e heterotópico o ‘eu’ detém um sentido “enfraquecido” da sua ‘realidade’. A liberdade, aqui, não deriva da asserção da particularidade do ser (linguístico). A ‘liberdade’ é experienciada de uma maneira totalmente nova: “oscilando” continuamente entre o sentimento de se sentir em casa, na sua própria língua/linguagem e o pressentimento de quão absolutamente finita, transiente e contingente ela realmente é.

Em *A Sociedade Transparente* a metáfora da oscilação, transformada em vector operacional, é crucial na própria metodologia interpretativa – o jogo fluído das diferenças que encontramos na pós-modernidade é comparável ao efeito de “Stoß” ou “Shock” descritos, respectivamente, por Heidegger e Benjamin. Assim, Vattimo atribui explicitamente à teorização ontológica e estética um papel definidor na conceptualização da oscilação e da desorientação peculiares ao ser pós-moderno.

Esta metáfora da oscilação está longe de ser um estratagema pós-moderno de teor interpretativo. A noção metodológica de um esquema de oscilação na relação entre o individual e o geral (social/colectivo) aparece já nos começos gadamerianos da hermenêutica e na importância dada às ligações entre a consciência individual e a percepção do geral (Hans-Georg Gadamer, 1993).

A hermenêutica da oscilação de Vattimo garante, agora, que a compreensão da alteridade pós-moderna permanecerá ‘desorientada’, não permitindo outros “dialectos” exteriores à tendência hermenêutica em si. Nesta oscilação a(s) diferença(s) só pode(m) aparecer como versões

'abaladas' de si mesma(s) – como identidades diferentes ou “contaminadas” – e não como verdadeira(s) diferença(s) ‘indiferente(s) à identidade’³⁷.

Adoptando já terminologia de passagem para Agamben, nada (de) verdadeiramente “*singular*” pode ocorrer.

*Qualquer espécie de ser (Qualunque)*³⁸

“Marginality and homelessness are not, in my opinion, to be gloried in; they are to be brought to an end, so that more, not fewer, people can enjoy the benefits of what has for centuries been denied the victims of race, class, or gender.” (Said, 1991: 31).

As palavras de Edward Said testemunham o que Nancy chama “the dissolution, the dislocation, or the conflagration of community.” Said critica as políticas nacionalistas de identidade – o “unreconstructed nationalism” – que assola o mundo pós-colonial, de um modo geral. As afirmações de identidade cultural, tendo sido úteis e necessárias à consolidação de independência da dominação colonial, constituem-se, hoje em dia, como afirmações gratuitas, apenas actuando segundo os interesses de protestos e reclamações separatistas.

Também Nancy, numa perspetivação concordante, faz notar que: “the emergence ... of decolonized communities has not ... triggered any genuine renewal of the question of community.” (*ib.*, p. 22).

37 Num ensaio intitulado “Hermeneutics and Anthropology” Vattimo deprecia a natureza ideológica da “ethnographic otherness”. Antecipando o tema da comunicação generalizada, escreve: “The hermeneutic – but also anthropological – illusion of encountering the other, with all its theoretical grandiosity, finds itself faced with a mixed reality in which alterity is entirely exhausted. The disappearance of alterity does not occur as a part of the dreamed-for total organization of the world, but rather as a condition of widespread contamination” (*in The End of Modernity*. 159). Esta afirmação contemporizadora sobre a ocidentalização de culturas do terceiro mundo parece desaparecer em *A Sociedade Transparente*, onde o ênfase recai sobre o dialecto, a heterogeneidade e não sobre a homologia.

38 A nota do tradutor, Michael Hardt demonstra bem a dificuldade de traduzir o original “*qualunque*”, no entanto, tal como é referido, Agamben clarifica que “qualunque”, (‘*quelconque*’, ‘whatever’, ‘qualquer espécie de’) referencia precisamente aquilo/aquele/a que não é nem particular, nem geral; nem individual, nem genérico.

Contrariamente a Said, contudo, Nancy não parte do pressuposto que a questão de comunidade seja uma questão de reclamação da nossa 'humanidade'. Ele não pensa a comunidade segundo o modelo tradicional humanista de uma imanência descontinuada ou perdida, que tenha que ser recuperada ou reconstruída. Como Vattimo, ele não imagina o nosso futuro na direcção de uma "sociedade transparente".

No entanto, o quê se não uma filiação local ou universal – um sentimento de pertença a esta tribo, esta nação, esta raça, ou à raça humana, no seu todo, poderia formar a base de qualquer comunidade significativa? É nesta perspectiva que *The Coming Community* estabelece uma contribuição fundamental. Delineia o *topos* da 'pertença' sem a mobilização de políticas de identidade e sem recorrer aos 'clichés' do discurso humanista.

Às interpretações de Kant e Heidegger, Benjamin e Kafka, são continuamente acrescentados exemplos surpreendentes, retirados da lógica medieval ou da filosofia analítica, do Talmude ou de poesia provençal. Apesar da complexidade de registo(s), o discurso de Agamben é fluído e o estilo vagamente remanescente de Walter Benjamin (esta é uma comparação frequentemente referida pela crítica). Tal como Benjamin, Agamben analisa, nesta obra, fenómenos sociais contemporâneos -- tecnologias e *massmedia*, a sociedade do espectáculo (com a devida menção a Debord) e o destino das modernas classes sociais.

Tentaremos mencionar o essencial da sua argumentação, por contraposição ao "grão" (Barthes, 1981) do singular movimento do texto, começando por situar a concepção de Agamben, do "ser vindouro", em relação à teorização de Nancy, sobre comunidade.

Segundo Nancy, para resgatar a comunidade das suas premissas nostálgicas (e no fundo cristãs) temos que regressar à ontologia (a filosofia primordial). Uma reflexão séria sobre o sentido de comunidade requer o repensar do significado do "*being-in-common*".

Para Nancy esta necessidade não resulta de um apelo utópico ou humanista no sentido de uma reorganização das relações sociais, nas quais a comunidade surge como postulado do resultado final, do trabalho, de um afã subjectivo. As exigências obscuras do sentido de comunidade derivam da posição existencial de nosso "estar-no-mundo". Este "estar-no-mundo" não é uma 'auto-presença' pontual, um 'sermos-nós-próprios'. A comunidade ou o "*being-in-common*" não é predicado de uma entidade essencialmente solitária. O "*being-there*" (ou *Dasein*) não é mais do que um 'estar-com' (*Mitsein*). A própria possibilidade de estar sózinho depende do potencial ontológico da partilha da existência.

Enfatizando a definição diferencial e relacional de *Dasein*, de Heidegger, para sublinhar o nosso 'estar-em-comum' constitutivo, Nancy torna os aspectos relacionais mais complexos quando afirma que a nossa estranha sociabilidade inata não fornece qualquer funda(menta)ção para a

construção de uma comunidade, em qualquer sentido identificável do termo. Pelo contrário, o facto de *sermos* (ontologicamente) apenas em co-relação (de uns para com os outros) frustra à partida – ou *resiste* (uma palavra-chave para Nancy) – a qualquer identificação do ser, ou da comunidade, com este ou aquele traço de identidade (por exemplo, ser vermelho, ser italiano ou ser comunista).

O nosso “being-in-common” é uma experiência-limite, um sentimento ou reconhecimento da nossa finitude. O que partilhamos no limite de nós próprios, não é a nossa individualidade ‘irrepartida’, mas a nossa “*singularidade* incomum” (não comunitária).

A experiência desta partilha não deve ser entendida como uma fusão altruísta num grupo (tanto Nancy como Agamben verberam o perigo não ultrapassado da política da modernidade: o totalitarismo, o fascismo, o nazismo). A nossa singularidade partilhada toma a forma de “*exposição*”. Esta exposição à singularidade é um estar disseminado em conjunto, como estranhos num combóio, não propriamente cara-a-cara, mas sim oscilando entre os pólos da comunhão e da desagregação:

Passengers in the same train compartment are simply seated next to each other in an accidental, arbitrary, and completely exterior manner. They are not linked. But they are also quite together inasmuch as they are travelers on this train, in this same space and for this same period of time. They are between the disintegration of the ‘crowd’ and the aggregation of the group, both extremes remaining possible, virtual, and near at every moment. This suspension is what makes ‘being-with’: a relation without relation, or rather, being exposed simultaneously to relationship and absence of relationship (Nancy, 1991b: 7).

É esta, dita, relação sem relação que expõe a nossa ‘singularidade’, o nosso “being-in-common”.

Agamben empresta um conteúdo positivo ao que Nancy tem tendência a descrever negativamente, nomeadamente, o conceito de singularidade. *The Coming Community* começa com as seguintes palavras:

Whatever

THE COMING³⁹ being is whatever⁴⁰ being. In the Scholastic enumeration of transcendentals (quodlibet ens est unum, verum, bonum seu perfectum – whatever entity is one, true, good, or perfect), the term that, remaining

39 Sic (*small caps* no original).

40 No original “*qualunque*”.

unthought in each, conditions the meaning of all the others is the adjective *quodlibet*. The common translation of this term as «whatever» in the sense of «it does not matter which, indifferently» is certainly correct, but in its form the Latin says exactly the opposite: *Quodlibet ens* is not «being, it does not matter which,» but rather «being such that it always matters.» The Latin always already contains, that is, a reference to the will (*libet*). Whatever being has an original relation to desire (Agamben, 1993: 1).

O conceito base da comunidade vindoura, o ser singular, é 'qualquer espécie de ser' – não no sentido de 'não interessa o que seja,' mas, sim de, 'importa para mim *tal como é*'. Sendo *tal como é*, fica liberto de pertencer quer ao vazio do universal, quer ao inefável do individual.

Na construção de 'singularidade' de Agamben, a identidade humana não é mediada pela sua pertença a qualquer grupo ou classe (etária, etnográfica, minoritária, etc.), nem consiste na simples negação de qualquer pertença ou raiz. Pelo contrário, "*qualunque*" indica uma espécie de generosidade radical, respeitando a pertença. O 'ser singular' não é um ser que pertença apenas aqui ou acolá, mas também não é um ser que pertença a todo e qualquer lugar. Este 'outro' ser tem sempre importância, não porque sejamos atraídos por este ou aquele traço ou característica, nem por identificação electiva com qualquer raça, classe, ou género (masculino ou feminino) e certamente não por pertencer a um grupo putativamente universal, como a humanidade ou a raça humana.

Esta generosidade definidora do 'singular' significa que "*quodlibet ens*" é determinado pela própria condição de pertença – pertence à pertença. Ou seja, a singularidade do ser reside na sua exposição a uma pertença incondicional.

"The singularly exposed as such is whatever you '*want*' ⁴¹, that is, lovable." (Agamben, 1993: 2) – o que significa que a pertença é determinada pelo '*querer*', ou, na falta de termo menos 'carregado' sob o ponto de vista semântico, a palavra banalizada, '*amar*'. A complexidade morfo-semântica do desenvolvimento do pensamento de Agamben conduz à utilização de referências discursivas mais consensuais, embora se não deva correr o risco de interpretações banalizadas, por excessivamente familiares:

Love is never directed toward this or that property of the loved one (being blond, being small, being tender, being lame), but neither does it neglect the properties in favor of an insipid generality (universal love): The lover wants the

loved one **with all of its predicates**, its being such as it is. The lover desires the **as** only insofar as it is **such** – this is the lover's particular fetishism (Agamben, 1993: 2).

Mas quais podem ser as marcas particulares, que identificam os predicados de aparência do 'ser singular'? Agamben dá-nos o exemplo da face humana. Cada face é singular. Isto não quer dizer que a face individualize uma forma pré-existente ou universalize traços individuais. A face, enquanto tal, é completamente indiferente àquilo que a faz simultaneamente diferente e, contudo, similar. É impossível determinar qual o âmbito – comum ou particular – a partir do qual a face deriva a sua expressividade 'singular'.

Sob este ponto de vista, a face é comparável à ortografia. É igualmente impossível traçar a fronteira entre as características que tornam uma assinatura, ao mesmo tempo, comum e individual, legível e única. Não podemos afirmar com grau de absoluta certeza se esta ou aquela mão, esta ou aquela face actualizam uma forma universal, ou se a forma universal é engendrada a partir destes milhões de escritas e faces diferentes.

"Whatever being" emerge, assim, como a ortografia, ou a face, "on a line of sparkling alternation" entre linguagem e palavra, forma e expressão, potencialidade e acto.

"*Taking place, the communication of singularities in the attribute of extension, does not unite them in essence, but scatters them in existence.*"⁴² (Agamben, 1993: 18). E acrescenta, "This is how we must read the theory of those medieval philosophers, who held that the passage from potentiality to act, from common form to singularity, is not an event accomplished once and for all, but an infinite series of modal oscillations"⁴³ (Agamben, 1993: 18).

A comunidade vindoura é fundada nas oscilações imperceptíveis de "whatever being", o ser engendrado a partir da forma como alterna entre "... the common to the proper and from the the proper to the common". A isto chama-se "usage – or rather, *ethos*." (Agamben, 1993: 19).

Do mesmo modo, Agamben não encara a política vindoura como luta hegemónica entre classes destinada ao controle do Estado, mas como um inexorável *agon* entre "whatever singularity" e a organização do estado, uma

42 *Sic*, em itálico no original.

43 "Oscilação" é novamente uma palavra inteiramente apropriada, pois, segundo Hamacher, "*oscillum*" é um derivado de "os", boca, face, e portanto significa pequena boca, pequena face ou máscara. "Oscilação" entendida no seu contexto etimológico, indica, pois, o movimento 'originário' da língua/linguagem que é atribuída a algo ou alguém, que não tem língua/linguagem nem face/máscara, não sendo nem intuição nem conceito" (*op. cit.*, p. 190).

vez que aquilo que o Estado é incapaz de processar não são as afirmações políticas de identidade, mas sim a formação de uma comunidade não fundamentada em qualquer forma de pertença, com exceção da 'co-pertença' humana a 'qualquer espécie de ser'.

No capítulo "Tiananmen", Agamben salienta, "What was most striking about the demonstrations of the Chinese May, was the relative absence of determinate contents in their demands" (Agamben, 1993: 84). Poderíamos facilmente extrapolar para o exemplo 'singular' de Maio de 68.

Dir-se-ia que *The Coming Community* é (à semelhança da obra de Vattimo) uma resposta tardia a uma promessa radical. Digamos, correndo o risco de utilizar terminologia 'esvaziada' de conteúdo, a promessa de 'felicidade' humana – tal como foi proposta/exposta nesses eventos históricos.

Embora Agamben afirme nas considerações finais da sua obra, que "utopia is the very topos of things." (1993: 102), cremos que nas obras dos pensadores, que temos vindo a referir, a filosofia se torna permanente desorientação, oscilação, "*qualunque*" e, talvez novamente, uma espécie de saudade -- a nostalgia do enraizamento e da pertença.

É precisamente esta noção de oscilação e de nostalgia do enraizamento e da pertença que queremos invocar para abordar de novo a cena final de *Generation X* (1995: 175-179), à luz de hipóteses interpretativas mais alargadas e que pretendem justificar a leitura de uma mensagem ou movimento final ascendente e de interiorização.

A descoberta da pertença como revelação da noção de 'Qualunque'

A narrativa termina com uma viagem solitária de Andy pelo Box Canyon, "*America's Winter Garden*" (1995: 175), zona de produção agrícola e criação de gado onde tudo parece "biologically surreal" na sua "overwhelming fertility" (1995: 175). O início do capítulo cria um cenário de antecipação redentora. Entre a pujança e abundância recriadas a partir da fecundização de um lago salgado na planitude estéril do deserto, Andy acaba de sair de Mecca e de roubar uma laranja do tamanho de uma bola de bowling, debaixo do olhar complacente do agricultor e de um sentimento de reconciliação com o mundo – o desafio, a pequena transgressão atentatória do poderoso direito de propriedade, perdoada pelo agredido com a compreensão benévola de um progenitor: "A farmer's forgiveness felt very absolute." (1995: 175).

O momento seguinte estabelece uma viragem antitética de efeito sobremaneira dramático: "It was a vision that could only have come from one of Dag's *bedtime stories*. It was a thermonuclear cloud" (1995: 176). A ficção, a obsessão recorrente premonitória, o medo da realidade corporizava-se finalmente, a negro, no horizonte. "It was that same cloud I'd been dreaming

of steadily since I was five, shameless, exhausted, and gloating." (1995: 176).

Um justificado pânico é mantido ao longo de dois parágrafos para se desvanecer, do mesmo modo abrupto como se instalou, no reconhecimento da causa imediata do cogumelo negro -- uma queimada de enormes proporções.

Sob o efeito de uma incredulidade lógica desanuviada e de um *dénouement* narratológico com um *tempo* da era do supersônico e do café instantâneo, o *narratee*/narratário observa a personagem com maior distanciamento -- Andy aproxima-se do grupo de curiosos que se tinha juntado na berma da estrada a disfrutar, em silêncio, a "marvel of anti-purity", o efeito de negritude supra-real provocado nos campos carbonizados. "It was a restful unifying experience ... It made us smile at each other" (1995: 177).

É em oposição a este cenário e com o pano de fundo deste sentimento de comunhão comunitária fortuita e de serenidade surpresa e transiente que se ergue no céu a espantosa "cocaine white egret" (1995: 177) que dará aso ao momento final de consubstanciação de uma estranha forma de estar-em-comum essencial e de pertença -- o abraço maternalmente tranquilizador dos adolescentes deficientes mentais num "crush of love ... unlike anything I had ever known." (1995: 179).

A metáfora da oscilação

A metáfora da oscilação é constante em *Generation X*.

O movimento inicial de libertação e fuga para o deserto que representa um aparente *soulagement* temporário, rapidamente se demonstra não satisfatório. A inquietação das personagens, que apresentou alguns breves momentos de apaziguamento, reinstala-se.

No deambular do *Bildungsroman* o percurso parece afastar-se cada vez mais de uma (re)construção do 'eu' para se constituir gradualmente numa indagação sobre a relação indivíduo -- sociedade ou comunidade.

Se, como vimos, o 'eu' se constrói na oscilação permitida pela cisão da personagem tripartida e ela comanda uma contemplação narcísica perdida e confundida entre os vários espelhos, a narrativa conduz a uma oscilação final inesperada.

Enquanto os alter-egos, Dag e Claire partem à procura da utopia, (1995: 170, 171), de um *san felipe, el dorado* que parece provar-se inatingível, uma vez que se perdem na narrativa, Andy, o indivíduo 'perdido' acaba por se encontrar num sentimento de pertença em '*qualunque*' -- os adolescentes deficientes mentais, representando, por isso, a faceta profunda do eu.

Se por um lado a utilização de indivíduos pertencentes a grupos minoritários da população desfavorecida apresenta a ressonância da familiaridade de estratégias narrativas de utilização do paródico do

'politicamente correcto', por outro lado a narrativa conclui-se em verdadeiro *détournement* dentro do próprio heterocosmos da narrativa.

A cena final (1995, pp. 175-179) surge como estranhamente bela, num sentido nada apolíneo do conceito e estranhamente poética, num sentido nada romântico do termo.

Se a intervenção do elemento mágico parece indicar um movimento final ascendente, o descer ao âmago da pertença à humanidade na forma mais despojada de ideologia, de ornamento, ou de 'espectáculo', parece indicar um sentido final para a fuga – um ser pós-moderno desalojado, desenraizado mas em movimento do exterior para o interior, numa oscilação final da contemplação do mundo para a interiorização de si, emergindo da nostalgia do enraizamento e da pertença.

REFLEXÃO FINAL

Douglas Coupland cruzou-se no ápice certo com o pulsar de uma geração. O rasto desse movimento meteórico cristalizou na verdade *se ipsam patefacit* "X" é a verdadeira incógnita, resolvida, da 'geração perdida', uma geração até aqui não nomeada e não nomeável, a geração sem face, sem identidade, ("rasca"), sem o recurso à metáfora e metonímia de um nome que lhe seja próprio.

"X" é uma designação *sui generis* tão auto-explicativa e evidente que toma de imediato corpo de 'verdade'. O mito está criado.

A correlação, "X" – incógnita – mito, inscreve-se, com a justeza própria das grandes verdades, na definição de Schelling – o mito é "tautegorical" e não "allegorical". Ou seja, é redundante, é auto-explicativo, está contido em si mesmo.

Como faz notar Nancy, uma vez que é imediato e mediatizado, o mito é, ele próprio, significante do *logos* que mediatiza; é a emergência do seu próprio princípio organizativo.

"... (whether one locates this birth in Plato, in Vico, in Schlegel, or elsewhere) myth has been the name for logos structuring itself" ou ainda, "the name for *the cosmos structuring itself in logos*." (*op. cit.*, 49)

Generation X consome-se e extingue-se com a velocidade acelerada da cultura que reflecte, exactamente porque foi mitificada: *myth is cut off from its own meaning, on its own meaning, by its own meaning*. (Nancy, *ib.*, 52).

Uma vez cumprida a sua função, o mito é rapidamente exaurido. Ao dar nome à geração X, Coupland, o criador, ou nomeador do mito, corre as mesmas vicissitudes de rápida extinção. Corre o risco de perder a sua própria identidade como criador-autor diluído no próprio átimo do seu cumprimento histórico.

Defendemos que Douglas Coupland inicia uma corrida contra este esvaziamento com a prolixidade e sentido de iminência das espécies ameaçadas. Escreve e publica com a urgência do enebriamento – da notoriedade explosiva, da fama, contra o risco de implosão na sua própria criação.

Mas "X" não é só uma incógnita de geração. É uma incógnita do tempo – o tempo presente – é a incógnita do *Zeitgeist*.

Os filhos da geração dos anos 70 são os deserdados de um passado, ou do tipo de relação com o passado que permite uma relação com o futuro. Quer se fale de pais hippies, *boomers*, seguidores de pedagogias não-directivas, ou de posturas pessoais de liberalismo-permissividade; defensores ou guerreiros de ideologias (quase) póstumas (o Comunismo, o Estado-providência, o Vietnam), da arrogância positivista de soluções científicas todas-poderosas; falamos sempre de crise de valores em relação a um passado herdado e de algum modo renegado ou abandonado. Ao pretender manter algum tipo de coerência no seu foro familiar, estes pais facilmente transpõem para os filhos a frustração, mais ou menos admitida, mais ou menos 'sofrida' do seu próprio 'desengano'.

Os filhos dos pais '(des)enganados' cresceram no seio do debate com a crise de valores (ideológicos, políticos, religiosos, socio-económicos, históricos) e são, portanto, o segmento de uma continuidade descontínua.

Os novos jovens adultos, da nossa sociedade de fim de século, sabem que a abundância ficou na sua retaguarda, sabem com um desencanto sólido e granítico que o seu futuro vai ser difícil. A nova geração é pragmática por excelência – o seu estar é comandado pelo "fazer" sem qualquer retórica ou arroubo sentimental.

Dado que as suas hipóteses de acessos são indiscutivelmente precárias, esta é a geração do coloquial "desenrasca" como resposta directa e pragmática à precaridade assumida e arcada sem sombra de engano, uma vez que esta é também, e pelas mesmas razões, uma geração sem acesso ao poder e confrontada com um futuro tão dúbio que é melhor não pensar nele.

Mas se as suas relações de grupo ou comunitárias são norteadas pela vacuidade ideológica, pela ausência de objectivos orientadores definidos, pela consensual crise de valores de qualquer espécie, elas são caracterizadas por ambientes performativos e ferramentas de mediatização que se constituem em algo de novo e indiscutivelmente condicionante, as novas tecnologias de informação e comunicação.

Tendo anunciado uma perspectiva pessoal de optimismo em relação ao presumível "admirável" mundo novo anunciado pelas tecnologias da informação e comunicação e tendo professado esse ponto de vista como atitude circunstanciadora da argumentação neste trabalho, não quero deixar de articular claramente, neste momento de reflexões finais, as reticências pessoais que restringem uma atitude fundamental de abertura à mudança, que está longe, no entanto, de corresponder a deslumbramento, ou sequer entusiasmo desensombrado.

O desassombro pessoal de acolhimento, sem reservas apriorísticas, a novas formas de processamento e mediatização da informação e novos relacionamentos interpessoais e inter-grupais gerados pela inovação das vias de comunicação telemática referenciam-se por apelo a uma dúvida metódica

que considero devida ao futuro, à diferença e à mudança, mas que tento manter tão lúcida e crítica quanto as implicações, por vezes indelévels, dessa mesma mudança, prenunciam.

A ideia de democracia com base no conhecimento, proposta fundamental da Modernidade, desenvolve-se nos nossos tempos, de um modo peculiar, pelo dilúvio de informação gerado pelas novas tecnologias e pelo progresso inexorável do mundo audiovisual, massmedia, multimedia, e de comunicação em rede.

No entanto, é forçoso admitir que a almejada "Era do Conhecimento" possa estar ameaçada pela "Era da Informação", tal como é particularmente epitomizada pelas realidades "Televisão" e "Internet".

Toda a excessiva informação, de crescente pendor banal e sensacionalista, veiculada pela Televisão e a heterogénea informação na Internet, não seleccionada, não verificada, fluída, livre e em constante mudança podem inundar o conhecimento de forma perniciosa fazendo regredir momentaneamente a cadeia da evolução, no seu todo, num recuo do conhecimento para a informação e, até, da informação para os dados em bruto. Estamos inapelavelmente confrontados com o risco real de nos estarmos a afastar, por excesso de informação e deficiência de capacidades individuais de processamento e filtragem adequados, dos apogeus intelectuais da humanidade – a sabedoria e a criatividade.

Nesta perspectiva, em vez de uma democracia com base no conhecimento, podemos acabar numa "info-demagocracia" inundada num mar de informação, degradada em "info-entretenimento" (*infotainment*), "info-comerciais" (*infomercials*) e o mais que a criatividade adulterada dos iluminados das máquinas de publicidade e *marketing* impuserem à credulidade de consumidores massificados, desprevenidos e acrícos.

O ideal de liberdade de expressão e nivelamento por livre acesso facilmente se encontrará ameaçado pela apropriação e utilização indiscriminada da informação e se poderá transformar, contraditoriamente, no motor de acrescida discriminação social ao agudizar, ainda que de modo não intencional, o fosso entre os que possuem e os que não possuem acesso material às fontes de informação.

Esta ameaça de teor sociológico é real e crescente, não porque alguém tente manipular ou monopolizar deliberadamente o acesso à informação, mas porque os custos e constrangimentos enfrentados quer por indivíduos, quer por instituições são tais e de tal modo crescentes que cada vez mais extremarão as posições entre os que conseguem e os que não conseguem gerar as condições materiais indispensáveis a uma continuada aquisição dos equipamentos e serviços necessários a uma actualização pertinente.

A dimensão cívica e de património colectivo de escolas, universidades, bibliotecas, museus e outros guardiões e pontos nodais convencionais de recolha, registo, processamento e disseminação de informação e saber está

ameaçada pela noção crescente de que qualquer pessoa pode obter em sua casa, com um simples clique do seu rato electrónico, tudo o que necessita, de livros a jornais e revistas; de discos a vídeos e CD; de aparelhos e automóveis, a viagens, férias e fins de semana.

A nova forma de mobilidade do indivíduo solitário, sentado em frente de um monitor e acedendo a todo o mundo através das extensões do seu corpo, sem se mover da sua cadeira, ameaça a noção de centros de conhecimento, tais como bibliotecas ou museus, ou de locais físicos de encontro e interacção onde pessoas diferentes, em busca de respostas diferentes, se reúnem e confirmam sentido comunitário a espaços não virtuais.

Mas se as palavras, sons e imagens que servem para dar corpo e exteriorizar o pensar, sentir e sonhar da nossa comunhão humana estão a ser convertidos em zeros e uns no processo de digitalização tecnológica, é chegado o momento, com carácter de urgência, de re-humanizar o processo de navegação.

É nossa convicção que importa sublinhar, não a contingência da uma ameaça, que se deve lucidamente prefigurar como real, mas a eminência do protagonismo de novos papéis para o conhecimento, ou de novas facetas para um papel cujo desempenho alertado e crítico se torna cada vez mais significativo e imprescindível.

Ameaçada no processo parece estar, também, a noção de comunidade.

Interpelando um mundo de sua autoria que parece, no entanto, cada vez mais escapar-se ao sentido que dele urge fazer, o ser actual enfrenta o fim de milénio com uma perplexidade que dificilmente encontra diálogo alargado, exterior ao seu "eu saturado".

Abalada a noção de comunidade como uma espécie de 'pertença linguística' e comprometida a noção de identidade comunitária baseada em paradigmas políticos, religiosos ou ideológicos de qualquer natureza, que não mais ultrapassam a esfera do fragmentar e da (re)construção "negociável", resta a noção depurada de comunidade como pertença essencial, designada pela mera co-existência de existências individuais.

O flagrante incómodo desta última reflexão, alinhada como corolário de uma directriz de raciocínio que conduz inexoravelmente à interrogação do conceito de comunidade, não poderá deixar de abrir caminho a meditações renovadas sobre os possíveis significados do nosso estar-em-comum e das suas formas fundamentais de expressão, de que a literatura é ainda, e *malgré soi*, factor indiciador.

Fustigada ou fruída, real ou *fetiche*, corpórea ou virtual, *explicans* ou *explicatum*, a rede intrincada do regresso infinito é sua condição basilar e o destino interpretativo constitui o seu próprio mecanismo generativo.

Ao leitor cabe ainda, e de novo, o cumprimento do postulado, o acto comunicativo, cooperativo, interactivo e dialógico de actualização do texto.

Referências bibliográficas

Monografias

- Allen, Robert C., (Ed.) (1992), *Channels Of Discourse, Reassembled*, Routledge, Londres.
- Austin, J. L. (1962; 1975), *How To Do Things With Words*, Oxford University Press.
- Bakhtin, Mikhail (1984), *Problems Of Dostoevsky's Poetics*, Manchester University Press, Manchester.
- Bakhtin, Mikhail, Voloshinov, E V. N. (1973), *Marxism And The Philosophy Of Language*, Ladislav Matejka E I. R. Titunik (Trans.), Seminar Press, Nova Iorque e Londres.
- Banfield, Ann (1982), *Unspeakable Sentences: Narration And Representation In The Language Of Fiction*, Routledge, Londres.
- Barbosa, Pedro (1996), *A Ciberliteratura: Criação Literária e Computador*, Cosmos Literatura 9, Lisboa.
- Barthes, Roland (1981), *O Grão Da Voz: Entrevistas 1962-1980*, Edições 70, 37, Lisboa.
- Barthes, Roland (1977), *Image Music Text*, (Trad. Stephen Heath), Hill & Wang, Nova Iorque.
- Barthes, Roland (1968), *Writing Degree Zero*, Annette Lavers and Colin Smith (Trans.), Susan Sontag (Ed.), (Publicação Original 1953), Hill & Wang, Nova Iorque.
- Barthes, Roland (1970; 1990), *S/Z*, Richard. Miller (Trad.), Hill & Wang, Nova Iorque E Blackwell, Oxford.
- Baudrillard, Jean (1983), *Simulations*, P. Foss, P. Patton, e P. Beitchmann (Trans.), Semiotext(E), Nova Iorque.
- Bauman, Zygmunt (1995), *Life In Fragments: Essays In Postmodern Morality*, Blackwell Publishers, Oxford.
- Beckett, Samuel (1972), *Waiting For Godot*, (Publicação Original 1955 e 1965) Londres.

- Benedikt, M. (Ed.) (1991), *Cyberspace: First Steps*, Mit Press, Cambridge, Ma.
- Berger, John (1972), *Ways Of Seeing*, Bbc and Penguin, Londres.
- Berger, Peter e Luckman, Thomas (1991), *The Social Construction Of Reality: A Treatise In The Sociology Of Knowledge*, Penguin Books, Londres.
- Berne, Eric (1967), *Games People Play: The Psychology Of Human Relationships*, Grove Press, Inc., Nova Iorque.
- Bey, Hakim (1992), *Taz: Temporary Autonomous Zones And The Broadsheets Of Ontological Anarchism*, Autonomedia, Nova Iorque.
- Bhabha, Homi K. (1995), *The Location Of Culture*, Routledge, Londres e Nova Iorque.
- Bolter, J. (1991), *Writing Space: The Computer, Hypertext, And The History Of Writing*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale Nj.
- Bornstein, G. e Williams, Ralph (Eds.) (1993), *Palimpsest: Editorial Theory In The Humanities*, The University Of Michigan Press, Michigan.
- Brooks, Peter (1984), *Reading For The Plot: Design And Intention In Narrative*, Oxford University Press.
- Brooks, Peter (1993), *Body Work: Objects Of Desire In Modern Narrative*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts e Londres.
- Clark, Katerina & Holquist, Michael Holquist (Eds.), (1984), *Mikhail Bakhtin*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts e Londres.
- Collier, P. & Geyer-Ryan, H. (Eds.) (1992), *Literary Theory Today*, Polity Press, Cambridge.
- Cotton, B. e Oliver, R. (1993), *Understanding Hypermedia: From Multimedia To Virtual Reality* (1ª Ed.), Phaidon Press Ltd., Londres
- Csikszentmihalyi, Londres e Rochberg-Halton, E. (1981), *The Meaning Of Things: Domestic Symbols And The Self*, Cambridge University Press.
- Culler, Jonathan (1982), *On Deconstruction: Theory And Criticism After Structuralism*, Cornell University Press, Ithaca, Nova Iorque.
- Debord, Guy (1994), *The Society Of The Spectacle*, Donald Nicholson-Smith (Trad.), Zone Books.¹
- (acedível em: [Http://Www-Biol.Univ-Mrs.Fr/~Bech/D_Spec/Spec1.Html](http://Www-Biol.Univ-Mrs.Fr/~Bech/D_Spec/Spec1.Html))
- December E Randall J., e N. Randall (1994), *The World Wide Web Unleashed*, Sams Publishing, Nova Iorque.
- Deleuze, Gilles (1988), *Foucault*, Sean Hand (Trad.), University Of Minnesota Press, Minneapolis.
- Deleuze, G., e Guattari, F. (1987), *A Thousand Plateaus: Capitalism And Schizophrenia*, B. Massumi (Trad.), University Of Minnesota Press, Minneapolis.

1 Inclui-se esta edição na bibliografia, cuja tradução foi aprovada pelo autor, para eventual comodidade de consulta. O texto referencia, no entanto, a versão electrónica, utilizada por razões de ordem pragmática.

- Derrida, Jacques (1978), *Writing And Difference*, Alan Bass (Trad.), Routledge, Londres.
- Donahue, Thomas John (1993), *Structures Of Meaning: A Semiotic Approach To The Play Text*, Rutherford, Fairleigh Dickinson University Press, Londres And Toronto Associated University Presses, Nova Iorque
- Eagleton, Terry (1985), *Literary Theory: An Introduction*, Basil Blackwell Publisher, Oxford.
- Eagleton, Terry (1994), *The Ideology Of The Aesthetic*, Blackwell Publishers, Oxford.
- Eco, Umberto (1976), *A Theory Of Semiotics*, Indiana University Press, Bloomington.
- Eco, Umberto (1979), *The Role Of The Reader: Explorations In The Semiotics Of Texts*, Indiana University Press, Bloomington.
- Eco, Umberto (1990), *Os Limites Da Interpretação*, Difel 82, Lisboa.
- Edelstein, Alex S. (1982), *Comparative Communication Research*, Beverly Hills, Sage Publications, The Sage Commtext Series, Vol. 9, 1982.
- Emerson, C., Holquist, M. (1986), *Speech Genres And Other Late Essays*, University Of Texas Press, Slavic Series, No. 8, Texas.
- Falck, Colin (1989), *Myth, Truth And Literature: Towards A True Post-Modernism*, Cambridge University Press.
- Faris, W. B. (1988), *Labyrinths Of Language: Symbolic Landscape And Narrative Design In Modern Fiction*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- Fish, Stanley (1980; 1994), *Is There A Text In This Class?, The Authority Of Interpretive Communities*, Harvard University Press, Cambridge, Mass.
- Forster, E. M. (1927; 1993), *Aspects Du Roman*, Christian Bourgois (Ed.), Sophie Basch (Trad.), Collection "Les Derniers Mots".
- Frazer, J. G. (1963), *The Golden Bough: A Study In Magic And Religion*, Macmillan, Nova Iorque.
- Freud, Sigmund (1950), *Totem And Taboo*, Broadway House, Londres.
- Frye, Northop (1973), *Anatomy Of Criticism, Four Essays* (3ª Ed.), Princeton University Press, Princeton.
- Gadamer, Hans-Georg (1975; 1993), *Truth And Method*, Sheed & Ward (Eds.), Joel Weinsheimer E Donald G. Marshall (Trads.), Stagbooks, Sheed & Ward Ltd., Londres.
- Gamson, Joshua (1994), *Claims To Fame: Celebrity In Contemporary America*, University Of California Press.
- Gaus, Helmut (1979), *The Function Of Fiction: The Function Of Written Fiction In The Social Process*, E. Story-Scientia, Gent.
- Genette, G. (1982), *Palimpsestes: La Littérature Au Second Degré*, Éditions Du Seuil, Paris.
- Gergen, Keneth (1991), *The Saturated Self: Dilemmas Of Identity In Contemporary Life*, Basic Books, Nova Iorque.

- Goffman, Erving (1959, 1974), *Frame Analysis*, Basic Books, Nova Iorque.
- Goodwin, Sarah Webster e Bronfen, Elisabeth (Eds.) (1993), *Death And Representation*, The John Hopkins University Press, Baltimore e Londres.
- Goody, J. (1993), *The Interface Between The Written And The Oral*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Grigely, Joseph (1995), *Textuality: Art, Theory, And Textual Criticism*, University Of Michigan Press.
- Grossberg, L. (1992), *We Gotta Get Out Of This Place: Popular Conservatism And Postmodern Culture*, Routledge, Nova Iorque.
- Halperin, John (1974), *The Theory Of The Novel: New Essays*, University Of Southern California, Oxford University Press, Nova Iorque.
- Haraway, D. (1991), *Simians, Cyborgs, And Women: The Reinvention Of Nature*, Routledge, Nova Iorque.
- Hassan, Ihab (1987), *The Postmodern Turn: Essays In Postmodern Theory And Culture*, Ohio State University Press.
- Hinchliffe, Arnold P. (1972), *The Absurd*, John D. Jump (Ed.), The Critical Idiom, 5, 1969-1972, Norfolk.
- Hirschkop, K. & Shepherd, D. (Eds.) (1993), *Bakhtin And Cultural Theory*, Manchester University Press, Manchester.
- Holquist, Michael (Ed.) (1981), *The Dialogic Imagination: Four Essays By M. M. Bakhtin*, (Trans.) Caryl Emerson e Michael Holquist, University Of Texas Press, Austin, Texas e Londres.
- Holquist, Michael (Ed.) (1991), *Dialogism Bakhtin and His World*, Routledge, Londres.
- Horodisch, Abraham (1962), *Picasso As A Book Artist*, Nova Iorque.
- Howe, Neil e Strauss, Bill (1993), *13th Generation: Abort, Retry, Ignore, Fail?*, Vantage, Nova Iorque.
- Huizinga, J. (1955), *Homo Ludens*, Beacon Press, Boston.
- Hutcheon, Linda (1980), *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*, Wilfrid Laurier University Press, Waterloo, Ontario, Canada.
- Hutcheon, Linda (1995a), *A Poetics Of Postmodernism: History, Theory, Fiction*, Routledge, Nova Iorque e Londres.
- Hutcheon, Linda (1995b), *Irony's Edge: The Theory And Politics Of Irony*, Routledge, Nova Iorque e Londres.
- Jauss, Hans Robert (1993), *A Literatura Como Provocação (História Da Literatura Como Provocação Literária)*, Vega, Passagens, Lisboa.
- Jefferson, A. & Robey, D. (Eds.), (1991), *Modern Literary Theory: A Comparative Introduction*, B. T. Batsford Ltd., Londres.
- Jonassen, D. H. (S/D), *Hypertext/Hypermedia*, Educational Technology Publications, New Jersey.
- Jouët, Josiane e Coudray, Sylvie (1990), *Les Nouvelles Technologies De Communication: Orientations De La Recherche*, Unesco.

- Kristeva, Julia (1980), *Desire In Language*, Thomas Gora, Alice Jardine e Leon S. Roudiez (Trad.), Blackwell, Oxford e Columbia University Press, Nova Iorque.
- Kroker, Arthur (1994), *Spasm: Virtual Reality, Android Music, Electric Flesh*, St. Martin's Press, Nova Iorque.
- Kuhn, T. S. (1976), *Die Struktur Wissenschaftlicher Revolutionen*, Suhrkamp, Frankfurt.
- Kuhn, T. S. (1978), *Die Entstehung Des Neuen*, Suhrkamp, Frankfurt.
- Lakatos & Musgrave I. Lakatos & A. Musgrave (Eds.), (1970), *Criticism And The Growth Of Knowledge*, Cambridge University Press.
- Landow, George P. (1982), *Images Of Crisis: Literary Iconology, 1750 To The Present*, Routledge & Kegan Paul.
- Landow, George P. (1991), *Hypermedia And Literary Studies*, (editado com Paul Delany), Mit.
- Landow, George P. (1993), *The Digital Word: Text-Based Computing In The Humanities*, (editado com Paul Delany), Mit.
- Landow, George P. (1994), *Hyper/Text/Theory*, Hopkins Up.
- Landow, George (1992), *Hypertext: The Convergence Of Contemporary Critical Theory And Technology*, Johns Hopkins Up, Baltimore.
- Larsen, Svend Erik (1984), *Sémiologie Littéraire: Essais Sur La Scène Textuelle*, Françoise Arndt (Trad.), Odense University Press, Odense.
- Laufer, R. & Scavetta, D. (S/Data), *Texto, Hipertexto, Hipermedia* (1ª Ed.), Rés Editora, Porto.
- Leech, Geoffrey N. (1983), *Principles Of Pragmatics*, Longman Linguistic Library.
- Levinson, Stephen C. (1983), *Pragmatics*, Cambridge University Press.
- Lodge, David (1986), *Write On: Occasional Essays '65-'85*, Secker & Warburg, Londres.
- Lodge, David (1990), *After Bakhtin*, Routledge, Londres.
- Lodge, David (1992), *The Art Of Fiction*, Penguin Books, Londres.
- Lukács, Georg (1971), *The Theory Of The Novel*, Anna Bostock (Trad.), Mit Up, Cambridge.
- Lyotard, Jean-François (1984), *The Postmodern Condition: A Report On Knowledge*, University Of Minnesota Press, Minneapolis.
- Maitre, Doreen (1983), *Literature And Possible Worlds*, Pembridge Press, Londres.
- Malinowski, Bronislaw (1944), *A Scientific Theory Of Culture, With A Preface By Huntington Cairns*, Nova Iorque.
- Marcus, Greil (1989), *Lipstick Traces*, Harvard University Press, Cambridge.
- Marmaridou, A. Sophia (1995), *Cognitive And Social Aspects Of Pragmatic Meaning: A Contribution To Experiential Realism*, Atenas.
- Mccarthy, Mary (1988), *Le Roman et Les Idées et Autres Essais*, Angélique Lévi (Trad.), Fayard, França.

- Mchale, Brian (1987), *Postmodernist Fiction*, Up, 949, Nova Iorque e Londres.
- Mcleod, Iseabail e Freedman, Terry (1995), *The Wordsworth Dictionary Of First Names*, Wordsworth Editions Ltd, Hertfordshire.
- Mcluhan, Marshall (1964; 1995), *Understanding Media: The Extensions Of Man*, Routledge, Londres.
- Mcluhan, H. M. e Fiore, Q. (1967), *The Medium Is The Massage*, Mcgraw Hill, Nova Iorque.
- Mcquail, Denis (1987), *Mass Communication Theory*, (Chapter 3, "Theory Of Media And Theory Of Society", Chapter 4, "Media Theory Applied: Power, Integration And Change"), Sage, Londres.
- Mead, George Herbert (1934), *Mind, Self And Society*, University Of Chicago Press, Chicago.
- Merchant, Moelwyn (1972), *Comedy*, John D. Jump (Ed.), The Critical Idiom, 21, Londres.
- Middleton, P. (1992), *The Inward Gaze: Masculinity & Subjectivity In Modern Culture*, Routledge, Londres.
- Moi, Toril (Ed.) (1986), *The Kristeva Reader*, Basil Blackwell, Great Britain.
- Morgan, J., O'Neill, C. e Harre, R. (1979), *Nicknames, Their Origins And Social Consequences*, Routledge & Kegan Paul And Henley, Londres e Boston.
- Morris, Desmond (1971), *O Casal A Nu*, (Traduzido Por Jorge Da Silva Melo), Coleção Contemporânea, 124, Portugália Editora, Lisboa.
- Morson, G. S. (Ed.), (1986), *Bakhtin, Essays And Dialogues On His Work*, The University Of Chicago Press, Chicago.
- Nancy, Jean-Luc (1991), *The Inoperative Community*, Peter Connor (Ed.), Theory And History Of Literature, Vol. 76, University Of Minnesota Press, Minneapolis e Londres. Primeiros Capítulos (1986).
- Neetens, W. (1991), *Writing And Democracy Literature: Politics And Culture In Transition*, Billing And Sons Ltd., Worcester.
- Negroponte, Nicholas (1996), *Being Digital*, Hodder & Stoughton, Reading.
- Newton, K. M. (1986), *In Defence Of Literary Interpretation*, The Macmillan Press Ltd., Londres.
- Nietzsche, Friedrich (1967), *The Will To Power*, (Trad. por Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale), Random House, Nova Iorque.
- Nietzsche, Friedrich (1989), *Beyond Good And Evil*, (Trad. por Helen Zimmern), Prometheus Books, Buffalo, Nova Iorque.
- Norris, Christopher (1993), *The Truth About Postmodernism*, Blackwell Publishers, Oxford.
- O'donnell, Patrick e Davis, Robert Con (Eds.) (1989), *Intertextuality And Contemporary American Fiction*, John Hopkins University Press, Baltimore.
- Ong, W. J. (1982), *Orality And Literacy: The Technologizing Of The Word*, Methuen, Londres.

- Ouellet, Pierre (1992), *Voir Et Savoir: La Perception Des Univers Du Discours*, Candiatic, Éditions Balzac, Collection L'univers Des Discours.
- Peters, T. (1992), *Liberation Management: Necessary Disorganization For The Nanosecond Nineties*, Knopf, Nova Iorque.
- Pfeil, F. (1990), *Another Tale To Tell: Politics And Narrative In Postmodern Culture*, Verso, Nova Iorque.
- Phelan, James (1979), *Worlds From Words: A Theory Of Language In Fiction*, Chicago Originals, Chicago.
- Piaget, J. (1975), *The Child's Conception Of The World*, Littlefield, Adams & Co., New Jersey.
- Plant, Sadie (1992), *The Most Radical Gesture: The Situationist International In A Postmodern Age*, Routledge, Londres And Nova Iorque.
- Plottel, Jeanine Parisier e Charney, Hanna (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol 2, Literary Forum, Nova Iorque.
- Quéré, Henri (1992), *Intermittances Du Sens: Études Sémiotiques*, Presses Universitaires de France, Paris.
- Robbe-Grillet (1963), *Pour Un Nouveau Roman*, Gallimard, Paris.
- Rorty, Richard (1989), *Contingency, Irony, And Solidarity*, Cambridge Up, Cambridge.
- Salinger, J. D. (1951; 1981), *The Catcher In The Rye*, Penguin Modern Classics, Grã-Bretanha.
- Sartre, Jean-Paul (1950), *What Is Literature?*, Trad. Bernard Frechtman, Methuen, Londres. pp. 4 -11.
- Schiffrin, Deborah (1994), *Approaches To Discourse*, Blackwell Publishers, Cambridge, Massachusetts
- Searle, John R. (1969; 1980), *Speech Acts: An Essay In The Philosophy Of Language*, Cambridge University Press.
- Simons, Herbert W., Billig, Michael (1994), *After Postmodernism - Reconstructing Ideology Critique*, Herbert W. Simons And Michael Billig (Eds.), Sage Publications, Londres.
- Singletary, Michael W. e Stone, Gerald (1988), *Communication Theory And Research Applications*, Ames, Iowa State University Press.
- Sloterdijk, Peter (1987), *Critique Of Cynical Reason*, University Of Minnesota Press, Minneapolis.
- Sontag, Susan (1967), *Against Interpretation And Other Essays*, Dell, Nova Iorque.
- Sperber, Dan e Wilson, Deidre (1986), *Relevance: Communication And Cognition* Harvard University Press, Cambridge. pp 48-50.
- Strauss, Claude Lévi-Strauss (1968), *The Savagemind*, University Of Chicago Press, Chicago.
- Tabbi, Joseph (1995), *Postmodern Sublime: Technology And American Writing From Mailer To Cyberpunk*, Cornell University Press, Ithaca, Nova Iorque.

- Taylor, e Saarinen Mark C. and Esa Saarinen (1994), *Imagologies - Media Philosophy*, Mark C. Taylor And Esa Saarinen (Eds.), Routledge, Londres.²
- Terceiro, José B. (1996), *Sociedad Digital - Del Homo Sapiens Al Homo Digitalis*, Alianza Editora, Madrid.
- Thomas, Jenny (1995), *Meaning In Interaction: An Introduction To Pragmatics*, Longman Group Limited, Nova Iorque.
- Torre, Guillermo De (Trad.), (1972), *História Das Literaturas De Vanguarda*, Maria do Carmo Cary (Ed.), 6 Vols: V, Vi, Porto.
- Turkle, Sherry (1984), *The Second Self: Computers And The Human Spirit*, Simon & Schuster, Nova Iorque.
- Turkle, Sherry (1996), *Life On The Screen: Identity In The Age Of The Internet*, Weidenfeld & Nicolson, Londres.
- Twain, Mark (1884; 1966), *The Adventures Of Huckleberry Finn*, Penguin Books, Londres.
- Ulmer, G. (1990), *Teletheory: Grammatology In The Age Of Video*, Routledge, Nova Iorque.
- Van, Nostrand (Ed.) (1958), *Van Nostrand's Scientific Encyclopedia*, Van Nostrand Inc., Princeton, New Jersey.
- Vattimo, G. (1991), *A Sociedade Transparente*, Edições 70, Lisboa.
- Virilio, Paul (1994), *The Vision Machine*, Julie Rose (Trad.), Bfi/Indiana University Press, Londres.
- Virilio, Paul (1995), *The Art Of The Motor*, Julie Rose (Trad.), University Of Minnesota Press, Minneapolis, Londres.
- Vygotsky, L. S. (1978), *Mind In Society: The Development Of Higher Psychological Processes*, M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner e E. Souberman (Eds.), Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- Williams, Raymond (1990), *Culture And Society*, The Hogarth Press, Londres.
- Williamson, Judith (1978), *Decoding Advertisements*, Marion Boyars Publishers Inc., Nova Iorque.
- Woolf, Virginia (1945), *A Room Of One's Own*, Harmondsworth, Penguin.
- Yeats, A. Norman Jeffares (Ed.), (1991), *Yeats's Poems*, Papermac, Macmillan Publishers Inc., Londres.
- Zima, Peter V. (1989), *Ideologie Und Theorie: Eine Diskurskritik*, Francke, Tübingen.
- Zuboff, S. (1988), *In The Age Of The Smart Machine: The Future Of Work And Power*, Basic Books, Nova Iorque.

2 Este livro é paginado por secções independentes. As citações são referenciadas por nome de secção e número de página.

Ensaaios, artigos, comunicações e discursos

- Arkin, Marc M., 'The Millennium Mill', *The New Criterion*, Vol. 15, nº 2, Outubro 1996, pp. 59-61.
- Bangemann 'Europe And The Global Information Society: Recommendations To The European Council', Conselho Da Europa, Bruxelas, 26 De Maio, 1994.³
- Barlow, John Perry, "Crime And Puzzlement: Desperados Of The Datasphere" Documento Electrónico (também publicado em *Whole Earth Review*, Sausalito, California, Fall 1990, pp. 45-57).
- Baron, N. S., "Computer Mediated Communication As A Force In Language Change", *Visible Language*, Volume 18, 2, Spring 1984, pp. 118-141.
- Barthes, (1964), "Literatura E Metalinguagem", *Ensaaios Críticos*, Edições 70, Colecção Signos, 11, Lisboa, pp. 143-145.
- Barthes, Roland (1964), "Literatura e Descontínuo", *Ensaaios Críticos*, Edições 70, Colecção Signos, 11, Lisboa, pp. 245-261.
- Bataille, Georges (1988), "The Accursed Share: An Essay On General Economy", Zone Books, Nova Iorque.
- Baudrillard, Jean (1983), "The Ecstasy Of Communication", *Postmodern Culture*, Hal Foster (Ed.), Pluto Press, Londres, pp. 126-134.
- Bauer, George H., 'Uòmo Di Lettere – Lhomme Letre – B's Xyz Game', In Plottel e Charney, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 139-156.
- Beaujour, Michel, "Is Less More?", *Plottel e Charney*, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol. 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 237-243.
- Benjamin, Walter (1979), 'The Work Of Art In The Age Of Mechanical Reproduction' *Illuminations*, Fontana.
- Bennett, Scott (1993), 'Copyright And Innovation In Electronic Publishing: A Commentary', *Journal Of Academic Librarianship*, Volume 19, Number 2, May 1993.
- Berntsen, Dorthie, Kennedy, John M., 'Unresolved Contradictions Specifying Attitudes – In Metaphor, Irony, Understatement And Tautology', *Poetics: Journal Of Empirical Research On Literature, The Media And The Arts*, Vol. 24, Nº 1, July 1996, pp. 13-29.
- Berry, John N. (1993), "New Directions For The Library Lobby", *Library Journal*, Volume 118, Number 9, May 15, 1993.

3 Também conhecido como Bangemann Report.

- Best, W., (1994), "To Axe The Theory Is To Axe The Canon" *Revista do Instituto Politécnico Da Guarda, Educação e Tecnologia* (inicialmente publicado na Colectânea *O Cânone Nos Estudos Anglo-Americanos*, organizada pelo Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), 1994.
- Butor, Michel, "Textes En Représentation", *Critique*, Nº 282, Novembre 1970, pp. 909-934.
- Campbell, Robert (1992), 'The Commercial Role In Journal Publishing: Past, Present And Future' *Logos*, Vol. 3, No. 1, 1992.
- Carlin, P. (1993), "The Jackpot In Television's Future", *Nova Iorque Times Magazine*, February 28, 1993, pp. 36-41.
- Caws, Mary Ann, "Whatever Is Fitting In A Text (On Being Buttoned In A Scene)", In Plottel e Charney, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 275-280.
- Champagne, Roland A., "The Writer Within The Intertext", In Plottel e Charney, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 129-137.
- Culler, Jonathan (1980), "Literary Competence", In *Reader-Response Criticism (From Formalism To Post-Structuralism)*, Jane P. Tompkins (Ed.), John Hopkins University Press, Baltimore & Londres, p. 116.
- Culler, Jonathan (1975), "Defining Narrative Units", In *Style And Structure In Literature*, Roger Fowler (Ed.), Blackwell.
- Curran, James (1991), "Mass Media And Democracy: A Reappraisal", *Mass Media and Society*, James Curran And Michael Gurevitch (Eds.), Routledge, Chapman And Hall, Inc., Nova Iorque, pp. 82-99.
- Daniel, Jean (1997), "Quel Sens Garde L'affirmation Nationale Dans Le Nouveau Village Planétaire?", Conferência proferida no Musée de la Civilisation, 17 Setembro, 1997, Québec, Canadá.
- December, John (1996), *Journal Of Communication* 46(1) Winter, 0021-9916/96 Vol. No. 4
- Dennett, Daniel C., "Entertaining Search For The X Factor", *Financial Times*, 5-6 October 1996, pp. 14.
- Derrida, Jacques (1992), "This Strange Institution Called Literature": an Interview With Jacques Derrida", *Acts Of Literature*, Rerek Attridge (Ed.), Routledge, Nova Iorque e Londres, pp. 33-75.
- Dozier, David M. e Rice, Ronald E. (1984), "Rival Theories Of Electronic Newsreading", *The New Media*, Ronald E. Rice (Ed.), Sage Publications, Londres, pp. 103-109.
- Eichenbaum, Boris (1971), *Readings In Russian Poetics: Formalist And Structuralist Views*, Mit Press, Londres, pp. 3-37, 56-65.
(Originalmente Publicado, 1929)

- Fiedler, Leslie (1975), "Cross The Border – Close That Gap: Post-Modernism", Marcus Cuncliffe Ed. (1975), *American Literature Since 1900*, Sphere, Londres. pp. 344-66.
- Fiedler, Leslie (1965), "The New Mutants", *Partisan Review*, Fall, 1965.
- Fish Fish, S. (1981). "How To Recognize A Poem When You See One" *American Criticism In The Poststructuralist Age*, Michigan, The University Of Michigan Press.
- Fish Fish, Stanley (1994) "There's No Such Thing As Free Speech, And It's A Good Thing, Too", *There's No Such Thing As Free Speech, And It's A Good Thing, Too*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 102-119.
- Foster, Hal (1983), 'Postmodernism: A Preface', *Postmodern Culture*, Hal Foster (Ed.), Pluto Press, Londres, pp. vii-xiv.
- Freud, Sigmund (1933; 1971), "La Création Littéraire Et Le Rêve Éveillé", *Essais De Psychanalyse Appliquée*, Gallimard, Paris, pp. 69-81.
- Greenblat, Stephen (1992), "Resonance And Wonder", *Literary Theory Today*, Peter Collier & Helga Geyer-Ryan, (Eds.), Polity Press e Blackwell Publishers, Devon, pp. 74-90.
- Grice, Paul (1987), "Studies In The Ways Of Words", Harvard University Press, (originalmente vindo a público nas 'William James Lectures') Harvard, 1967.
- Grice Grice, H. P. (1975) "Logic And Conversation", P. Cole And J. Morgan, (Eds.), *Syntax And Semantics 3: Speech Acts*, Academic Press. Também A. Martinich (Ed.), (1985), *The Philosophy Of Language*, Oxford University Press.
- Halasz, F. (1987), "Reflections On Notecards: seven issues for the next Generation of Hypermedia Systems" *Communications Of The Acm*, 31 (7), pp. 836-852.
- Hall, Stuart (1980), "Cultural Studies And The Centre: some Problematics and Problems", *Culture, Media, Language*, Stuart Hall, Dorothy Hobson, Andrew Lowe And Paul Willis (Eds.), Hutchinson University Press, Londres, pp. 15-47.
- Hall, Stuart (1980), "Encoding/Decoding", *Culture, Media, Language*, Stuart Hall, Dorothy Hobson, Andrew Lowe And Paul Willis (Eds.), Hutchinson University Press, Londres, pp. 128-138.
- Hancher, Michael (1979), "The Classification Of Cooperative Illocutionary Acts", *Language In Society*, 8, pp. 1-14.
- Hansen, Markus, Mclean, Doyle e Bobbio, Melucci (1997), "Thesis Eleven", *Sage Publications*, nº 48, February, pp. 141-144.
- Hassan, Ihab (1992), "Pluralism In Postmodern Perspective", *The Postmodern Reader*, Charles Jencks (Ed.), Academy Editions, Londres.
- Havholm, Peter e Stewart, Larry, "Computer Modeling And Critical Theory", *Computers And The Humanities*, Kluwer Academic Publishers, 30, nº 2, 1996, Netherlands, pp. 107-115.

- Hohendahl, Peter Uwe, "Response To Luhmann" *Cultural Critique*, nº 30, Spring 1995, pp. 187-192.
- Hubert, Renée Riese, "The Illustrated Book: Text And Image", Plottel e Charney, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 177-195.
- Jennings Jennings, Edward M. (1992) "The Text Is Dead; Long Live The Techst", In *Postmodern Culture*, V 2, nº 3. (também acedível online: Gopher://Jefferson.Village.Virginia.Edu/0/Pubs/Pmc/Issue.592/Review-4.592.)
- Jonathan-Jacobs N., (1969), "Names To Conjure With", *Naming-Day In Eden: The Creation And Recreation Of Language*, Macmillan, Londres, pp. 27-38.
- Kiesler, Sara, Siegel, Jane e McGuire, Timothy W., (1984), "Social psychological aspects of computer-mediated Communication", *American Psychologist*, Vol. 39, nº 10, October 1984, pp. 1123-1134.
- Kimball, Roger, "The killing of History: why relativism is wrong", *The New Criterion*, Vol. 15, nº 1, September 1996, pp. 22-23
- Kristeva, Julia (1969), "Le Mot, Le Dialogue Et Le Roman", *Semeiotike: Recherches Pour Une Sémanalyse*, Seuil, Paris.
- Kroker, Arthur (S/Data), "Digital Humanism: The Processed World Of Marshall McLuhan", (excerto electrónico de *Technology And The Canadian Mind*, Innis/McLuhan/Grant.)
- Lefort, Claude, "The Political Forms Of Modern Society: Bureaucracy, Democracy, Totalitarianism", Mit Press, Cambridge, 1986.
- Lewis, Michael J., "Homer, Hopper & The Critics" *The New Criterion*, Vol. 15, nº 1, September 1996, pp. 74-79.
- Luhmann, Niklas, "Why Does Society Describe Itself As Postmodern?", *Cultural Critique*, nº 30, Spring 1995, pp. 171-192.
- Lui, Alan (1990), "Local transcendence: cultural criticism, Postmodernism, And The Romanticism Of Detail", *Representations*, 32, Fall, pp. 75-113.
- Liotard Lyotard "Réponse À La Question: Qu'est-Ce Que Le Postmoderne?" *Critique* (Abril 1982), 38(419), pp. 357-367.
- (Também traduzido para inglês por Régis Durand, "Answering The Question: What Is Postmodernism?" In Ihab Hassan E Sally Hassan, Eds., *Innovation/Renovation: New Perspectives On The Humanities*, Madison: University Of Wisconsin Press, 1983, pp. 329-341).
- Malcolm, K., Poltrock, S. e Schuler, D. (1991) "Industrial Strength Hypermedia: Requirements For A Large Engineering Enterprise", in P. D. Stotts and R. K. Furuta (Eds.), *Hypertext '91 Proceedings*, San Antonio, Association For Computing Machinery, pp. 13-24.
- Mateus, Maria Helena (1989), "Produção e Interação Verbal", *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Série Linguística, pp. 115-154.

- Mathews, Freya (1995), "Value in Nature and Meaning in Life", *Environmental Ethics*, Robert Elliot (Ed.), Oxford University Press, Oxford, Nova Iorque, pp. 142-154.
- Meyer, Gordon e Thomas, Jim (1990), "The Baudy World Of The Byte Bandit: A Postmodernist Interpretation Of The Computer Underground" Documento Eletrónico.
(Também F. Schmallegger (Ed.), *Computers In Criminal Justice*, Bristol, Indiana, Wyndham Hall, 1990, pp. 31-67.)
- Miall, David S., "Anticipation And Feeling In Literary Response: A Neuropsychological Perspective", *Poetics: Journal Of Empirical Research On Literature, The Media And The Arts*, Vol. 23, nº 4, August 1995, pp. 275-298.
- Miller, Owen (1985), "Intertextual Identity", *Identity Of The Literary Text*, Mario J. Valdés E Owen Miller (Eds.), University Of Toronto Press, Toronto, pp. 19-40.
- Morawski, Stefan (1970), "Mimesis", *Semiotica* 2, pp. 35-58.
- Morgen, Thäis (1989), "The Space Of Intertextuality", Patrick O'donnell e Robert Con Davis (Eds.) (1989), *Intertextuality And Contemporary American Fiction*, John Hopkins University Press, Baltimore, pp. 239-279.
- Morrone, Francis, "Nova Iorque's Library In Cyberspace", *The New Criterion*, Vol. 15, nº 5, January 1997, pp. 76-80.
- Moulthrop, Stuart (1991), "Polymers, Paranoia, And The Rhetoric Of Hypertext." *Writing On The Edge* 2.2, Spring 1991, pp. 150-59.
- Moulthrop, S. (1993), "You Say You Want A Revolution? Hypertext And The Laws Of Media", In E. Amiran And J. Unsworth (Eds.), *Essays In Postmodern Culture*, Oxford Up, Nova Iorque, pp. 69-97.
Também Acedível Online.
- Murdock, Graham e Peter Golding (1977), "Capitalism, Communication And Class Relations", In James Curran, Michael Gurevitch & Janet Woollacott (Eds.), *Mass Communication And Society*, Arnold, Londres.
- Nancy Nancy (1991b), "Of Being-In-Common", (Trad.) James Creech, *Community At Loose Ends*, Ed. Miami Theory Collective, University Of Minnesota Press, Minneapolis, p. 7.
- Nancy, Jean-Luc "The Inoperative Community" (Trad.) Peter Connor, *The Inoperative Community*, Peter Connor (Ed.), University Of Minnesota Press, Minneapolis And Oxford, 1991.
- Nelson, Theodor Holm, "How Hypertext (Un)Does The Canon". Paper Delivered At The Modern Language Association Convention, Chicago, December 28, 1990. *Cit. In* Moulthrop (Para 14).
- O'Neill, John (1995), "Introduction - The Two Politics Of Knowledge - Alterity And Mutuality", *The Poverty Of Postmodernism*, John O'Neill (Ed.), Routledge, Londres, pp. 1-9.

- O'Neill, John (1995), "Posting Modernity – Bell And Jameson On The Social Bond – With An Allegory Of The Body Politic", *The Poverty Of Postmodernism*, John O'Neill (Ed.), Routledge, Londres, pp. 111-130.
- Parker, Jan, "The Discipline Of Irony", *The Cambridge Quarterly*, Vol. 25, nº 3, 1996, pp. 291-302.
- Passmore, John (1995), "Attitudes To Nature", *Environmental Ethics*, Robert Elliot (Ed.), Oxford University Press, Oxford, Nova Iorque, pp. 129-141.
- Pedro, Emília Ribeiro (1996), "Considerações Sociolinguísticas na análise dos nomes próprios" Comunicação, XVII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Universidade de Aveiro, 14-16 de Março.
- Pfister, Manfred (1991), "How Postmodern Is Intertextuality?", *Intertextuality*, Heinrich Plett (Ed.), Walter De Gruyter, Berlin, 1991, pp. 207-223.
- Phelan, James, "Data, Danda, And Disagreement" *Diacritics*, 13 (L983), pp. 39-50.
- Piepe, Anthony, Crouch, Sunny e Emerson, Miles (1978), "Culture And Society", *Mass Media And Cultural Relationships*, Anthony Piepe, Sunny Crouch And Miles Emerson (Eds.), Gower Publications, Hampshire, England, pp. 24-31.
- Plett, Heinrich F. (1991), "Intertextualities", *Intertextuality*, Heinrich Plett (Ed.), Walter De Gruyter, Berlin, 1991, pp. 3-27.
- Plottel, Jeanine Parisier, "Semioschizocomicobuttonanalysis", Plottel e Charney, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol. 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 281-288.
- Potter, Rosanne, "What Computers Are Good For In The Literature Classroom", *Computers And The Humanities*, Kluwer Academic Publishers, Vol. 30, nº 2, 1996, P. 181.
- Prince, Ellen F. (1988), "Discourse Analysis: a part of the Study Of Linguistic Competence", Frederick Newmeyer (Ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey*, Vol. II.: Cambridge University Press, Cambridge, pp. 164-182.
- Rasch, William, "Immanent Systems, Transcendental Temptations, And The Limits Of Ethics", *Cultural Critique*, nº 30, Spring 1995, pp. 193-198.
- Resnick, Rosalind & Taylor, Dave (1995; 1998), *The Internet Business Guide*, pp. 365- 385.
- Rice, Ronald E. (1984), "Mediated Group Communication", *The New Media*, Ronald E. Rice (Ed.), Sage Publications, Londres, pp. 129-133.
- Rice, Ronald E. e Love, Gail (1987), "Electronic Emotion: Socioemotional Content In A Computer-Mediated Communication Network" *Communication Research*, Vol. 14, no.1, February, pp. 85-108.
- Riffaterre, Michael, "All-Purpose Words: the case of the French Buttons", Plottel e Charney, (Eds) (1978), *Intertextuality: New Perspectives In Criticism*, Vol. 2, Nova Iorque Literary Forum, pp. 247-255.

- Riffaterre, Michael (1985), "The Interpretant In Literary Semiotics", *American Journal Of Semiotics*, 3, 1985, pp. 41-55.
- Riley, Philip (1985), "Discourse", *Discourse And Learning, Papers In Applied Linguistics*, C.R.A.P.E.L., Longman, Londres, pp.1-11.
- Rorty, Richard, "The Inspirational Value Of Great Works Of Literature", *Raritan*, Vol. 16, nº 1, Summer 1996, pp. 8-17.
- Rosenstiehl, Pierre, "The Dodécadédale, Or In Praise Of Heuristics," October 26 (Fall, 1983), p. 19.
- Said, Edward W. (1983), "Opponents, Audiences, Constituencies And Community", *Postmodern Culture*, Hal Foster (Ed.), Pluto Press, Londres, pp. 135-159.
- Said, Edward, (1991) "The Politics Of Knowledge", *Raritan* 11 (Summer 1991), p. 31.
- Schmidt, Siegfried J., "Media: The Coupling Of Cognition And Communication", *Poetics: Journal Of Empirical Research On Literature, The Media And The Arts*, Vol. 22, nº 6, December 1994, pp. 497-507.
- Schwarz, Helen J. (1992), "Computer Perspectives: Mapping New Territories", *College English* 54.2, February 1992, pp. 207-12.
- Shank Shank, Gary (1993), "Abductive Multilogging: Semiotic Perspectives Of Navigating The Net", *Postmodern Culture*, V. 1, N. 1.
(Também acedível online: [Ftp://Byrd.Mu.Wvnet.Edu/Pub/Ejvc/Shank.V1n1](ftp://Byrd.Mu.Wvnet.Edu/Pub/Ejvc/Shank.V1n1)).
- Siegel, J., Dubrovsky, V., Kiesler, S., & McGuire, T. (1986), "Group Processes In Computer - Mediated Communication", *Organizational Behavior And Human Decision Processes*, 37, pp. 157-187.
- Slatin Slatin, J. (1990) "Reading Hypertext: Order And Coherence In A New Medium", *College English*, 52, pp. 870-883.
- Smart, Barry (1992), "Reflections On Change", *Modern Conditions, Postmodern Controversies*, Barry Smart (Ed.), Routledge, Londres, pp. 1-27.
- Smart, Barry (1992), "Questions concerning Technology and (Post)Industrial Society", *Modern Conditions, Postmodern Controversies*, Barry Smart (Ed.), Routledge, Londres, pp. 28-140.
- Smart, Barry (1992), "The Postmodern Paradox", *Modern Conditions, Postmodern Controversies*, Barry Smart (Ed.), Routledge, Londres, pp. 141-182.
- Smith, John B. e Smith, Catherine F. (1990), "Writing, Thinking, Computing", In Rolf A. Zwaan And Dietrich Meutsch (Eds), *Computer Models And Technology In Media Research*, (1990), pp. 121-142.
- Smith, Neil e Tsimpli, Ianathi-Maria (1995), "The Mind Of A Savant: Language Learning And Modularity", Basil Blackwell, Oxford, Cap. 2, pp. 43-79.
- Sobchack, V. (1992), "Reading Mondo 2000", *South Atlantic Quarterly*, 92(4), pp. 581-97.
- Sperber, Dan e Wilson, Deidre (1986), "Relevance: Communication And Cognition", Harvard University Press, Cambridge, Mass., pp 48-50.

- Stephenson, N. (1993) "Smiley's People", *New Republic*, September 13, 1993, p. 52.
- Art, S. (1987), "Ceci Tera Cella: Graffiti As Crime And Art", In J. Fakete, (Ed.), *Life After Postmodernism*, Nova Iorque, St. Martin Press, pp. 161-180.
- ie, Allucquere Rosanne, (1991), "Will The Real Body Please Stand Up?: Boundary Stories About Virtual Cultures", M. Benedikt (Ed.), *Cyberspace: First Steps*, Cambridge, Ma, Mit Press, pp. 81-118.
- omas, Jenny, (1985) "The Language Of Power", *Journal Of Pragmatics* 9, pp. 765-783.
- ompson, John B. (1995), "The Globalization Of Communication", *The Media And Modernity*, Polity Press And Blackwell Publishers Ltd. (Eds.), Cambridge And Oxford, U. K., pp. 149-173.
- ompson, John B. (1995), "Self And Experience In A Mediated World", *The Media And Modernity*, Polity Press And Blackwell Publishers Ltd. (Eds.), Cambridge And Oxford, U. K., pp. 207-225.
- Frotter, David (1996), "The Scene Of Justice", Comunicação proferida em Sessão Plenária, XVII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Universidade de Aveiro, 14-16 De Março.
- Vaneigem, Raoul (1990), "The Decline And Fall Of Work", *Anarchy* #26, Autumn.
- Weiss Weiss, A. (1994), "Gabfest-Internet Relay Chat", *Internet World*, Nov./Dez., 1994.
- Williams, Frederick, Rice, Ronald E. e Rogers, Everett M. (1988), "Distinctions In The Study Of New Media", *Research Methods And The New Media*, Frederick Williams, Ronald E. Rice And Everett M. Rogers (Eds.), The Free Press, Macmillan Inc., Nova Iorque, pp. 3-15.
- Williams, Frederick, Rice, Ronald E. e Rogers, Everett M. (1988), "Trends In The Study Of New Media", *Research Methods And The New Media*, Frederick Williams, Ronald E. Rice And Everett M. Rogers (Eds.), The Free Press, Macmillan Inc., pp. 16-19.

Artigos, ensaios e comunicações

(Na imprensa portuguesa)

- Anónimo Douglas Coupland, "Polaroids De Figuras Extintas", *Público*, 19 Outubro 1996, pp. 4-5.
- Anónimo "Um Negócio De Milhões", *Valor*, 7-13 Novembro 1996, Ed. Temática Informática, pp. 18-20.
- Anónimo "As Confissões De Bill Gates: A Internet Surpreendeu-Nos", *Exame*, Dezembro 1996, pp. 134-136.

- Cardoso, Jaime Fidalgo, "50 Conceitos De A A Z", *Executive Digest*, Abril 1996, pp. 32-37.
- Carvalho, Luís Nandin, "O "E.Cidadão" E O Direito Cibernético", *Executive Digest*, Maio 1996, pp. 113-114.
- Costa, Alexandra, "Os Grandes Números Da Rede", *Exame*, Novembro 1996, pp. 132.
- Costa, Telma (Trad.), "Polaroids De Figuras Extintas Por Douglas Coupland", *Público*, 19 Outubro 1996, pp. 4-5.
- Coutinho, Isabel, "Quando Se Passa A Barreira Dos Trinta", *Público*, 19 Outubro 1996, pp. 4.
- Cusumano, Michael A. e Selby, Richard W., 'Os Segredos Da Microsoft', *Executive Digest*, Outubro 1996, pp. 64-68.
- Gates, Bill, 'Os Caminhos do Futuro', *Executive Digest*, Janeiro 1996, pp. 15-22.
- Gates, Bill, 'A Internet surpreendeu-nos', *Exame*, Dezembro 1996, pp. 134-136.
- Madureira, C. M. Novais, 'Didáctica Científica: ensino programado, Meios Audiovisuais, Ensino Assistido por Computador, Avaliação', Editado por Projecto Minerva do Instituto Politécnico do Porto, Maio, 1994, pp. 26-27.
- Magalhães, José, 'Questões de opinião', *Exame, Edição Especial*, nº 1, Maio/Junho, 1996
- Marques, António Eduardo, 'A Segunda Revolução', *Executive Digest*, Janeiro 1996, pp. 96-98.
- Marques, António Eduardo e Alves, Pedro Freire, 'Os Novos suportes do livro', *Exame Informática*, nº 11, Maio, 1996, pp. 72-80.
- Rocha, Manuel Lopes, 'Azul', *Exame Informática*, 14, Agosto, 1996, p. 22.
- Rodrigues, Victor, 'Máquinas De Fazer Dinheiro', *Valor* 273, 23 a 29 Janeiro 1997, p. 32.
- Saianda, Ana, 'Seitas Ao Deus Dará', *Valor* 274, 30 Janeiro a 5 Fevereiro 1997, pp. 59-60.
- Tavares, Anne-Claire, 'A Intranet', *Tecnidata News*, Outubro/Novembro /Dezembro 1996, pp. 18-21.

Artigos, ensaios, comunicações e discursos Em publicação electrónica *

- Acker Acker, S.R. (1995), 'Space, Collaboration, And The Credible City: Academic Work In The Virtual University.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (1).
(Acedível Em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue1/Acker/Acktext.Htm](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue1/Acker/Acktext.Htm))
- Acker Acker, S.R. (1995), 'Space, Collaboration, And The Credible City: Academic Work In The Virtual University.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (1).
(Acedível Em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue1/Img_Jcmc/Resourceuse.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue1/Img_Jcmc/Resourceuse.Html))
- Aycock Aycock, A. (1995), 'Technologies Of The Self: Michael Foucault Online'. *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Msc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Aycock.Html](http://Jcmc.Msc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Aycock.Html))
- Aycock ---- (1993a). "Virtual Play: Baudrillard Online", *In Electronic Journal Of Virtual Culture*,1(7).
- Baym Baym, N. (1995), 'The Performance Of Humor In Computer-Mediated Communication.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Baym.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Baym.Html))
- Bechar-Israeli Bechar-Israeli, H. (1995), 'From (Bonehead) To (Clonehead): Nicknames, Play And Identity On Internet Relay Chat.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Bechar.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Bechar.Html))
- Berthold, M., Sudweeks, F., Newton, S., & Coyne, R. D. (1997), 'Clustering On The Net: Applying An Autoassociative Neural Network To Computer-Mediated Discussions.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Berthold.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Berthold.Html))

Adoptam-se critérios de coerência de sistematização na notação, em todos os casos em que os marcadores tradicionais não entram em conflito com as convenções de código para indicação de endereços electrónicos. Assim, a utilização da alternância maiúsculas/minúsculas e a pontuação apresentam os desvios normativos indispensáveis correcta utilização dos referidos endereços. Do mesmo modo se abdica da utilização normativa do ponto final, uma vez que se pretende evitar a eventual transliteração por parte dos utilizadores não familiarizados com as regras lexicais/semânticas em causa – a utilização de ponto (dot), no final do endereço o levaria a disfunção na utilização prática.

- Bilstad Bilstad, B.T. (1996), 'Obscenity And Indecency On The Usenet: The Legal And Political Future Of Alt.Sex.Stories.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue2/Bilstad.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue2/Bilstad.Html))
- Branscomb Branscomb, A.W. (1996), 'Cyberspaces: Familiar Territory Or Lawless Frontiers.' *Journal Of Computer Mediated-Communication* [On-Line], 2 (1).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue1/Introl.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue1/Introl.Html))
- Chen E Rada Chen, C., & Rada, R. (1996), 'Modelling Situated Actions In Collaborative Hypertext Databases.' *Journal Of Computer Mediated-Communication* [On-Line], 2 (3).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Chen.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Chen.Html))
- Danet Danet, B. (1995), 'Playful Expressivity And Artfulness In Computer-Mediated Communication.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Genintro.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue2/Genintro.Html))
- Danet, B., Ruedenberg-Wright, L., & Rosenbaun1-Tamari, Yehudit. (1997), "Hmmm...Where's That Smoke Coming From?" Writing, Play And Performance On Internet Relay Chat.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Danet.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Danet.Html))
- December, J. (1996), 'Units Of Analysis For Internet Communication.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue4/December.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue4/December.Html))
- Debord, Guy (1967), *La Société Du Spectacle*, [On-Line].
(Acedível em: [Http://Www-Biol.Univ-Mrs.Fr/~Bech/D_Spec/Spec1.Html](http://Www-Biol.Univ-Mrs.Fr/~Bech/D_Spec/Spec1.Html))
- Elkin-Koren, N. (1996), 'Public/Private And Copyright Reform In Cyberspace.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue2/Elkin.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue2/Elkin.Html))
- Garton, L., Haythornthwaite, C., & Wellman, B. (1997), 'Studying Online Social Networks.' *Journal Of Computer Mediated-Communication* [On-Line], 3 (1).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol3/Issue1/Garton.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol3/Issue1/Garton.Html))
- Gordin, D.N., Gomez, L.M., Pea, L.M., & Fishman, B.J. (1996), 'Using The World Wide Web To Build Learning Communities In K-12.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (3).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Gordin.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Gordin.Html))
- Havel, Vaclav (1994), "The Need For Transcendence In The Postmodern World", Discurso Proferido No Independence Hall, Philadelphia, July 4, 1994.
(Acedível em: Youth.Sa@Pix.Co.Za)

- Iwanska, Lucia, "Summary Of The Ijcai-95 Workshop On Context In Natural Language Processing, Nlp", 19 De Agosto, 1995, Montreal, Canadá.
(Acedível em: [Http://www.Cs.Wayne.Edu/Context](http://www.cs.wayne.edu/context))
(Também em Email: Lucja@Cs.Wayne.Edu)
- Jackson, M. J. (1997), 'Assessing The Structure Of Communication On The World Wide Web.' *Journal Of Computer Mediated-Communication* [On-Line], 3 (1).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol3/Issue1/Jackson.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol3/issue1/Jackson.html))
- Jennings, Edward M.(1992), "The Text Is Dead; Long Live The Techst".
Acedível em: [Gopher://Jefferson.Village.Virginia.Edu/0/Pubs/Pmc/Issue 592/Review-4.592](http://gopher://jefferson.village.virginia.edu/0/pubs/pmc/issue592/review-4.592).
- Jones, S. (1997), 'Using The News: An Examination Of The Value And Use Of News Sources In Cmc.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol2/Issue4/Jones.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol2/issue4/Jones.html))
- Kristeva, Julia, (Acedível em: Robin.Escalation@Acm.Org)
- Mabry, E. (1997), 'Framing Flames: The Structure Of Argumentative Messages On The Net.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol2/Issue4/Mackinnon.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol2/issue4/Mackinnon.html))
- Marvin, L.E. (1995), 'Spoof, Spam, Lurk And Lag: The Aesthetics Of Text-Based Virtual Realities.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (2).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol1/Issue2/Marvin.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol1/issue2/Marvin.html))
- Mateas, M., & Lewis, S. (1996), 'A Moo-Based Virtual Training Environment.' *Journal Of Computer Mediated-Communication* [On-Line], 2 (3).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol2/Issue3/Mateas.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol2/issue3/Mateas.html))
- Mclaughlin, M.L. (1996), 'The Art Site On The World Wide Web.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol1/Issue4/Mclaugh.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol1/issue4/Mclaugh.html))
- Mclaughlin, Tim, [Robin.Escalation @ Acm.Org](mailto:Robin.Escalation@Acm.Org)
- Morris, M., & Ogan, C. (1996), 'The Internet As Mass Medium.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.Il/Vol1/Issue4/Morris.html](http://jcmc.huji.ac.il/vol1/issue4/Morris.html))
- Negroponte, Nicholas,
Url: [Http://Nicholas.Www.Media.Mit.Edu/People/Nicholas/Wired3-09.html](http://nicholas.www.media.mit.edu/people/nicholas/wired3-09.html)
- Newhagen, J.E., Rafaeli, S. (1996), 'Why Communication Researchers Should Study The Internet: A Dialogue.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (4).
(Acedível em: [Http://www.Usc.Edu/Dept/Annenberg/Vol1/Issue4/Rafaeli.html](http://www.usc.edu/dept/annenberg/vol1/issue4/Rafaeli.html))

- Parks, M.R., & Floyd, K. (1996), 'Making Friends In Cyberspace.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue4/Parks.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue4/Parks.Html))
- Perrone, C., Repenning, A., Spencer, S., & Ambach, J. (1996), 'Computers In The Classroom: Moving From Tool To Medium.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2(3).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Perrone.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Perrone.Html))
- Rafaeli, S., & Sudweeks, F. (1997), 'Networked Interactivity.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Rafaeli.Sudweeks.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Rafaeli.Sudweeks.Html))
- Rafaeli, S., McLaughlin, M., & Sudweeks, F. (1997), 'Editors' Introduction To Network And Netplay.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Editorsintro.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Editorsintro.Html))
- Rheingold, Howard (1992), 'A Slice Of Life In My Virtual Community': Hlr@Well.Sf.Ca.Us.
- Sarkar, M.B., Butler, B. & Steinfield, C. (1995), 'Intermediaries And Cybermediaries: A Continuing Role For Mediating Players In The Electronic Marketplace.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (3).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue3/Sarkar.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue3/Sarkar.Html))
- Savicki, V., Lingenfelter, D., & Kelley, M. (1996), 'Gender Language Style In Group Composition In Internet Discussion Groups.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (3).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Savicki.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue3/Savicki.Html))
- Shank, G. (1993), 'Abductive Multiloguing: The Semiotic Dynamics Of Navigating The Net', *In The Arachnet Electronic Journal On Virtual Culture*, 1(1).
[Url:Ftp://Ftp.Lib.Ncsu.Edu/Pub/Stacks/Aejvc/Aejvc-V1n01-Shank-Abductive](ftp://Ftp.Lib.Ncsu.Edu/Pub/Stacks/Aejvc/Aejvc-V1n01-Shank-Abductive)
- Smith, C. B. (1997), 'Casting The Net: Surveying An Internet Population.' *Journal Of Computer Mediated-Communication* [On-Line], 3 (1).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol3/Issue1/Smith.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol3/Issue1/Smith.Html))
- Smith, C. B., McLaughlin, M. L., & Osborne, K. K. (1997), 'Conduct Control On Usenet.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Smith.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Smith.Html))
- Voiskounsky, A. E. (1997), 'The Relcom Network: An Investigation Of Its Users.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Voiskounsky2.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Voiskounsky2.Html))
- Walsh, Bruce W. J., 'What Is Canada? An Identity In Question', *Cultural Studies Times*,
[Url: Http://Www.Thomson.Com/Routledge/Cst/Walsh.Html](http://Www.Thomson.Com/Routledge/Cst/Walsh.Html).

- Weinstein, Deena (1996), 'Celebrity As Simulacrum', *In Ctheory*.
- Wheeler, Elizabeth (1991), "Bulldozing The Subject." *In Postmodern Culture* 1.3 (May, 1991) Raleigh, Nc.
(Acedível em Wheeler.591 Em Listserv@Listserv.Ncsu.Edu)
(ou Pmc@Unity.Ncsu.Edu (65 Paragraphs).)
- Wheeler, B.C., Valacich, J.S., Alavi, M., & Vogel, D. (1995), 'A Framework For Technology-Mediated Inter-Institutional Telelearning Relationships.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 1 (1).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue1/Wheeler/Essay.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol1/Issue1/Wheeler/Essay.Html))
- Wilson, 'Cyberwar, God And Television: Interview With Paul Virilio', Por Louise Wilson In *Ctheory* 21 Outubro 1994, Tradução Gildas Illien.
- Witmer, D. (1997), 'Risky Business: Why People Feel Safe In Sexually Explicit On-Line Communication.' *Journal Of Computer-Mediated Communication* [On-Line], 2 (4).
(Acedível em: [Http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Witmer2.Html](http://Jcmc.Huji.Ac.II/Vol2/Issue4/Witmer2.Html))

Livros

Douglas Coupland

- (1991; 1995), *Generation X: Tales for an Accelerated Culture*, St. Martin's Press, New York e Abacus, Great Britain.
- (1992; 1993), *Shampoo Planet*, Simon & Schuster Inc., Pocket Books, New York e Touchstone, Great Britain.
- (1994; 1995), *Life after God*, Simon & Schuster Inc., Pocket Books, New York e Touchstone, Great Britain.
- (1995), *Microserfs*, (1ª edição), HarperCollins, Flamingo, London.
- (1996), *Polaroids from the Dead*, (1ª edição), HarperCollins, ReganBooks, New York.

Catálogo

- (1994), *Contemporary Decades: Emily Carr Institute of Art and Design*, Catálogo de ensaios por Sam Carter, Guest Curator Douglas Coupland, Letia Richardson, Charles H. Scott Gallery, Vancouver, pp. 64-94.

Narrativas em suporte electrónico

Coupland "Microserfs : Seven Days in the Life of Young Microsoft".

Primeira edição: Wired, vol. 2, no. 1 (Janeiro, 1994).

Versão electrónica original: URL: gopher://wired.com.

(Também acedível em:

URL: gopher://tern.csulb.edu/0/colleges/cba/faculty/rlewis/papers/micro

URL: [gopher://gopher.etext.org/0/Quartz/wired/2.01/features/microserfs.gz](http://gopher.etext.org/0/Quartz/wired/2.01/features/microserfs.gz)

URL: <http://www.umd.umich.edu/~nhughes/htmldocs/micro.html>)

URL: <http://www.dts.harris.com/~sabat/microserfs.html>

"This Bridge Is Ours", Vancouver Magazine, Vol. 27, No. 2 (March 1994).

(Também acedível em:

URL: http://www.vanmag.com/9402/This_Bridge.html)

"Intimate Distance and the Power of Memory", narrativa online

Artigos de Douglas Coupland

Em publicações periódicas

Coupland, 'The irony board: a survey of words that can only be used 100% ironically', New Republic, Nov 2, 1992, Vol.207 Nº 19, p. 12 (1).

'Biz Lit 101', New Republic, Nov 30, 1992, Vol.207 Nº 23, p. 9 (1).

'Preplexed', New Republic, Dec 28, 1992, Vol.207 Nº 27, p. 14 (1).

'The irony board II: a continuing survey of words that have become 100% ironic', New Republic, Feb 1, 1993, Vol.208 Nº 5, p. 16 (1).

'1-800-mob-rule', New Republic, Feb 22, 1993, Vol.208 Nº 8, p. 11 (1).

'Millennium chart', New Republic, March 29, 1993, Vol.208 Nº 13, p. 12 (1).

'Blue Cross, Mr. Dali The surreal world of health care reform', New Republic, April 19, 1993, Vol.208 Nº 16, p. 9 (1).

'Godspell 2: the eliminator', New Republic, May 17, 1993, Vol.208 Nº 20, p. 10 (1).

'Where your Girl Scout cookie dollar goes', New Republic, June 14, 1993, Vol.208 Nº 24, p. 10 (1).

'Acid Canyon: Los Alamos's retro resort', New Republic, Feb 7 1994, Vol.210 Nº 6, p. 15 (2).

'Harolding: my teenage obsession', New Republic, Feb 21 1994, Vol. 210 Nº 8, p. 19 (2).

'James Rosenquist: F-111', Artforum, April 1994, Vol.32 Nº 8, p. 94 (2).

- 'Peace: postcard - Palo Alto', New Republic, May 9, Vol.210(19), p. 10 (2).
 'Life after God: the first generation raised without religion. (excerpt from Life After God) (Resurrection of the Religious Imagination)', New Perspectives, Quarterly, Spring 1994, Vol.11 Nº 2, p. 8 (2).
 'Toys that bind: Legoland - postcard', New Republic, June 6, 1994, Vol.210 Nº 23, p. 9 (2).
 'Los Angeles 90049: dreams and displacement in Brentwood', New Republic, Dec 19, 1994, Vol.211 Nº 25, p. 18 (7).
 'Generation X'd', Details, June, 1995, p. 72 (1).
 'Clone, Clone on the Range', Time, March 10, 1997, p. 48, (2).
 'McDiana' Max, 1997, (apenas em versão italiana)
 URL: <http://inv.aau.dk/~bogus/>

Entrevistas a Douglas Coupland **Publicadas na imprensa**

- "interview", The Dallas Morning News, September 3, 1995.
 "Douglas Coupland is NOT the Voice of Our Generation", Link, August / September, 1995.
 "Doug Coupland's New Phrase", The Washington Post, July 13, 1995.
 "Wired to Technological Times", USA Today, July 6, 1995.
 "Has Catchphrase Will Travel", Chicago Sun-Times, July 2, 1995.
 "interview", The Washington Times, June 28, 1995.
 "'X' Ends", The Dayton Daily News, June 23, 1995.
 "Generation X" Author on High-Tech Book Tour', Reuters World Service, June 7, 1995.
 "From Gen X to Microsoft", The San Diego Union-Tribune, June 6, 1995.
 "Coupland interested in everything except being youth spokesman", The Commercial Appeal (Memphis), June 4, 1995.
 "'X' Marks the Spot", St. Louis Post-Dispatch, June 1, 1995.
 "On-Line with the Ex-Mr. Gen X", Los Angeles Times, May 31, 1995.
 "Coupland's Latest Looks at Lives of Software Serfs", The Toronto Star, May 13, 1995.
 "Generation X' Author Predicts Technology Will Doom Groupings", The Columbus Dispatch, February 3, 1995.
 "interview", The Fryburger, January, 1995.
 "A half-remembered conversation", The Idler, July/August, 1994.
 "Life after X", The Irish Times, July 2, 1994.
 "Author Goes Beyond Generation X, Sets Out to Find God", The Sunday Gazette Mail, June 12, 1994.

- "Taking His Angst a Step Further", The Fresno Bee, June 5, 1994.
- "No More McJobs for Mr. X", The New York Times, May 29, 1994.
- "Generation X", CNN Show: Heads Up, May 28, 1994.
- "Generation X Voice Embarks on Journey to Learn About God", March 30, 1994.
- "Generation X Author's Dad Generated Trust", The Vancouver Sun, March 29, 1994.
- "Coupland: An Elder Statesman", Chicago Sun-Times, March 27, 1994.
- "He who dubbed us Generation X", The Ottawa Citizen, March 23, 1994.
- "Metaphysics and Other Stuff", The Toronto Star, March 23, 1994.
- "Waiting for Doug", The Ottawa Citizen, March 19, 1994.
- "To Ignore Generation X", Chicago Tribune, March 14, 1994.
- "X Marks The Spot", News Tribune, March 13, 1994.
- "A News Generation likes Pop in its Books", Sacramento Bee, March 11, 1994.
- "The X-Man", USA Today, March 7, 1994.
- "Life after Irony?", The San Francisco Chronicle, March 1, 1994.
- "When Twentysomethings Reach Thirthy", The Detroit News, March ?? 1994.
- "Writing for Generation X", The Atlanta Journal and Constitution, March 7, 1994.
- "The Prophet of Irony summons the McJob Generation", The Independent on Sunday, March 6, 1994.
- "Coupland eschews his Generation X irony", The Baltimore Sun, March 2, 1994.
- "One", The Vancouver Sun, February 22, 1994.
- "Veneration X", The Washington Post, February 22, 1994.
- "Coupland's Coup at Embassy", The Washington Times, February 24, 1994.
- "Out of the Ghetto", The Independent, December 18, 1993.
- "Chronicling Post-Boomers", USA Today, September 21, 1992.
- "Grouchy, Lens-Shy, Talented", The Ottawa Citizen, September 25, 1992.
- "King of Hip", The Montreal Gazette, September 20, 1992.
- "Author Turns His Eye to a New Generation", Orlando Sentinel Tribune, September 16, 1992.
- "To Label Lovers Everywhere", The Times, August 17, 1992.
- "Global Teens", U.S. News & World Report, August 17, 1992.
- "The Nonvoice of a Nongeneration", The Boston Globe, August 12, 1992.
- "Boomer Backlash", Los Angeles Times, June 12, 1991.

Entrevistas a Douglas Coupland

Com acesso online

Entrevistas a Douglas Coupland acedíeis em: Shumann Chung,
spiff@interlog.com

in spiff@interlog.com 'Interview with Douglas Coupland' por Alexander
Laurence.

ibid. 'A look inside the man who writes the books.'

ibid. 'The X-Man', USA Today, March 7, 1994 por Mike Snider.

ibid. 'When Twentysomethings Reach Thirty', in Gannett News Service, March
21, 1994, por Ruth Coughlin.

ibid. 'Discussion of differences between Life After God and Generation X',
March 21, 1994.

ibid. 'The Metroactive Interview'

ibid. 'They go into discussing about him and Silicon Valley'.

ibid. 'On-Line With the Ex Mr. Gen X' Los Angeles Times, May 31, 1995 por
Dennis Romero

ibid. 'Interview by email: what an idea!' (May 31, 1995).

ibid. 'The X-Man'

ibid. 'For a person who talks about technology, he likes going back to basics'
(June 6, 1995).

ibid. 'AOL LiVe CHaT', America Online, 1995

ibid. 'Wired Magazine's announcement regarding his chitchat on AOL.'

ibid. 'AOL LiVe CHaT TRaNSCRiPT'

ibid. 'Interview by those out of control AOLers of him.'

ibid. 'Douglas Coupland, Wired to Technological Times', USA Today, July 5,
1995, por Deirdre Seiler

ibid. 'He's hard to keep up with, eh?' (July 5, 1995).

ibid. 'Douglas Coupland Is Not the Voice of Our Generation.', Link, Link
Magazine's Interview, August/September, 1995, por Ty Wenger

ibid. 'Douglas Coupland in RealAudio on RealTime'

ibid. 'A recording of an interview with Douglas Coupland by CBC.'

ibid. '15 mumbling minutes with Douglas Coupland', Varsity, Universidade de
Toronto, September 28, 1995, por Conan Tobias

ibid. 'An odd interview from the University of Toronto's the Varsity'
(September 28, 1995).

ibid. 'Doug Coupland and the human world'

ibid. 'A lengthy interview from the Toronto Star' (October 7, 1995).

ibid. 'An interview with Coupland in Portugese.'

(Reprodução de excertos do número 498 da publicação Blitze).

ibid. 'Riot Ukes Interviews Douglas'.

ibid. 'A short but good interview with him.'

Entrevistas a Douglas Coupland acessíveis noutros endereços

- Reuter *online* "'Generation X' author on high-tech book tour' da Agência Reuter, Junho 6, 1995 por Martin Wolk.
- 'An interview with Douglas', in *Alternative-X*, 1994, por Alexander Laurence, URL: <http://marketplace.com/0/alt.x/interviews/douglas.coupland.html>
- 'Douglas Coupland Is Not the Voice of Our Generation', Link, s/data, por Ty Wenger
- 'Doug Coupland and the human world', *Toronto Star*, October 7, 1995, por Philip Marchand
- 'A half-remembered conversation with Douglas Coupland', *The Idler*, Issue 5, July-August 1994, por Tom Hodgkinson
- 'An interview with Douglas Coupland', *The Times*, August 17th, 1992, p.4, por Kate Muir.
- 'Life after X', *The Irish Times*, July 2, 1994, por Brian Boyd

Recensões e crítica em publicações electrónicas

- Anon. Vancouver Village Biography, Doug Coupland, URL: http://www.vanmag.com/People/Douglas_Coupland.html
- Bell E. V. Bell, in Ed's Internet Book Review, URL: <http://www.clark.net/pub/bell/>.
- Blythe Will Blythe (1994), "Doing laundry at the End of History", in *Esquire*, March, 1994. URL: http://www.cybercity.hko.net/toronto/s_chung/coupland/crit1.html
- Brock Steve Brock, in Book Reviews on the Internet, URL: <http://ucsub.colorado.edu/~brock>
- Brock Steve Brock, 'MICROSERFS', URL: scp2@socsci.soton.ac.uk
- Davies Jennifer Davies (s/data), 'Mr. Outside', *metroActive*, features, URL: <http://www.boulevards.com>
- Glitzer David Glitzer, in *eye WEEKLY*, 1995, URL:
- Jon jon, URL: <http://radon.gas.uug.arizona.edu/~jon>
- Kociemba David Kociemba, 'GenX: The will to power and X's anger at the stolen American dream',
- Kroker Arthur and Marilouise Kroker (eds.), *CTHEORY*, Concordia University, Montreal, Canada, URL: ctheory@vax2.concordia.ca
- Milhous 'Life After God', Jun 21, 1995, Milhous

Waters Juliet Waters, "Microserfs" by Douglas Coupland', 09 Jun 1995

URL: scp2@socsci.soton.ac.uk

Weintraub Scott Weintraub, "Microserfs" by Douglas Coupland', 10 Jun 1995

URL: scp2@socsci.soton.ac.uk

Wolk Martin Wolk (1995), "Generation X" Author on high-tech book tour», da Reuters, Junho, 6, 1995.

URL: <http://www.interlog.com>

Recensões e crítica em publicações periódicas com acesso *online*

in CHUNG Shumann Chung, URL: <http://www.interlog.com/~spiff/coupland/>
ou spiff@interlog.com

ibid Canadian Forum, January-February 1993, pp. 41-42

ibid Esquire, March 1994, pp. 170-171

ibid Globe and Mail, September 5, 1992

ibid Maclean's, August 24, 1992, p. 60

ibid Minnesota Review, Fall 1992-Winter 1993, pp. 183-185

ibid New Criterion, April 1994, pp. 79-80

ibid New Statesman and Society, May 29, 1992, p. 40

ibid. New York Times Book Review, May 8, 1994, p. 13

ibid. Newsweek, January 27, 1992, p. 58

ibid. Observer, August 7, 1994, p. 22

ibid. Paragraph, Fall 1994, pp. 32-33

ibid. People, October 14, 1991, pp. 105-106

ibid. People, April 25, 1994, pp. 31-32

ibid. Publishers Weekly, February 1, 1991 p. 77

ibid. Publishers Weekly, June 15, 1992, p. 82

ibid. Quill and Quire, February 1994, p. 24

ibid. Time, October 19, 1992, p. 78

ibid. Times (London), June 4, 1992, p. 6

ibid. Times Literary Supplement, February 19, 1993, p. 23

ibid. USA Today, March 7, 1994, D1-D2

ibid. Vanity Fair, March 1994, pp. 92, 94

ibid. Village Voice Literary Supplement, November 1992, p. 25-27

Recensões e crítica em publicações periódicas

- Amidon Stephen Amidon, s/título, The Sunday Times, 7th March, 1993, p. (7), 13.
- Anon. Anónimo, 'Life After God – Review', The Observer, 19th February, 1995, p. 21.
- Beckett Andy Beckett, 'Microserfs', The Independent, 12th November, 1995, p.22.
- Evans Julian Evans, 'Shampoo Planet – Review', The Guardian, 6th April, 1993, p. 8.
- Fraser John Fraser, 'The Dalai Lama of Generation X', Saturday Night, Vol. 109, No. 2 (March 1994), pp. 8-9.
- McQueen Rod McQueen, 'End to identity crisis of Generation X', The Financial Post, November 2, 1992.
- Saynor James Saynor, 'Life After God – Review', The Observer, 7th August, 1994, p. 22.
- Schwiesow Deirdre R. Schwiesow, 'Douglas Coupland, wired to technological times', USA Today, July 6, 1995.
- Young Elizabeth Young, 'Shampoo Planet – Review', The Independent, 28th February, 1993, p. 33.

Opiniões e testemunhos críticos sobre Douglas Coupland na internet (sites ou homepages)

jane "the maverick" (1995), "coupland is a weenie"
<http://www.riotiym.com/features/weinie/weinie.html>

Heather Chandler (1996) , "The Cult of Coupland"
<http://www.cadvision.com/spank/foc24.htm>

ReganBooks/HarperCollins Canada, "Early Comments"
<http://www.harpercollins.com/canada/deadcom.htm>

Kevin Hoffman and Aaron Bennett, "The Evolution of "Ugly" Doug Coupland"
<http://cobweb.washcoll.edu/Student.Pages/Kevin.Hoffman/Doug.html>

Malcolm MacLachlan (1996), "Gen X' author analyzes", Palo Alto, 24, Abril, 1996
http://www.pawebkly.com/PAW/morgue/news/1996_Apr_24.COUPLAND.html

Authors on the Web

<http://www.li.net/~scharf/writers.html>

Ed's Internet Book Review

<http://www.clark.net/pub/bell/review/general/index.shtml>

Erik Mortensen (1992), "A CouplandPage"

<http://www.imv.aau.dk/~bogus/douglas/dcframes.html>

Tony (1991), "A CouplandPage"

<http://boris.qub.ac.uk/tony/coupland>

Fontes de referência e bibliografia específica sobre o construto "Generation X"

Bartlett John W. Bartlett (ed.) The Future Is Ours: A Handbook for Student Activists in the 21st Century, Henry Holt and Company, Canada.

Bogosian Eric Bogosian (1994), subUrbia, a screenplay, Theatre Communications Group, Inc.

Dennett Daniel C. Dennett, 'Entertaining search for the x factor', Financial Times, 5-6 October 1996, p. 14.

Holtz Geoffrey T. Holtz, (1995), Welcome to the Jungle: The Why Behind Generation X, St. Martin's Griffin, New York.

Linklater Richard Linklater (1997), subUrbia, realização cinematográfica da peça de Bogosian.

Tulgan Bruce Tulgan (1996), Managing Generation X: How to bring out the best in young talent, Capstone, Oxford Centre for Innovation, Oxford.

Sem elementos completos !!!

Patrick McNamara O, "All is not lost: teaching Generation X", Commonwealth Magazine,

Neil Howe and Bill Strauss (1993), Thirteenth Generation: Abort, Retry, Fail?,

David Lipsky and Alexander Abrams O, Late Bloomers: Coming of Age in Today's America - The Right Place at the Wrong Time,

William Mahedy and Janet Bernard (1994), A Generation Alone,

- Elizabeth Wurtzel (1994), *Prozac Nation: Young and Depressed in America*,
Houghton Mifflin,
- Donald L. Barlett and James B. Steele O, "America: Who Really Pays the
Taxes?",
- Donald L. Barlett and James B. Steele O, "America: What Went Wrong?",
- Richard Morin, O, "Much Ado About Twentysomethings",
- Douglas Brinkley O, "Educating the Generation Called 'X'",
- Ruth Conniff O, "Talk About My Generation",
- Anon. O, "Generation X-onomics" *The Economist*,
"Targeting the Stoned Cyberpunk", a marketing research report for the
Lollapalooza festival, excerpted in *Harper's Magazine*

